UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA - NCET
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGEO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DANÚBIA ZANOTELLI SOARES

O LUGAR DO MEDO: VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINAS, SOB O OLHAR GEOGRÁFICO

PORTO VELHO - RONDÔNIA

2019

DANÚBIA ZANOTELLI SOARES

O LUGAR DO MEDO: VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINAS, SOB O OLHAR GEOGRÁFICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Ciências Exatas e da Terra, do Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia – PPGG, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: TSP – Território e Sociedade na Pan Amazônia

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva.

PORTO VELHO – RONDÔNIA

2019

Dados catalográficos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S676l Soares, Danúbia Zanotelli.

O lugar do medo: violência sexual contra meninas sob o olhar geográfico / Danúbia Zanotelli Soares. -- Porto Velho, RO, 2019.

190 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Maria das Graças Siva Nascimento Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Gênero. 2.Violência Sexual. 3.Lugar. 4.Fenomenologia. 5.Percepções. I. Silva, Maria das Graças Siva Nascimento. II. Título.

CDU 343.541-055.26

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
E DOUTORADO EM GEOGRAFIA
Ambiente e Território na Pan-Amazônia

Ministério da Educação - MEC
Universidade Federal de Rondônia - UNIR
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra - NCET
Departamento de Geografia – DGEO/UNIR
Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG/UNIR

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Danúbia Zanotelli Soares

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pela Orientadora e Presidente **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** - Examinador Interno/PPGG/UNIR; **Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante** - Examinadora Interna/PPGG e **Profa. Dra. Rosa Martins Costa Pereira** - examinadora Externa/IFRO, reuniram-se em 12 de setembro de 2019, às 9h, no Auditório Milton Santos/CEGEA/UNIR/Bloco 1T, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: **"O Lugar do Medo: Violência Sexual Contra Meninas, Sob o Olhar Geográfico"** da mestranda **Danúbia Zanotelli Soares**, matrícula **20181000887**. Após a explanação da pós-graduanda e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADA. A Candidata terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada e a comprovação do cumprimento dos demais créditos, conforme Regimento Interno. ***Este documento tem validade de 90 dias a contar desta data.***

Porto Velho-RO, 12 de setembro de 2019.

Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Orientadora e Presidente

Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Examinador Interno/PPGG/UNIR

Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante
Examinadora Interna/PPGG/UNIR

Rosa M. C. Pereira
Profa. Dra. Rosa Martins Costa Pereira
Examinadora Externa/IFRO

O tempo muito me ensinou: Ensinou a amar a vida; Não desistir de lutar; Renascer e na derrota, renunciar as palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e a ser OTIMISTA. Aprendi que mais vale tentar do que recuar... Antes acreditar do que duvidar, que o que vale na vida, não é o ponto de partida, e sim nossa caminhada.

Cora Coralina.

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a todas as meninas e/ou mulheres, vítimas de abuso sexual, que tiveram sua infância e/ou juventude coisificada, e que de alguma forma, através das lembranças, vivem hoje em prisões sem grade.

AGRADECIMENTOS

Através dos planos de Deus, ingressei no mestrado em geografia na Universidade Federal De Rondônia, a ele o meu primeiro agradecimento, assim como consagro todas as conquistas em minha vida. Deus, em sua infinita bondade, colocou em meu caminho, Profª. Drª. Marília Locatelli (*In Memória*), não tenho dúvida alguma, que ao observar a planilha do edital do programa de mestrado de 2017, ao me identificar com seu nome e seu campo de pesquisa, aquela tranquilidade que senti, foi na verdade, os planos de Deus se concretizando em minha vida.

Minha filha Maria Valentina Macêdo Zanotelli, perdoe-me pela ausência durante este período, mas saiba que, sempre me esforcei para estar mais próxima possível de você, de atender aos seus pedidos enquanto me dividia entre realizar as atividades do mestrado, as atribuições da minha profissão, ao qual fui escolhida, e a maternidade. Mesmo quando impossibilitada de deixar minha mesa de estudos, lhe dava uma caneta e você prontamente corria para debaixo da mesa, desenhar em minhas pernas, jamais vou esquecer esses momentos. Você é meu fôlego, meu esteio, meu chão, que diante da gravidade do problema em pesquisa, me dá forças para debater sobre o tema, e promover a máxima visibilidade possível no intuito de cessar essa prática criminosa.

Aos meus pais Nelson de Oliveira Soares (*in memória*) e Ivanilde Maria Zanotelli Soares, que diante e de tantas dificuldades criaram seis filhos e os conduziram no caminho do bem. Suas mãos calejadas, e a vivencia do trabalho árduo no campo, representaram não somente o sustento dos filhos, mas exemplo de vida, perseverança, honestidade e integridade que ambos possuem. Tomarei a liberdade de usar o verbo no presente, uma vez que considero a presença de meu pai uma constante em minha vida, no dia a dia e principalmente, nos momentos difíceis em minha trajetória profissional e pessoal. Nossos momentos de pai e filha, de tanto carinho (ao seu modo), de sua força e fé, são hoje lembranças, saudade e coragem, que me ajudam a percorrer o meu caminho.

Minha mãe Ivanilde Maria Zanotelli Soares, agradeço por sua vida e por ser essa mulher sábia, guerreira e forte. Inúmeras vezes olhei em seus olhos e em sua face e me questionei: De onde vem tanto vigor? A resposta seja talvez mais simples do que se possa imaginar: a vontade de criar os filhos, de educá-los, e simplesmente

por tê-los. Rogo a Deus condições, para que eu possa retribuir a tudo que fez por mim e meus irmãos, no exercício da maternidade.

Aos meus irmãos, que tanto me orgulho, tenho certeza que nossa infância, presenciando o trabalho árduo de nossos pais, nos conduziu a sermos pessoas de bem, que longe de ser perfeitos, mas que carregam no coração tudo o que o mundo precisa: Empatia. Aos meus sobrinhos, pedacinhos de amor, de alegria, de esperança e de sonhos, que tanto alegram minha vida, de tudo o que desejo, o mundo como um lugar melhor para se viver, é uma prece constante, levando em consideração que vocês vivem sobre esse espaço. A você, Quélton Macêdo da Silva, por ser o melhor pai que nossa filha poderia ter. Agradeço por sua vida, e por ser essa pessoa íntegra, honesta e de um coração tão grande quanto seu ser. Obrigada por todos os momentos que esteve ao meu lado, e que me trouxe tranquilidade e apoio.

A minha querida professora orientadora Maria das Graças Silva Nascimento silva, que me acolheu de braços abertos, e desde o inicio disse: Faremos um ótimo trabalho! Seu projeto é algo de encher os olhos. Essas palavras me confortavam perante um novo caminho, de incertezas e desafios. Devo confessar que com toda a minha ansiedade, concomitante a responsabilidade na construção de uma pesquisa, estive com os nervos a flor da pele. Porém, sua experiência profissional, seu carisma e seu acolhimento materno, me fazia sair da ilha que eu me encontrava, e observar a mim mesma, tão grande perante aquilo que me incomodava. Por ti, eterna gratidão.

Ao professor Dr. Josué da Costa Silva, o cara da Epistemologia da geografia! Sorte de quem tem o privilégio de conviver e aproveitar de seus conhecimentos. Seu coração bondoso e sua vontade de ver seus alunos pós-graduandos construindo importantes caminhos epistemológicos, é motivo de inquietude. Mas saiba professor, que o senhor nos estimula a sair da nossa zona de conforto, no intuito de fazer ciência. Obrigada. Muito obrigada.

A minha grande amiga da pós-graduação para a vida Claudia Cleomar Araújo Ximenez Cerqueira, minha irmãzinha. Tenho um enorme carinho por você, e admiração pela pessoa de coração grande e batalhadora que É. Rogo a Deus que te abençoe e que realize seus sonhos, é mais que merecedora. As minhas amigas, Ruth Machado, Isaurina Isaura de Araújo e Edlaine Ronconi de Abreu Dias, divido com vocês essa conquista, por tantas vezes que ajudaram a segurar meu mundo, e principalmente, pelo incentivo e confiança. Pessoas de índole incontestável, éticas, profissionais, e que como poucos, enxergam os outros com o coração. Minha luta para

cursar o mestrado, foi presenciada por vocês, luta esta não somente por questões do dia a dia, mas principalmente, pela amargura do ser humano que diante das realizações alheias, tecem e constroem ações que desmoralizam, caluniam, e trazem danos à saúde mental do outro (a). Agradeço ainda ao meu colega de trabalho José Azevedo, pela amizade, consideração e por toda ajuda durante meu mestrado, jamais irei me esquecer de seu auxílio. A vocês apenas gratidão, gratidão e gratidão.

A tia (babá) Amália Tavares, um anjo que Deus concedeu para cuidar de minha pequena, sobretudo, quando estou ausente. Sou infinitamente grata a ti, que realiza seu trabalho maravilhosamente bem, sendo tia, babá, e por que não dizer: Mãe da Maria Valentina. Todo amor que ela sente por você, é o reflexo do que a senhora têm sido para ela, desde os 07 meses de vida. Palavras não são possíveis para agradecer o que significa para nós. Muito Obrigada!

As mulheres participantes da pesquisa, que quando crianças ou adolescentes tiveram sua infância e juventude coisificada. Sua coragem, seus relatos, suas memórias, foram essenciais na concretização deste estudo. Em cada entrevista, confirmei a necessidade de falar sobre o problema, de colocar as práticas criminosas resultantes do abuso sexual ao conhecimento da comunidade, que tantas vezes reduzem a gravidade dos fatos, e colocam a vítima em situação de descrença. A todos os servidores dos órgãos públicos que lidam diretamente com o fenômeno, e que contribuíram com suas experiências, para a solidificação da pesquisa, meu muito obrigado.

Aos excelentes profissionais que tive contato ao longo de minha formação na educação básica pública, e principalmente a alguns professores que além de exercer maravilhosamente a docência, me despertaram a escolher o caminho da educação, como exercício profissional. Hoje leciono para alunos de escola pública, e acredito que a educação tem um papel fundamental na vida dos seres humanos, assim como tenho certeza que minha postura em sala de aula e no ambiente de ensino, influencia muitos adolescentes e jovens, a sonhar com um futuro melhor, e a escolher o caminho da educação.

Ao senhor Luiz Inácio Lula Da Silva, eterno presidente Lula, que mudou a vida de tantos brasileiros através de sua política e seus programas sociais voltadas aos menos favorecidos. Durante o período de privação de liberdade, suas ideias continuaram soltas e estimularam muitos brasileiros a sonhar, e valorizar a democracia como direito de cada cidadão, como donos de suas escolhas. Lembro-me

o quanto era difícil à vida de pais de família, em governos anteriores, sentíamos na pele o preço de pertencer à família de baixa renda, de ser “pobre” de bens em um país, onde a posse de bens mede o valor do ser humano. Através de suas políticas, vi a vida de minha família mudar para melhor, e aproveitei as oportunidades concedidas através de seu governo, a tantas filhas e filhos de família de baixa renda.

Meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela concessão da Bolsa de Estudo, que subsidiou a aquisição de livros didáticos, participações em eventos e foi de suma importância para a construção desta pesquisa. Agradeço ainda, ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, que através do seu corpo docente, composto por Doutores e Pós-doutores, possibilitam a pesquisadoras e pesquisadores trilharem no caminho da ciência, e proporcionam condições para tornar-se mestres e doutores.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero (GEPGENERO) da Universidade Federal de Rondônia, que há 19 anos sob a coordenação da Profª. Drª. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, traz à ciência geográfica o debate acerca dos problemas decorrentes das relações desiguais de gênero na sociedade. A participação das pesquisadoras e pesquisadores, de vários campos científicos, que encontram na geografia o lugar para desenvolver seus estudos, proporcionam trocas de experiências e quebra de paradigmas, dando visibilidade aos fenômenos através das produções de cada membro.

Estendo ainda meus agradecimentos à primeira mulher presidenta deste país, que desde o período da ditadura, ao relatar os momentos de tortura, nos conduz a compreensão da força de uma mulher. A cassação de seu mandato, de maneira injusta, demonstra que há longos caminhos a percorrer, para que mulheres e homens desfrutem em equidade, em uma sociedade com resquícios patriarcais.

RESUMO

A presente pesquisa geográfica de análise de gênero tem por objetivo discutir os atos de abuso sexual contra meninas (crianças e adolescentes) nas relações intrafamiliares, bem como as consequências desse processo ao desenvolvimento humano e subjetivo, responsável ainda pelo surgimento de lugares de medo. A análise de porcentagens de abusos cometidos contra crianças e adolescentes no território brasileiro, de ambos os gêneros, foram importantes, ainda que a pesquisa seja de natureza qualitativa, no intuito de demonstrar que o gênero feminino compõe os maiores números de registros. O conhecimento acerca da relação parental entre a vítima e o agressor, foi também possível através da análise documental em sítios eletrônicos oficiais, e principalmente, através dos agentes participantes da pesquisa. Na fase adulta, as mulheres carregam lembranças e sentimentos relativos aos atos de abuso sexual sofrido, seja por meio das recordações, sentimento de medo, nojo, ou através de doenças/transtornos desenvolvidos e que estão diretamente atrelados ao crime. Todas as vítimas participantes do estudo relataram que além da violação do corpo, foram submetidas à violência psicológica, física e verbal, situações essas apontadas em suportes bibliográficos de autoras e autores que se debruçaram em analisar a teia que envolve a família incestuosa. As entrevistas realizadas com profissionais que trabalham no atendimento as vítimas de abuso sexual, principalmente crianças e adolescentes, nos forneceram informações valiosas, uma vez que estão diretamente em contato com o fenômeno pesquisado. Assim, foi possível estudar a faixa etária das vítimas e a condição socioeconômica, e através de suas análises, tentar compreender o perfil do agressor, ao qual afirmamos não haver características peculiares ao grupo. A visita ao sistema carcerário e as entrevistas com agentes penitenciários, nos proporcionou informações importantes acerca dos abusadores, seu comportamento e convívio no interior do sistema prisonal. A participação de dois sujeitos, condenados por crime de abuso sexual contra criança e adolescente, do gênero feminino, nos conduziram ao conhecimento da vida do agressor, que por tantos indivíduos, inclusive pesquisadores, são ignoradas, quando optam apenas pelo conhecimento acerca da vida da vítima. Consideramos a pesquisa com abusadores, um importante elemento no presente estudo, que o diferenciou e o enriqueceu, a partir dos relatos obtidos em relação às percepções, lembranças, e ao “mundo de medo” que os agressores compartilham, em privação e liberdade. A pesquisa solidificou-se através do método fenomenológico, com ênfase na fenomenologia de Gaston Bachelard, produção e análise de mapas mentais, entrevistas, e pesquisas bibliográficas, de acordo com as categorias de análises do estudo: Lugar e Gênero. Para tanto, autores como Heleieth Saffioti, Joseli Maria Silva, Joan Wallach Socott, Judith Butler, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Michel Foucalt, Hanna Arendt, Anne Buttimer, Joel Candal, Otto Frederich Bollnow, Yi-Fu Tuan, Salete Kozel, Edward Relph e Merleu-Ponty, dentre outros, foram de suma importância. Acreditamos ter alcançado os objetivos propostos, e principalmente percorre caminhos ainda invisibilizados, no qual a prática, solidificada através do machismo, do patriarcado e do sentimento de impunidade, continua a coisificar o corpo de meninas/mulheres.

Palavras-Chave: Gênero; Violência Sexual; Lugar; Fenomenologia; Percepções.

RESUMEN

La presente investigación geográfica de análisis de género tiene como objetivo discutir los actos de abuso sexual contra niñas (niños y adolescentes) en las relaciones intrafamiliares, así como las consecuencias de este proceso para el desarrollo humano y subjetivo, aún responsables de la aparición de lugares de miedo. El análisis de los porcentajes de abusos cometidos contra niños y adolescentes en el territorio brasileño, de ambos sexos, fue importante, aunque la investigación es de naturaleza cualitativa, para demostrar que las mujeres constituyen el mayor número de registros. El conocimiento sobre la relación parental entre la víctima y el autor también fue posible a través del análisis de documentos en sitios web oficiales, y especialmente a través de los agentes que participaron en la investigación. En la fase adulta, las mujeres llevan recuerdos y sentimientos relacionados con los actos de abuso sexual sufridos, ya sea a través de recuerdos, sentimientos de miedo, asco o enfermedades / trastornos desarrollados que están directamente relacionados con el crimen. Todas las víctimas que participaron en el estudio informaron que, además de la violación corporal, fueron sometidas a violencia psicológica, física y verbal, situaciones señaladas en los soportes bibliográficos de los autores y autores que se centraron en analizar la web que involucra a la familia incestuosa. Las entrevistas con profesionales que trabajan en la atención de víctimas de abuso sexual, especialmente niños y adolescentes, nos proporcionaron información valiosa, ya que están directamente en contacto con el fenómeno investigado. Así, fue posible estudiar el rango de edad de las víctimas y la condición socioeconómica, y a través de sus análisis, tratar de entender el perfil del agresor, a lo que afirmamos que no hay características propias del grupo. La visita al sistema penitenciario y las entrevistas con los oficiales de la prisión nos proporcionaron información importante sobre los abusadores, su comportamiento y la cordialidad dentro del sistema penitenciario. La participación de dos sujetos, condenados por un delito de abuso sexual contra niños y adolescentes, nos llevó a conocer la vida del agresor, que muchas personas, incluidos los investigadores, son ignorados, cuando eligen solo conocer la vida del agresor. Victima Consideramos la investigación con abusadores, un elemento importante en el presente estudio, que lo diferencia y enriquece, en base a los informes obtenidos sobre las percepciones, los recuerdos y el "mundo del miedo" que comparten los agresores, en privación y libertad. La investigación se solidificó a través del método fenomenológico, con énfasis en la fenomenología, producción y análisis de mapas mentales, entrevistas e investigación bibliográfica de Gaston Bachelard, de acuerdo con las categorías de análisis del estudio: Lugar y Género. Con este fin, autores como Heleieth Saffioti, Joseli Maria Silva, Joan Wallach Socott, Judith Butler, Mary of Graces Silva Birth, Michel Foucalt, Hanna Arendt, Anne Buttimer, Joel Candal, Otto Frederich Bollnow Edward Relph y Merleu-Ponty, entre otros, eran de suma importancia. Creemos que hemos logrado los objetivos propuestos, y especialmente atravesamos caminos aún invisibles, en los que la práctica, solidificada a través del machismo, el patriarcado y el sentimiento de impunidad, continúa reificando el cuerpo de las niñas / mujeres.

Palabras clave: Género; Violencia sexual; Lugar Fenomenología; Percepciones

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Tríade – Lugar, Desenvolvimento e Comportamento Humano.....28
Figura 2: Fenômeno da Violência Sexual ou Abuso Sexual.....53
Figura 3: As Ramificações Da Geografia Humanística.....64
Imagem 1: Presídio e Albergue – Pesquisa de Campo.....74
Imagem 2: Tristeza durante a construção do mapa mental.....80
Imagem 3: Gratidão em destaque.....81
Imagem 4: Perseverança durante a entrevista.....82
Imagem 5: Rosa cultivada pela entrevistada.....83
Imagem 6: Sombra Albergado 01.....84
Imagem 7: Sombra - Albergado 02.....85
Imagem 8: Nascer do Sol Observado do Interior de Uma Aeronave.....87
Figura 4: Mapa Gratidão e o Lugar dos abusos.....102
Figura 5: Mapa – Gratidão e sua família na ausência do abusador.....105
Figura 6: Mapa – Gratidão e sua família na presença do abusador e no lugar vivido.....115
Figura 7: Mapa mental - Tristeza e as lembranças acerca do lugar dos abusos.....118
Figura 8: Mapa mental - Tristeza e as lembranças acerca do lugar dos abusos.....123
Figura 9: Mapa Gratidão na contemporaneidade.....142
Figura 10: Mapa Tristeza e seu companheiro.....144
Figura 11: Mapa mental - Tristeza e as lembranças acerca do lugar dos abusos.....148
Imagem 8: Artigos Confeccionados Pelos Albergados.....159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Múltiplas Formas da Violência Doméstica.....42
Quadro 2: Violência Sexual No Código Penal Brasileiro.....49
Quadro 3: Caracterização de potenciais abusadores sexuais.....99
Quadro 4: Consequências Físicas e Psicológicas de Crianças e Adolescentes Vítimas De Abuso Sexual.....107
Quadro 5: Efeitos do Abuso sexual de acordo com a fase e/ou idade.....119
Quadro 6: Regime e Quantitativo de Detentos no Estado de Rondônia.....133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual contra crianças no Brasil entre 2011 a 2017.....55
Tabela 2: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual contra adolescentes no Brasil entre 2011 a 2017.....56
Tabela 3: Comportamento de Crianças e Adolescentes que Apresentam Sinais De Abuso Sexual.....96
Tabela 4: Tipos de Abusos Praticados Contra Meninas Consequências Para o Desenvolvimento do “Ser” ao Longo das Fases de Desenvolvimento Subjetivo.....125
Tabela 5: Traumas Desenvolvidos e Carregados ao Longo da Vida Infantil a Fase Adulta das Vítimas e as Consequências para o Convívio Social Resultantes Desse Processo.....145
Tabela 6: Condenados por Crimes contra a dignidade sexual 155

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....15

INTRODUÇÃO.....19

CAPÍTULO I: O GÊNERO NA GEOGRAFIA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....24

1.1 As Categorias de Análise Na Pesquisa: Lugar e Gênero.....25
1.1.1 Lugar: Vivências e Medo.....26
1.2 Gênero como Categoria de Análise e Vias de Estudos.....30
1.3 Lugar e Poder: Violência de Gênero na Contemporaneidade Brasileira.....36
1.4 Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes No Brasil.....44
1.5 Violência Sexual Na Perspectiva De Gênero: Meninas como objetos de desejos e a Vulnerabilidade do Lar.....54

CAPÍTULO II: OS CAMINHOS DA PESQUISA: GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA.....58

2.1 Geografia, Fenomenologia, Método E Técnicas.....59
2.2 Geografia: Da Descrição Da Terra a Análise Do Espaço Vivido.....60
2.3 Método Fenomenológico.....65
2.4 Natureza da Pesquisa – Qualitativa.....69
2.5 Procedimentos Metodológicos e Pesquisa de Campo.....71
2.5.1 Observação Participante e Entrevistas.....76
2.5.2 Mapas Mentais.....77
2.6 Os sujeitos da pesquisa: Psicólogas, Agentes Penitenciários, Vítimas e Abusadores Sexuais.....79

CAPÍTULO III: O ESPAÇO VIVIDO E O LUGAR DO MEDO.....89

3.0 Vítimas, Abusadores, Pacto do Silêncio e a Fragilidade do Lar.....90
3.1 Características das Vítimas de Abuso Sexual e do Abusador.....91
3. 2 Relação Parental da vítima com o Abusador - Os arranjos familiares.....100
3.3 Descrença na fala da vítima.....108
3.4 O Lugar do Crime: Sentimento da vítima com o lugar Vivenciado.....112

CAPÍTULO IV: VIOLÊNCIAS, SILÊNCIOS E GRITOS DA LIBERDADE.....120

4.0 A Condição Sub-Humana das Vítimas de Violência Sexual Intrafamiliar.....121
4.1 Da negação ao ato a Condição de Violência Física e Verbal.....122
4.2 O Pacto do Silêncio e o Silêncio do Socorro.....125
4.3 Rompendo o Silêncio: A Vítima, a Mãe e a Família.....128
4.4 As consequências do Abuso Sexual para o desenvolvimento do "Ser" na infância e adolescência.....132
4.5 A mulher vítima do abuso sexual: relações de afetividade na fase adulta.....139
4.6 As Correntes que Aprisionam: Vida pós Abuso Sexual – Resiliência!.....147

CAPÍTULO V: AS VOZES DA PRISÃO E OS DESAFIOS DA JUSTIÇA DIANTE DOS CRIMES DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR.....150

5.0 O Sistema Penitenciário, O Abusador e a Lei.....151
5.1 Sistema Penitenciário Brasileiro e os Crimes De Abuso Sexual.....152
5.2 Os Criminosos aos Olhos dos Sujeitos das Leis.....154
5.3 A Voz do Abusador: Família, Subjetividades e o Crime.....158
5.4 Receptividade e Convivência de Abusadores Sexuais no Interior do Sistema Carcerário: Experiências e Relatos.....165
5.5 O Sigilo da Justiça e dos Órgãos Governamentais Diante da Natureza da Pesquisa.....170
5. 6 Desafios Da Pesquisa Na Geografia.....173

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....176
REFERÊNCIAS.....180

APRESENTAÇÃO

A escolha pela geografia como curso de graduação ocorreu de maneira repentina, e tomou o lugar dos números e dos cálculos ao qual sempre fui apaixonada. Ao término do ensino médio, nutria em mim uma imensa vontade cursar física, por me identificar com a disciplina, ao qual sempre me destaquei em sala de aula. Cheguei a ser aprovada no ano de 2006 no vestibular da Universidade Federal de Rondônia – UNIR para cursar física, entretanto pela pouca idade na época, aos 17 anos, e tendo que me deslocar do interior do estado para estabelecer moradia em Porto Velho, optei em mudar de curso, e escolhi geografia, pela Faculdades Integradas de Ariquemes- FIAR.

Colei grau em 2010, me especializei no mesmo ano, e já exercia atividade docente, em uma escola municipal de Monte Negro, distante cerca de 250 km de Porto Velho. Em 2012 passei a integrar o quadro docente da Secretaria De Educação Do Estado De Rondônia - SEDUC, com contrato emergencial, e em 2013 após aprovação em concurso público, passei a integrar o quadro docente efetivo. Desde 2012, leciono a disciplina de geografia para alunas e alunos adolescentes do ensino regular (6°ao 9° ano) e para jovens e adultos através da modalidade EJA, em uma escola pública, localizada em um bairro que atende alunos e alunas carentes, habitantes de lugares periféricos do município. Como em tantas unidades de ensino deste país, enfrentamos problemas diários, para garantir a qualidade de ensino aos alunos.

Nesta escola, me descobri enquanto profissional, e quando questionada sobre minha profissão, com orgulho respondo: Eu sou professora. É na escola que temos a condição de transformar a realidade de jovens que veem no/a professor/a, um exemplo a seguir, assim como, é na educação que nutrem a vontade de mudar seus contextos, como um dia, eu sonhei. Hoje, com seguridade e satisfatoriamente me sinto realizada. Entretanto, com o passar do tempo, senti a necessidade de buscar por novos caminhos, que me trariam não somente melhor formação acadêmica, mas condição de (re) planejar minha atuação docente. Decidi fazer mestrado, mas me deparei frente a um labirinto: Onde e Como fazer? A abertura do edital para seleção de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGG/UNIR de 2017, foi a resposta para os questionamentos que havia em mim. Não havia tido contato com docentes e/ou pós graduandos do

programa, não sabia como funcionava a organização do mestrado, mas no momento, tudo o que eu queria era fazer parte da nova turma, então me lancei, no intuito de realizar esse novo sonho. De sonhos somos feitos!

Já me sentia muito familiar à geografia, ao qual considerava e considero uma feliz e grata escolha, que abre um leque de possibilidades ao indivíduo, não apenas graduado na área, como também de outras áreas do saber. Ao ler o edital, escolhi a linha de pesquisa que me identificava, ligada a geografia física. Com o projeto denominado: Sistemas Agroflorestais: Diversificação Econômica, Produção Agrícola e Conservação Dos Recursos Naturais Locais No Assentamento Maria José Rique Em Ariquemes – RO, sob a orientação da Professora PhD. Marília Locatelli (*in memória*) fui aprovada e meu sonho estava começando a se concretizar.

No mês de maio de 2018, após um período em tratamento contra um Câncer, professora Marília nos deixou. Sua partida repentina, além de dolorosa devido à grandiosidade do ser humano que era, trouxe-me muitos questionamentos, acerca da minha pesquisa, e, sobretudo, minha trajetória no programa. Passado alguns dias de seu falecimento, recebi uma mensagem que me deixou muito feliz, mensagem essa do professor Dr. Josué da Costa Silva, se prontificando a me orientar. Tal mensagem me deixou com um sentimento enorme de gratidão, não é surpresa para o professor, minha admiração em relação a sua pessoa, e o respeito perante sua história no programa, por considerá-lo essencial ao departamento de geografia da Universidade Federal de Rondônia. Sua história docente se entrelaça a existência do curso de geografia e ao PPGG, e por suas mãos, quantos graduados, mestres e doutores, desfrutaram de seus conhecimentos?

Ao mesmo tempo em que me sentia grata, sentia o peso da responsabilidade, em me pegava a pensar: Como conseguiria adaptar meu projeto, e trabalhar na perspectiva humanística, onde professor Josué tem seu percurso? Diante da formação acadêmica do professor, e do pouco contato com autores da filosofia e sociologia, como conseguiria suprir as expectativas do professor? Essas perguntas foram constantes, e concomitante ao interesse de outro docente em orientar os pós-graduandos da professora Marília, considerei ser melhor um posicionamento do colegiado do PPGG.

Com o passar dos dias, e a afinidade com uma doutoranda do programa, confidencializei uma vontade de trabalhar um tema, que acreditava ser de grande importância, muito praticado e pouco falado na sociedade brasileira: O abuso sexual

contra crianças e adolescentes. Na ocasião, ao me ouvir, ela prontamente respondeu: A professora Gracinha! Ela vai gostar desse tema. Ao estabelecer diálogo com a professora Gracinha, que demonstrou interesse pela orientação, parti para a elaboração do novo projeto. A aprovação e acolhimento da professora gracinha foram essenciais para que eu me sentisse segura em deixar a geografia física, e adentrar na geografia humana, no campo das subjetividades humanas. Após cursar sua disciplina de geografia e gênero, no qual tive contato com as primeiras autoras feminista, importantes à consolidação do estudo do gênero na geografia, assim como a gama de possiblidades possíveis de serem investigadas na perspectiva da geografia de gênero,

Desde o mês de março de 2018, cursei 03 disciplinas, vitais ao meu processo de formação e a construção da pesquisa que segue: Epistemologia da Geografia, Métodos e Técnicas de pesquisa em Geografia, e Geografia e gênero. Participei ainda do projeto de campo: Viver Kaxarari e da oficina: Técnica De História Oral E Observação Participante. Participei do VII Colóquio Nacional do NEER - Núcleo de Estudos em Espaços e Representações, no ano de 2018 em Diamantina-MG, e em 2019 minha participação está garantida no XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE, que ocorrerá em setembro de 2019, na Universidade de São Paulo, e no IV Seminário Latino-americano De Geografia, Gênero E Sexualidades que ocorrerá em Tandil-Argentina, em Novembro de 2019. Em todos os eventos, minha participação ocorre com apresentação de trabalhos, devidamente aprovados pela comissão organizadora dos mesmos.

A participação no grupo de pesquisas GEPGENERO, subsidiaram minhas concepções que desde muito cedo foram latentes em mim, e que por vezes motivos de enfrentamento no próprio seio familiar, objetivando demonstrar a necessidade da equiparação de direitos, condutas e deveres entre os gêneros masculino e feminino. Os debates em grupo, me mostraram os vários caminhos possíveis a serem percorridos, na ciência geográfica e na geografia de gênero, e principalmente me encorajou a pensar as inúmeras possibilidades dentro da pesquisa a ser construída.
Salutar a participação de pesquisas realizadas para a concretização do presente estudo, dentro os quais possível citar a dissertação de mestrado de Ana Paula de Aquino Lyra, intitulado “Geografia E Sexualidade: O Espaço E Lugar De Meninas

Amazônicas No Contexto Da Violência Sexual Intrafamiliar" orientada pela Professora Drª. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, no ano de 2015.

A presente pesquisa nasceu no mesmo momento em que descobri em mim a necessidade de olhar para indivíduos invisibilizados e debater um assunto, que ainda hoje é tido como um tabu, pouco falado, e que tem como principais vítimas crianças, do gênero feminino, que deveriam experimentar a fase da infância, das brincadeiras, da inocência, e devido à vulnerabilidade típica da idade e da falta de informações, tornam-se presas fáceis diante de homens que por inúmeros motivos, tornaram-se abusadores sexuais. Dados oficiais sobre a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes no Brasil é assustador, e há necessidade de trazer para a academia cientifica debates acerca do fenômeno, e para a ciência geográfica, uma vez que é as sociedades são construídas através das relações sociais.

A vontade latente de percorrer os caminhos da geografia de gênero foi aumentando ao ter conhecimento acerca das atrocidades que ainda hoje são cometidos contra o gênero feminino, em vários espaços geográficos e diferentes comunidades, que respaldados sobre o discurso cultural ou religioso, adotam medidas que causam dor a mulher, coisificam seu corpo, e as transformam em objetos de satisfação sexual do gênero masculino. Tornei-me feminista, e a luta é em prol da equiparação de direitos, para que ambos os sujeitos consigam viver em sociedade de maneira equivalente, sem superioridade e inferioridade em razão do gênero. Obviamente este é um caminho longo a se percorrer, e felizmente não estou sozinha neste percurso, se hoje posso defender essa pesquisa e projetar novos caminhos na geografia de gênero, é porque houve aquelas que sonharam, ousaram e como mulheres, lutaram por um mundo mais justo.

INTRODUÇÃO

O espaço geográfico é construído através das transformações empreendidas no ambiente natural, assim como pelas relações entre os agentes que compartilham os distintos territórios. Esse conjunto, ao longo de anos, tornou-se objeto de estudo na geografia, entretanto, nem todos os indivíduos estiveram presentes nos estudos da ciência geográfica. Corroboramos com as geógrafas Janice Monk e Susan Hanson, que em 1982, através do artigo "*On not excluding half of the human in human geography*" apresentaram as relações de poder existentes entre os gêneros, a invisibilidade feminina, e a pouca participação do gênero feminino nas produções científicas na geografia. A geografia feminina ou feminista tornou-se a geografia de minorias, da não heteronormatividade, visando adentrar nos espaços das subjetividades, e quebrar os paradigmas das sociedades patriarcais.

Através das produções científicas de autoras como Joan Wallach Scott, Judith Butler, Joseli Mari da Silva, Heleieth Safiotti, Doreen Massey, Linda McDowell, Diana Lan, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, dialogamos com a pesquisa, objetivando ainda apresentar produções de feministas, que desde a década de 80 denunciam a invisibilidade de suas produções e, sobretudo, da violência contra as mulheres na sociedade. As denúncias acerca dos problemas sociais existentes entre homens e mulheres, resultantes do patriarcado ou machismo, raramente estão nos discursos e produções do gênero masculino heterossexual, no qual acreditamos estar submersos na cegueira que acomete parte da sociedade, de que na contemporaneidade, homens e mulheres compartilham em condições de igualdade.

Nesta cegueira muitos problemas quem emanam do homem, que resultam em práticas criminosas e reduzem o ser humano a condições sub-humanas, escondem-se, como é o caso do fenômeno pesquisado. Nessa via de percepção, indagamos aos leitores e a comunidade científica: No Brasil qual é o lugar dos crimes de abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como o gênero da maior parte das vítimas e sua relação com o abusador? Diante desse questionamento central, firmamos nosso principal objetivo, de discutir os atos de abuso sexual contra meninas (crianças e adolescentes) nas relações intrafamiliares, bem como as consequências desse processo ao desenvolvimento humano e subjetivo, responsável ainda pelo surgimento de lugares de medo.

Os objetivos específicos respaldaram-se em: Analisar a porcentagem de abusos sexuais contra (crianças e adolescentes) do sexo feminino a nível nacional e estadual e o grau de relação da vitima com o agressor; Pesquisar e analisar o comportamento de crianças e adolescentes que apresentam sinais de abuso sexual; Mapear os tipos de abusos praticados contra meninas nas faixas etárias mencionadas, bem como as consequências para o desenvolvimento do “Ser” motivado pelos atos de violência sofridos pelas mesmas em determinado(s) momento(s) de suas vidas; Analisar os traumas desenvolvidos e carregados ao longo da vida infantil a fase adulta das vítimas, da mesma maneira que as consequências para o convívio social resultantes desse processo.

O estudo se solidifica em cinco capítulos, que subsidiado por pesquisas bibliográficas e respaldado em autoras e autores da geografia, sociologia, filosofia, antropologia, entre outros, concomitante as pesquisas de campo e do método fenomenológico, acreditamos ter alcançado cada objetivo proposto. No tocante ao método fenomenológico, através da obra “A poética do espaço” de Gaston Bachelard (1993), subsidiado ainda pelas produções fenomenológicas humanísticas da autora Anne Buttimer (1982), no intuito de apresentar a visão do gênero feminino sobre o espaço ocupado e compartilhado em condições desiguais, objetivando demonstrar as potencialidades da produção científica do gênero feminino, assim como as rupturas epistemológicas possíveis, através do diálogo no método, entre os autores supracitados.

Consideramos importante entender as consequências na vida afetiva de mulheres que passaram por situações de abuso sexual quando crianças e adolescentes, e como se dá a relação com seus parceiros na construção de suas próprias famílias; Importante trazer à tona a necessidade de expor e debater o tema de maneira clara em todos os ambientes da sociedade moderna, de modo a nortear meninas/mulheres a buscarem ajuda diante de situações dessa ordem, visando um refazer do seu próprio “Eu”. Além disso, pesquisar junto aos agentes penitenciários e outros detentos sobre a receptividade e convivência de abusadores sexuais no interior do sistema carcerário.

O primeiro capítulo “O Gênero na Geografia e a Violência de Gênero”, objetivou debater o surgimento do termo, assim como, a importância dos estudos de feministas para que o mesmo fosse reconhecido e aceito como categoria de análise na geografia. Além disso, o presente capítulo visa demonstrar os padrões impostos

pela sociedade para as distintas condições sexuais, que se solidificam sobre a heteronormatividade masculina. É nesse campo de poder e padrões, que a violência encontra condições para se propagar. No presente capítulo autoras que contribuíram para a edificação do estudo do gênero, assim como denunciavam as desigualdades existentes entre os sujeitos, e as práticas criminosas realizadas em relação às mulheres, em suas obras, a exemplo de Doreen Massey, Gillian Rose, Mónica Colombara, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Linda McDowell, Joseli Maria da Silva, Eleonora Menicucci de Oliveira, Joan Scott, Judith Butler, Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, Diana Lan, Maria Amélia Azevedo, Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, foram de suma importância. Ademais, o debate entre outros autores, que se debruçaram em estudar as relações de poder e o espaço vivido, como Anne Buttimer, Hanna Arendt, Marilena de Souza Chauí, Maria Cecíia Minayo, Márcio Ornat, Paul Claval, Yi-fu Tuan, Henri Lefébvre, Claude Raffestin, Michel Folcault, Lévi-Strauss, estabeleceram diálogo e subsidiam a pesquisa.

O segundo capítulo intitulado “Os Caminhos da Pesquisa: Geografia e Fenomenologia” apresenta os caminhos percorridos ao longo do estudo, acerca dos locais da pesquisa, entrevistas, objetivos assim como o método e os procedimentos metodológicos escolhidos pelo fenômeno pesquisado. Fomos convidadas a caracterizar a ciência geográfica, que deixou de ser concebida como uma área de estudo dos ambientes físicos da terra bem como a descrição da modificação do espaço, isentando o homem que nele vive. Nesse sentido, buscamos demonstrar a (re) construção epistemológica da ciência, firmada principalmente através da visão humanística, realizados, Paul Claval e Anne Buttimer. O Debate contou ainda com os apontamentos de Margareth de Castro, Salete Kozel, Heleieth Saffioti , Jana Petrzelová, Doreen Massey, Patrícia Francisca de Matos, Vera Lúcia Pêssoa, Gaston Bachelard, Otto Friedrich Bollnow, Edward Helph, Jean-François Lyotard, Maurice Merleau-Ponty, Henri Lefébvre, André Cellard, Tony Buzan, Edgar Morin, Jean Poupart, Yi-Fu Tuan, entre outros.

O terceiro capítulo “O Espaço Vivido e o Lugar do Medo”, objetivando analisar os perfis de vitimas de abuso sexual, através de comportamentos manifestados no decorrer do desenvolvimento subjetivo, assim como de abusadores sexuais. O lar como lugar do crime é um campo minado onde vítima (s) e agressor (es) convivem, neste território de poder, violência e opressão, em que os indivíduos compartilham em desigualdade de ações e sentimentos, inúmeros casos de abuso sexual são

silenciados, perpetuando por vários anos, causando danos a saúde da menina/mulher, assim como favorecem a impunidade em relação ao abusador. Os relatos se intercalaram as considerações de Gillian Rose, Heleieth Saffioti, Jana Petrzelová, Joseli Maria da Silva, Maria Cecília Minayo, Diana Lan, Edward Relph, Gaston Bachelard, Otto Frederich Bollnow, Yi-Fu Tuan, David Hume, Maurice Merleau-Ponty,

O quarto capítulo “Violências, Silêncios e Gritos de Liberdade”, se debruçam em analisar as violações de direitos que acompanham os atos de violência sexual, a exemplo da violência física e psicológica, que funcionam também como forma de repreender a vítima e impedir que ela relate os atos sofridos com outras pessoas, além das que vivenciam: A Violação do Corpo. Os impedimentos acerca do diálogo sobre o fenômeno no lar incestuoso e fora deste, funciona como uma lei do silêncio, que prende a vítima a pedidos de socorro, muitas vezes isolados, mas que exprimem a urgência de debates como da natureza da pesquisa nos diversos campos e áreas do saber, sobretudo em meio à sociedade. Nesse sentido, os apontamentos de Maria Amélia Azevedo, Viviane Nogueira de Azevedo Guerra, Heleieth Saffioti, Joseli Maria da Silva, Joel Candau, Pierre Bourdeau, contribuíram para o entendimento do fenômeno.

O quinto capítulo “As Vozes da Prisão e os Desafios da Justiça Diante dos Crimes de Abuso Sexual Intrafamiliar”, tem como objetivo analisar as percepções de abusadores sexuais, levando em consideração sua condição familiar e social, e a transgressão de direitos que os conduziram ao sistema prisional. Ademais, busca ainda compreender o entendimento subjetivo acerca do fenômeno, e os sentimentos em relação ao cárcere e aos demais detentos. O presidio é para os abusadores o lugar do medo e de lembranças detestáveis, que estimulam sentimentos de aversão ao lugar, no qual os abusadores não compartilham em igualdade, em relação aos demais detentos. Os sentimentos e lembranças relatadas pelos abusadores, de certa forma, assemelham as percepções que as vítimas descrevem, em relação ao território compartilhado com abusadores sexuais. O longo do capítulo, a utilização dos dados oficiais do sistema penitenciário brasileiro e do estado de Rondônia, assim como as contribuições de Heleieth Saffioti, Jana Petrzelová, Joseli Maria da Silva, Marcio Ornat, Pierre Bourdeau, Yi-Fu Tuan, Otto Friedrich Bollnow, Michel Foucault, foram essenciais à construção do estudo.

CAPÍTULO I: O GÊNERO NA GEOGRAFIA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Campanha Mundial da ONU (2017) sobre a Violência Contra as Mulheres. ‘

“[...] na segunda vez que ele mexeu comigo, ele me falou coisas bem feias. Coisas que não da para esquecer. Ele dizia que fazia aquilo por que eu deixava, porque eu era safada” (Perseverança, 42 anos, dona de casa, abusada pelo Avô aos 10 anos e aos 14 anos de idade).

CAPÍTULO I: O GÊNERO NA GEOGRAFIA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

O espaço geográfico é caracterizado como um espaço social, que se concretiza a partir do trabalho e das relações humanas, assim como, interfere na formação subjetiva dos indivíduos. São nesses espaços que solidificam as relações de gênero e de poder, importantes de serem debatidos no campo da ciência geográfica. Nesse sentido, este capítulo objetiva discutir as categorias de análise do estudo, apontando a importância para a construção epistemológica, sobretudo, Lugar, Território e Gênero, que constitui as categorias analíticas da pesquisa.

Na perspectiva de gênero, propomos debater o surgimento do termo, assim como, a importância dos estudos de feministas para que o mesmo fosse reconhecido e aceito como categoria de análise na geografia. Além disso, como forma de demonstrar os padrões impostos pela sociedade para as distintas condições sexuais, que se solidificam sobre a heteronormatividade masculina. É nesse campo de poder e padrões, que a violência encontra condições para se propagar possíveis de ser evidenciadas através dos estudos de Joan Wallach Scott, Joseli Maria da Silva, Doreen Massey, Judith Butler, e Heleieth Safiotti, no tópico 1.2 - Gênero como Categoria de Análise e Vias de Estudos.

Poder, violência e gênero formam uma trama de difícil resolução, a depender da sociedade onde os indivíduos, nesse contexto, se enquadram como crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. A violência sexual no Brasil, é na contemporaneidade considerada um problema de saúde pública, devido os problemas resultantes do processo, na vida da vítima. Nas mãos de abusadores, em sua maioria do gênero masculino, meninas se tornam objetos de desejo, tendo sua infância e/ou juventude coisificada, para atender as vontades sexuais do abusador.

O lugar do crime contraria as concepções de grande parte da sociedade, de que se encontra nas vias públicas, ao contrario disso, o lar é o lugar no qual, a maioria absoluta dos casos ocorre perpetrada por aqueles que deveriam zelar pelo bom desenvolvimento da vítima: pais, padrastos, avôs, tios, irmãos e amigos que frequentam a habitação. Para as vítimas o lar passa a ser um lugar hostil, de medo, insegurança e tristes lembranças. Para o abusador o lugar ideal para cometer a prática criminosa, devido à restrição de pessoas no ambiente. Nesse sentido, vítimas e abusadores, não desfrutam do lar em condições iguais, tanto pelas ações praticadas, quanto pelas recebidas.

As percepções de cada sujeito é resultado das relações afetivas estabelecidas no decorrer do desenvolvimento humano, que se transforma em um ciclo de ações sobre si e aqueles que com os indivíduos convivem. A violência sexual intrafamiliar, é acompanhada pela violação dos corpos, mas também pela violência psicológica e violência física, realizados pelo algoz, podendo ter a participação do restante da família, através da omissão, do silêncio, ou ainda participando ativamente nos elementos que calam os sujeitos.

1.1 As Categorias de Análise Na Pesquisa: Lugar, Gênero

No campo da pesquisa em geografia no território brasileiro, principalmente na geografia humana, desde a década de 1950, os debates têm atravessado diversas questões e temas, a exemplo da sexualidade, etnicidade e gênero, que se sustentam nas relações sociais nos espaços geográficos. As categorias de análise nos ajudam a compreender a dinâmica da sociedade e a relação desta, com o meio ambiente, bem como os conjuntos de políticas e ações firmadas pela sociedade sobre os territórios, que estabelecem limites e criam meios de produção. Tais situações evidenciam as características compartilhadas por todos, que em maior ou menor escala, compartilham os acontecimentos e os lugares.

A utilização das categorias de análise é de grande valia à construção da pesquisa científica, e simplifica o que de fato deve ser feito no decorrer de um estudo desde a construção do projeto, levantamento de conteúdos e materiais à concretização da mesma. Ademais, é possível utilizar diferentes modos de escolha dos conteúdos dentro das categorias de análise, sem que esteja ligada ao mesmo campo científico e consideramos assim, estar em contato com o que Edgar Morin (2008) nos propõe, ao afirmar a viabilidade e necessidade de buscas em outros campos científicos, ou seja, e outras ciências.

As categorias de análise subsidiam o entendimento dos fenômenos, e no presente estudo adotamos as categorias lugar, território e gênero. Em alguns momentos o uso de outras categorias a exemplo de espaço, será mencionado, entretanto como meio de ligação ou entendimento do que se propõe, e não como categoria central da pesquisa. A ênfase do estudo é dada à categoria gênero, respaldada em importantes autoras e autores, que se debruçaram em pesquisar os problemas existentes na sociedade resultante do processo de relações humanas.

1.1.1 Lugar: Vivências e Medo

O conceito de lugar recebeu diferentes considerações no campo da geografia, no decorrer do tempo. Em determinados períodos era usado para tratar de um local, com ênfase a análise das características físicas presentes no espaço geográfico e natural. Em outros momentos, a partir do surgimento de estudos no campo humanístico no fim dos anos de 1950, como Pierre Monbeig (1957). Após a década de 1970, a geografia humanística passa a ser vista para além do campo visual, adentrando ao campo das subjetividades e dos sentimentos. Este campo desenvolve com contribuições de geógrafos como Yi-Fu Tuan, Armand Frémont e Edward Relph. Entretanto, tivemos consideráveis participações femininas na geografia, tanto na área humana quanto na física, as quais são consideradas de suma importância para este estudo.

Enquanto na historiografia há a invisibilidade das produções de autoria feminina (OLIVEIRA, 2018), na Geografia temos como precursoras: Anne Buttimer (1982), Arakcy Martins Rodrigues (1992), Ana Fani Alessandri Carlos (1996) e, embora não fale diretamente sobre lugar, Rosa Ester Rossini que desde 1975 (período em que defendeu sua tese de doutorado em Geografia) discute sobre o ambiente vivenciado, com foco no lugar da mulher no mundo capitalista. Salutar destacar que na geografia, desde que foi institucionalizada na década de 1930, as mulheres se mantiveram ativas no contexto político-acadêmico.

O destaque que as mulheres têm na geografia é merecedor de trazer à luz do conhecimento, em que se apresenta o lugar a que Rossini (2004) se refere em que ocupa uma parcela do espaço que antes era ocupada pelo gênero masculino. A primeira tese defendida na Universidade de São Paulo – USP, no Programa de Pós Graduação em Geografia Física, teve como título “Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista” de autoria de Maria da Conceição Vicente de Carvalho, sob orientação do geógrafo francês Pierre Monbeig em 1944 (23/11/1944) e sob a mesma orientação Nice Lecocq Muller defende a tese clássica "Sítio e Sitiantes do Estado de São Paulo" em 1946 (22/11/1946). Elina de Oliveira Santos orientada por João Dias da Silveira (Dr.), torna-se doutora em 23 de abril de 1951, com a tese: A industrialização de Sorocaba: bases geográficas. (USP, 2019). O trio trabalha com a categoria de lugar, mas, no que pese a categoria, Muller é mais específica em se tratando do lugar dos produtores rurais como espaço vivido.

As considerações muito se prendem ao momento da ciência geográfica, ou seja, a época que o Conceito ou Categoria é usado frente às correntes de maior repercussão na geografia. A geografia humanística surge com o propósito de analisar a relação da sociedade com a natureza tendo como conceito-chave as categorias de análise de lugar e paisagem, concomitante. Postula-se que a geógrafa feminista Doreen Massey (2008) tem importante contribuição acerca do lugar. Por inúmeras vezes esteve contida em seus debates sobre o espaço, não como termos sinônimos, mas como forma de evidenciar a indissociabilidade entre ambos.

Também proposto por Carlos (1996), é onde se produz a articulação contraditória entre as concepções históricas do particular e o mundial que se anuncia. Refletem o ambiente em que o ser humano está inserido, ou seja, o espaço vivido, é que influenciam em sua construção subjetiva ao longo do processo de formação humana, ou seu comportamento em qualquer fase da vida. Para Giometti, Pitton e Ortigoza (2012) ultrapassar a ideia de lugar apenas como uma porção territorial do espaço geográfico ao longo dos anos realizou-se o estudo do termo sob duas acepções: Lugar e Experiência e Lugar e Singularidades.

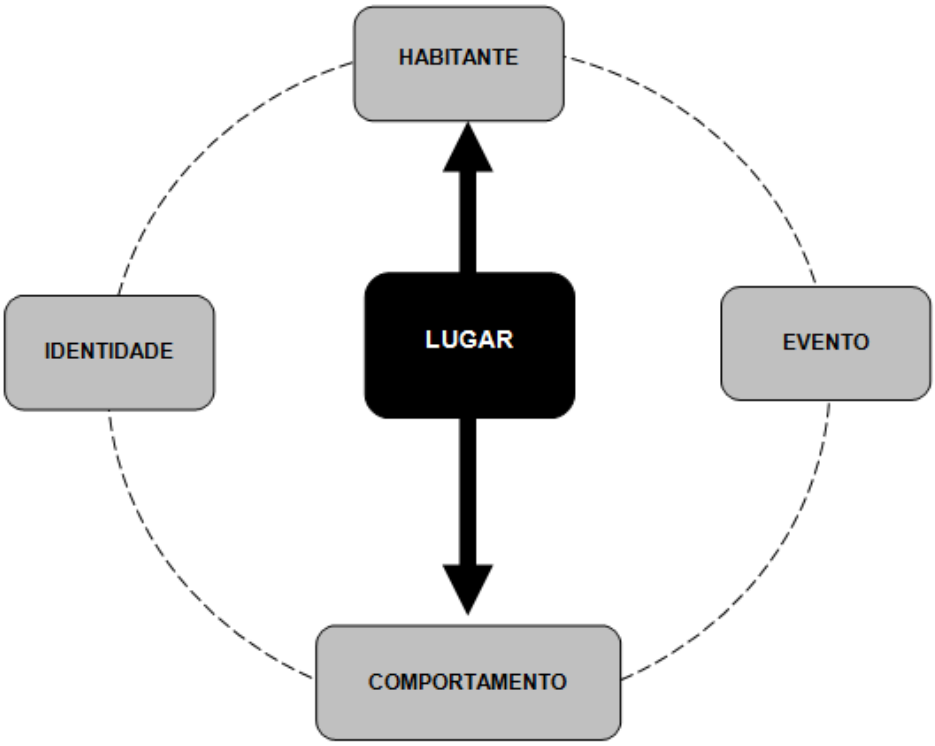
Necessário levar em consideração que lugar e espaço não podem ser considerados sinônimos nem sob aspectos materialísticos, como emocionais e/ou espirituais, uma vez que lugar é um termo íntimo e humanizado, em contrapartida, espaço pode ser qualquer porção da superfície terrestre, ampla e até desconhecida pelo homem. Nesse sentido, importante se faz as considerações de Silva (2015, p. 243) ao afirmar que “O lugar é uma categoria analítica (uma porção do espaço), é onde a vida acontece, é o *locus* do convívio social”. De forma simples, porém coesa, podemos considerar a categoria lugar como o ambiente no qual o indivíduo vive, onde ele estabelece seus vínculos afetivos.

Conveniente fazer uso fazer uso das ideias de Carlos (1996, p. 17) em que “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua”. Silva (2015, p. 244) sobre a importância de “[...] considerar o lugar em sua totalidade social, é tê-lo como lugar da base da reprodução da vida, é o mundo do vivido, onde se produz a existência social dos seres humanos, e analisá-lo enquanto a tríade: habitante – identidade – lugar”.

Entendemos que o lugar, em que trata Silva (2015), é aquele responsável pela formação de grande parte da identidade humana, ou que irá influenciar de

maneira positiva ou negativa no decorrer deste processo. Assim, a tríade mencionada pelo autor foi (re) estruturada na figura 1 tendo em vista as afirmações de geógrafas, a exemplo de Buttimer (1982), Rodrigues (1988) e Carlos (1996). Importante considerar que neste processo, analisamos os acontecimentos que acometem o sujeito no lugar vivenciado e suas percepções, como representamos na figura 1.

Figura 1: Tríade – Lugar, Desenvolvimento e Comportamento Humano



Fonte: Elaborado pela Autora a partir de Silva (2015)

Importante dizer que os conceitos não são e nem estão com rigor, contidos em uma área do conhecimento. Entretanto, assim como as categorias de análise que são definidas de acordo com o a pesquisa, eles melhor se posicionam em diferentes áreas de uma mesma ciência. Henri Lefébvre (2013) discute em sua obra "La Produccion del Espacio" a formação dos espaços urbanos como produtos do trabalho humano e que com formas definidas influenciam os seres humanos a se adaptarem, sem a preocupação de estarem em "seu lugar".

Ainda que o conceito não seja fenômeno em estudo para o autor, ao fazer este apontamento, agrega a palavra "seu lugar" o sentido de subjetividade, de

sentimentos e experiências que cada indivíduo carrega, corrobora em partes com as considerações de Anne Buttimer (1982). Lugar e espaço, repetidas várias vezes ao longo da obra de Henri Lefébvre (2013), são quase que indissociáveis, possíveis de verificar nas linhas e entrelinhas, não apenas o espaço geográfico, como também o espaço de representação presente nos meios urbanos, que da mesma forma, tem correlação com o lugar. Neste sentido, podemos considerar a seguinte colocação,

> El espacio de representación se vive, se habla; tiene un núcleo o centro afectivo: el Ego, el lecho, ei dormitorio, la vivienda o la casa; o la plaza, la iglesia, el cementerio. Contiene los lugares de la pasión y de la arción, los de las situaciones vividas y, por consiguiente, implica imediatamente al tempo (LEFÉBVRE, 2013, p. 99) [1].

Lefébvre (2013) utiliza o termo “Lugar” como menção ao mundo vivido, ao espaço habitado e de representações e nessa simbiose, muito contribui com os estudos dedicados ao lugar e as percepções do ser humano sobre o ambiente onde vive, como resultado de sua experiência ao longo da vida. Nas diferentes escalas de análises, que perpassam todos os ambientes permeados pelos seres humanos, o autor procura o entendimento da relação entre o lugar e a identidade subjetiva de cada ser. O lugar, ao longo dos anos, pode pelo adulto adquirir significados mais profundos que, pelo histórico apontado por Carlos (1996) e por Muller (1946), contextualiza e cristaliza na memória do indivíduo.

Todo e qualquer elemento presente no lugar pode ser história passada de um indivíduo, e por menor que seja, pode desabrochar diversos sentimentos contidos em sua memória. Corroboramos com Dorren Massey (2008), para quem tanto o espaço quanto o lugar, são diferentes e desafiantes formas de controlar a espacialidade. Para a geógrafa humanística Anne Buttimer (1982), o lugar é um conceito encharcado de particularidades, de espírito, emoções que nascem do sagrado, do carinho de um ente querido, e personalidade, fruto da conjuntura física e das modificações realizadas pelas pessoas no presente e no passado, além de constituir parte da vida de quem ali já esteve. É um mundo de significados organizados. Se víssemos o mundo em constante mudança não conseguíamos contextualizar ao lugar, nenhum sentido. Ademais o lugar como visto, não precisa

[1] O espaço de representação é vivida, falada; Tem um núcleo afetivo ou centro: o Ego, a cama, o quarto, a morada ou a casa; ou a praça, a igreja, o cemitério. Contém os lugares da paixão e da ação, daquelas das situações vividas e, conseqüentemente, implica ao tempo.

ser enxergado, ele é experimentado e conhecido emocionalmente através da mente e dos sentidos humanos.

A categoria lugar para Buttimer (1982), que propõe um debate teórico fenomenológico e existencialista, em um percurso epistemológico pouco percorrido por autoras do gênero feminino, nos permite compreender o mundo vivido, responsável por caracterizar as porções territoriais como “lugar”. Nesse sentido, importante o diálogo com as considerações acerca do lugar, proposto pela geógrafa feminista Massey (2012), no qual considera que a construção subjetiva do individuo nasce dos lugares, onde ele teve contato. Assim, “Um lugar não é uma coisa fechada, com uma identidade essencial, é uma articulação específica de relações globais, e é esta articulação de relações mais amplas que apresenta a sua particularidade” (MASSEY, 2012, p. 1). Doreen Massey em sua obra “Um sentido global do lugar”, considera ainda que,

> O lugar é absolutamente não estático, mas sim conceituados a partir das interações sociais que agrupam. Os lugares não têm fronteira, no sentido de divisões demarcatórias. Os lugares não têm identidades únicas ou singulares, eles estão cheios de conflitos internos. Nada disso nega a importância e singularidade de um lugar. A especificidade de um lugar é continuamente reproduzida, mas não é uma especificidade resultante de uma história longa, internalizada. Há varias fontes dessa especificidade – da singularidade de um lugar. (MASSEY, 2000, p. 184).

Importante considerar que na visão da autora, o lugar estará sempre em disputas de força e poder, bem como possuem identidade próprias, a partir das relações sociais mantidas entre os indivíduos e o resto do mundo. As características dos lugares estarão sempre atreladas a situações amplas, assim como, poderá ser os espaços das disputas. O que proporciona ao lugar suas especificidades vai muito além de suas histórias ao longo do tempo, ele se solidifica a partir de uma gama de relações sociais, que se cruzam e interlaçam em um *lócus* particular, nas relações de sentimento e de poder, na construção de espaços geográficos.

1.2 Gênero como Categoria de Análise e Vias de Estudos

A Geografia enquanto ciência é responsável por analisar as relações sociais e o trabalho realizado sobre o espaço por sujeitos que possuem diferentes condições sexuais, que consequentemente culminam ações em distintas porções territoriais.

Podemos afirmar que as sociedades são resultantes do trabalho humano e da produção social, que culminam na construção das relações de gênero, alicerçados sobre reprodução de padrões e condutas, assim como apontado por Linda McDowell (1999), Heleieth Saffioti (2004), Doreen Massey (2008), Joseli Maria Silva (2009), Maria das Graças Silva Nascimento Silva (2011), Rosa Ester Rossini (1992, 1993, 1994 e 2010), entre outras autoras. Corroboramos com os apontamentos de Doreen Massey (2008) de que a geografia constitui uma área que estuda espaços vivos, permeada de formas e interesses pessoais, que tornam os lugares áreas tensionadas, através das relações humanas estabelecidas.

Efetivar análises sobre o espaço geográfico, visando às relações de gênero "[...] permite desvendar as manifestações espaciais e territoriais de diversos grupos sociais que por meio de suas práticas constroem diferentes espaços geográficos, pois o gênero é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo" (REIS, 2015, p. 11). O termo Gênero foi utilizado ao longo de anos para argumentar as diferenças entre os sexos, sinalizado pela geógrafa feminista Latino Americana Mónica Colombara (1996, p. 1) como *"[...] conjunto de reglas según las cuales las sociedades transforman las condiciones biológicas de la diferencia en normas sociales*" [2].

Com o surgimento de clãs, aldeias e tribos a organização familiar passou a ser multigeracional, sem divisões de mundos de trabalho, o que favoreceu a subordinação da mulher em relação ao homem, caracterizada como frágil e impossibilitada de assumir a liderança ou chefia de um grupo familiar. A força física do homem lhe atribuiu poder e autoridade (COSTA, 2019). Necessário considerar que na contemporaneidade, ainda permeia em muitos espaços, a consideração do trabalho feminino como típico do lar, e quanto às mulheres que habitam em áreas rurais, sua força empreendida sobre as atividades do campo, é caracterizada como "ajuda" ao trabalho masculino, fato este evidenciado em estudos realizados por Nascimento Silva (2011).

A concepção de inferioridade feminina, a desvalorização de seu trabalho, de suas experiências, de suas condutas, é de certa forma responsável pelo surgimento das sociedades patriarcais, no qual o homem é a figura central da família, que detém o poder sobre os membros de seu grupo. Em contrapartida a mulher passa a ocupar

[2] Conjunto de regras segundo as quais as socieadades transformam as condições biológicas e as diferenciam em normas sociais.

a função de reprodutora para garantir a sua perpetuação, por meio da descendência. Somente no século XX essa situação ganha outros delineares, a partir de diversas organizações de Mulheres em especial na Europa, onde nasceu o Movimento Feminista, que reivindicava seus direitos, e lutava para dar fim às formas de opressão que eram submetidas (COSTA, 2019).

Podemos considerar ainda, que os movimentos feministas eram uma crítica à própria geografia humana, que muitas vezes mostrava interesse nas esferas públicas da produção, distribuição e consumo, e não observava outros espaços no quais homens e mulheres compartilhavam em condições desiguais, de condutas, deveres e reconhecimento. Nesse sentido, as ponderações de Mônica Colómbara (1996) acerca da condição da mulher no meio urbano, atingem a todas as mulheres, também constantes nos espaços rurais, e evidenciam as disparidades existentes de olhares e compreensão,

> *Todo el cuerpo conceptual de los estudios urbanos niega la esfera niega la reproducción, de lo privado, de las actividades domésticas y también de la mayoría de las actividades de las mujeres. Tampoco considera el punto de vista de las relaciones sociales entre los sexos y sus manifestaciones espaciales (COLÓMBARA, 1996, p. 1).*[3]

A linha feminista na perspectiva geográfica, aos poucos estabeleceu a visibilidade feminina, e propôs a quebra de paradigmas e a (re) construção epistemológica da própria ciência geográfica, e aponta para a necessidade do olhar constante acerca da vida feminina, nas diversas sociedades. Linda McDowell (1992) pontua que os questionamentos e mudanças propostos e estabelecidos pelo movimento de feministas, resultam da cultura patriarcal e andocêntrica, objetivando novos enfoques epistemológicos.

Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat em 2016 em entrevista com Rosa Ester Rossini trazem que Rossini foi à primeira mulher a defender tese de doutoramento, nos anos de 1950, sobre a questão de gênero na área de História Social. Para Rossini "[...] a maior dificuldade da inserção da questão de gênero na Geografia brasileira encontra-se na própria Geografia, isto é, entre seus pares" (ROSSINI in SILVA; ORNAT, 2016, p. 214). No que se refere ao tema/categoria gênero, em 13 de agosto de 1991, Sonia Alves Calió, defende na USP a tese:

3 Todo o corpo conceitual dos estudos urbanos nega que a esfera negue a reprodução, do privado, das atividades domésticas e também da maioria das atividades das mulheres. Também não considera o ponto de vista das relações sociais entre os sexos e suas manifestações espaciais

Relações de Gênero na cidade. Uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana, considerando o a cidade enquanto lugar. Podemos ainda considerar, que este foi e continua a ser um compromisso constante de feministas, que tem por objetivo à equiparação de direitos entre os gêneros, em todas as esferas espaciais, que nos permitem apontar a vida pública e privada. Ademais, propõem novos conceitos, além dos quais exercidos por mulheres e homens, autores no campo da geografia, que invisibilizavam os estudos e debates urgentes, acerca da condição da mulher.

Tamires Regina Aguiar de Oliveira César (2015) traz para o debate acadêmico o estudo sobre “Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013”. O resultado é que embora a mulher tenha presença marcante na Ciência Geográfica desde sua gênese, na produção cientifica é minoria e, até o ano de 2015 nas revistas “[...] Nos estratos de melhor classificação, como no caso do A1, a participação feminina é praticamente nula” (Ibid., p. 120), este mesmo tema, já vinha discutindo desde 2013. A cegueira que invisibilizava alguns grupos da sociedade, tornou-se ponto de estudos por Susan Hanson e Janice Monnk que consideravam o debate uma forma de dar “[...] mais atenção aos múltiplos aspectos da diversidade, não somente ao gênero, mas também a raça, a etnicidade, a sexualidade e a juventude” (SILVA, 2010, p. 150).

A luta e a resistência dos movimentos feministas foram responsáveis pelo surgimento do conceito de gênero, definido a partir da análise da construção histórica de opressão que o gênero feminino enfrenta nas sociedades, em todas as esferas da organização do espaço geográfico. Nos estados Unidos o termo sofreu a fusão da gramática com as considerações de estudos da sociologia sobre os papeis designados para homens e mulheres. Feministas optaram por enfatizar os papeis, assim como as condutas sociais de gênero e sua estreita relação com o sexo do indivíduo (BURKE, 1992). Corroboramos com as considerações da socióloga brasileira Eleonora Menicucci de Oliveira (2008, p. 233) de que “[...] o feminismo é uma prática social, refere-se à ação das mulheres organizadas, enquanto o gênero é a categoria de análise útil para explicar as relações de poder hierárquicas entre os sexos”.

Nesse sentido, Joan Scott (1995, p. 72) afirma que a palavra gênero “[...] parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. É o estudo

relacional da construção social do masculino e feminino e as características e atribuições dos sujeitos designados no decorrer do tempo. Não obstante, é apenas parte de uma construção social complexa de identidade, hierarquia e diferença. O Ministério dos Direitos Humanos (MDH, 2018) define o temo gênero como,

> [...] construção social da identidade sexual, construção que designa às pessoas diferentes papéis, direitos e oportunidades, de acordo com seu sexo; enquanto o sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres. As diferenças de gênero são constituídas hierarquicamente: a construção social do ser homem tem um maior status que a construção social do ser mulher. (MDH, 2018, p. 17).

É imprescindível o estudo da condição da mulher, além de seu corpo, o que nos permite entender as concepções das sociedades acerca da mulher enquanto construção social. Nesse sentido, os estudos de Reis (2015, p. 12) apontam para o gênero como "[...] construção social que tem importantes variações territoriais, o que não ocorre com o sexo". Esse entendimento foi responsável pelo uso do termo não somente como o estudo do homem e da mulher na sociedade, mas também a grupos sob outras condições sexuais em relação à heterossexualidade, nesse sentido, no estudo de gênero se encaixa a população transexual, travesti, transgênero, entre outros.

Gênero pode ainda ser analisado sob a perspectiva de Butler (2003), no qual a autora defende a existência de padrões e normas, estabelecidos por corpos masculinos e femininos, bem como, direcionado a estes, evidenciados na contemporaneidade, onze anos após os apontamentos da autora. Não equivale dizer que necessariamente os corpos irão seguir tais preceitos, passando a elaborar novas formas que não se encaixam no que é defendido, ou regido em certa sociedade. Isso nos permite entender que os corpos não são apenas meios passiveis as normas elaboradas e perpetuadas nas sociedades, mas que fazem e reproduzem novas formas de comportamento.

Nesse sentido, podemos dizer que é um ciclo que se reinventa, quando os corpos não se encaixam no que já existe, no qual há a (re) e (des) construção de gênero, e principalmente deixa de ser analisado somente sobre os corpos feminino e masculino heterossexuais. Para Doreen Massey (2004) o capital não é o único elemento que controla a vida dos sujeitos, em relação às mulheres a carga é ainda maior, uma vez que experimenta inúmeras formas de restrições, e de violências, que

por vezes as posicionam fora de lugar e do tempo. Lugar este definido pelo gênero masculino, que também fazem parte das concepções femininas, que se perpetuam e se propagam através do discurso, das condutas, dos padrões e punições.

É necessário enxergar o estudo de gênero como algo amplo, no qual não há restrições acerca das subjetividades, tampouco não há o enquadramento dos sexos feminino e masculino unicamente na heterossexualidade (BUTLER, 2003). Nesse sentido, transforma-se em sujeito demonstrando a capacidade de colocar fim aos modelos que se perpetuam há anos na sociedade patriarcal, alicerçado em regras excludentes e desiguais, elaboradas por homens brancos heterossexuais. A complexidade do estudo de gênero e do emprego do termo é definida por Judith Butler (2003),

> [...] cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida com qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembléia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *tê-los* normativo e definidor (BUTLER, 2003, p. 37).

Com o passar dos anos e adesão de maior número de estudiosas e estudiosos ao movimento, a categoria gênero estruturada para analisar as diferenças entre os sexos, foi ampliada ao estudo das diferenças existentes dentro das diferenças, que culminou na organização do gênero como categoria de análise (BURKE, 1992). Estudos da feminista Joan Wallach Scott, na década de 1980, responsável pela formulação da base teórica dos estudos de gênero foi de suma importância para evidenciar tais fatos, assim como marca o uso do termo em pesquisas na academia ganha força e visibilidade. A autora considera que,

> Ao lado da critica da ciência desenvolvida pelas ciências humanas e da critica ao empiricismo e do humanismo que desenvolvem os estruturalistas, as feministas não só começam a encontrar uma via teórica própria como elas também encontram aliados científicos e políticos. É nesse espaço político que nós devemos articular o gênero como uma categoria de análise. (SCOTT, 1995, p. 20).

Na mesma via de estudos de Joan Scott (1995) Nascimento Silva (2011) afirmam que gênero passou a ser uma categoria de análise importante nas ciências humanas e sociais. Na perspectiva geográfica, os estudos de gênero nos permitem caminhar por territórios pouco estudados e desvendar múltiplas formas de

construções sociais e papeis direcionados aos sujeitos, alicerçado sobre o patriarcado, violência, poder e opressão. Importante às considerações de Silva (2009) ao afirmar que a oportunidade de conhecer vínculos estabelecidos entre diferentes grupos sociais, em uma mesma porção territorial, consequentemente permitiu o avanço da adoção do conceito pela geografia.

> A relação entre o feminismo e a construção do conhecimento situa-se na concepção de que o método é o exercício reflexivo de apreensão de uma dada realidade ou a expressão da relação sujeito/objeto expressa na maneira como o/a pesquisador/a enquadra a realidade e nela se enquadra. Nessa linha de pensamento, as pesquisadoras feministas trouxeram para as Ciências Humanas a dimensão do cotidiano, isto é, as diferentes experiências das mulheres, com suas histórias de vida marcadas pelos lugares no(s) mundo(s) do trabalho e pela vida sexual e reprodutiva. (OLIVEIRA, 2008, p. 233).

A construção da sociedade é fruto da reprodução da espécie, bem como da convivência entre os gêneros e reprodução de padrões elaborados por estes, ela será cíclica e histórica, dentro das diferentes sociedades. Ou seja, qualquer sociedade está longe de ser rígida e ter ações únicas, ela extrapola os limites territoriais e acompanha os sujeitos, donde formam outras composições familiares, e reproduzem os comportamentos. Nesse sentido, importante refletir e estudar o resultado das relações sociais, que ainda hoje, amparam-se sobre o poder, sobre a violência e a desigualdade entre os gêneros, construída pouco a pouco no decorrer da história.

1.3 Lugar e Poder: Violência de Gênero na Contemporaneidade Brasileira

Os problemas resultantes das relações entre os gêneros que se manifestam sobre o território apontam para caminhos possíveis de investigação na geografia. Na ciência geográfica poucos são os que se atrevem a analisar essas relações desiguais responsáveis por problemas de saúde pública, em especial no Brasil. Como resultados das disparidades não existem apenas comportamentos e papeis a serem desempenhados, mas conflitos que diminuem o ser humano e o coloca como secundário frente ao outro sujeito, num campo de poder, violência e opressão.

É necessário considerar que o convívio humano, que contribui para a formação do Ser, é um campo no qual a reprodução de padrões socialmente aceitáveis, são aplicados e carregados através do corpo, que o enquadra em

situação desigual de poder, a depender do gênero e do território experienciado. Nesse sentido, podemos afirmar que, o gênero é fator determinante para submeter ou abster o Ser, de práticas violentas. O poder está contido em cada ser humano, como se fosse uma aptidão, mas que raramente é exercido individualmente e sobre um único indivíduo, principalmente no que concernem as questões sociais e políticas de uma sociedade. Nesse sentido, pontuamos a dominação o corpo feminino pelo patriarcado, debatido ao longo dos estudos de Safiotii (2004) como forma de demonstração de poder de um gênero sobre outro.

A ambiguidade do termo “Poder” aponta para a existência da concessão de direitos e autoridade, como também para a submissão por parte daqueles que obrigatoriamente, por questões legais, atos de repreensão ou violência cumprem com os apontamentos. Concordamos com Raffestin (1993) ao afirmar que o poder se faz presente em todas as sociedades, em todos os lugares e em todas as relações sociais. Ele goza das falhas sociais e chega ao coração do homem, que o exerce de várias maneiras. Salutar trazer ao estudo o conceito de poder na visão de Safiotti (1987) ao analisar as relações estabelecidas entre homens e mulheres em meio à sociedade, no qual a autora pontua que,

> O poder está concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres. [...] um caso extrema do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantêm com ela relações sexuais, provando, assim, sua capacidade de submeter a outra parte, ou seja, aquela que, segundo a ideologia dominante, não tem direito de desejar, não tem direito de escolha (SAFIOTTI, 1987, p. 18).

Não há uma regra sobre qual o poder que se solidifica, entretanto a participação humana é de onde emana sua origem, e sobre o qual ele se concretiza. Não podemos atribuir o exercício do poder somente por meio de ações violentas, ele vai além desse contexto visível. Ao culminar neste cenário, podem ter ocorrido ações que induziram ou controlaram palavras que cativaram ou destruíram, ações que eximiram ou que criminalizaram. Todos os seres humanos estão sob condições que demonstram a existência do poder, faz parte da organização de cada sociedade em diferentes contextos econômicos, culturais e étnicos, que ocorrem sobre o território e/ou lugar. Nesse contexto, acreditamos ser de suma importância às considerações da geógrafa Dorren Massey (2012), que afirma,

> [...] os espaços estão cheios de poder e são produtos das relações sociais, construímos o espaço o tempo todo. O poder é sempre um produto relacional, não se trata de que eu tenho poder e você não, trata-se do exercício do poder entre pessoas, entre as coisas, entre os lugares. O conceito de geometria do poder tenta apreender estas questões. O espaço é sempre formado por relações sociais plenas de poder (MASSEY, 2012, p. 1).

Assim como as relações de poder estão presentes em todas as esferas da sociedade, a violência também faz moradia e anda paralelo ao exercício do poder. Todas as pessoas, como agressores ou vitimas, já praticaram ou sofreram atos de violência, que de maneira direta tem sua égide sobre o poder. Ademais é importante considerar que nas relações de poder a violência e a dominação são meios presentes e que sustentam o controle sobre o um espaço, território e/ou lugar. Não tem uma causa única, mas como afirma Michel Foucault (1979, p. 158) "*El poder se construye y funciona a partir de poderes, de multitud de cuestiones y de efectos de poder*"[4].

No Brasil dentro dos diferentes contextos onde o poder é exercido, podemos citar as relações de gênero, a qual sob condições de poder, um individuo domina o outro, ou um grupo. As condutas, a distribuição sócio espacial, a utilização dos recursos naturais, as vivencias cotidianas e sentimentos com o lugar são elementos visíveis e possíveis de serem mensurados, importantes ao estudo das relações de gênero, e necessários na pesquisa geográfica. Dentre alguns fatores que fazem parte deste contexto, encontra-se a violência de gênero, caracterizada como uma temática complexa de ser analisada, devido às considerações subjetivas que cada ser humano constrói em si a partir de suas experiências e do contato com o lugar onde vive.

Nesse sentido, afirmamos que algumas pessoas são mais vulneráveis a sofrer com a violência, a exemplo do gênero feminino, em todas as etapas da vida. Remetemo-nos ao geógrafo brasileiro Milton Santos (2006, p. 39) ao considerar que "O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá". Diante dessa concepção e em consonância com as relações humanas e sociais, podemos afirmar

[4] O poder é construído e funciona a partir de poderes, de uma infinidade de questões e efeitos do poder.

que a violência é um produto da sociedade, ao quais os seres humanos vivem e convivem.

A socióloga Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (2004, p. 17) define a violência "[...] como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral". A natureza dos atos de violência envolve formas e contextos, que devido às características podem ser classificados como violência física, violência verbal, violência sexual, violência psicológica, violência patrimonial, entre tantas outras formas de violência. É inegável que ocorra e que está presente em nosso meio, ainda que de maneira vedada.

Entretanto, necessário considerar que poder e violência não são sinônimos, e que nem sempre em campo de poder, haverá atos de violência. Entretanto, tanto o poder quanto a violência, podem constituir modos de repressão, e são também motivos de muitos debates no campo das ciências humanas. Hanna Arendt, uma das principais autoras no campo da filosofia e política do século XX, afirma que "Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente" (ARENDT, 1994, p. 44), a existência da violência anula qualquer intenção ou característica de poder, e esta ausência do poder é o que possibilita a concretização da violência.

> A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada o seu próprio curso, ela conduz à desaparição do poder. Isto implica ser incorreto pensar o oposto da violência como a não violência; falar de um poder não violento é de fato redundante. A violência pode destruir o poder; ela é absolutamente incapaz de criá-lo. Quero apenas enfatizar que a violência não pode ser derivada de seu oposto, o poder (Id. Ibid, p. 44).

Entretanto, para a filósofa brasileira Marilena de Souza Chauí (1985) poder e violência andam lado a lado, e está condicionado à situação de submissão do outro que se dá sob vários aspectos, a exemplo da estrutura física, idade e gênero que aquele ou aquela que sofre os atos possui e que consequentemente será a vítima. A violência é caracterizada por uma relação de força e poder, tanto em relação às classes sociais ao qual cada cidadã pertence, bem como nas relações interpessoais, que explicam as relações hierárquicas de desigualdade com intuito de dominar, explorar e oprimir. É a transformação daquilo que é diferente em desigual pela relação de inferioridade superioridade entre os sujeitos, que em dado momento deixa de ser visto como ser humano e passa a ser entendido como "coisa". A

violência é caracterizada ainda pela inércia, pela falta de ação e pela quietude, daquele ou daquela que sofre a violência (Id. Ibid.).

Diante do contexto as considerações de Hanna Arendt abrem brecha para ao menos um questionamento: o excesso de poder não é uma das principais condições para que a violência ocorra? Aquele que está na condição de vítima não está ao mesmo tempo numa posição de submissão em relação àquele que pratica a violência? Dessa forma, podemos afirmar que diante da temática em estudo poder e violência são meios que possibilitam condutas violentas, assim como representam circunstâncias para que tenhamos o criminoso ou violento e a vítima.

A violência hora ou outra será condição de todos os sujeitos que habitam os espaços, que os transformam em sujeitos agentes ativos ou passivos dos atos de violência. Ademais, como Martin (2007, p. 21) afirma “A intensidade do ato violento é variável de ator para ator, assim como sua frequência, o dolo do ato, o requinte de sua aplicabilidade e os instrumentos usados”. Nesse sentido temos ao mesmo tempo sob as considerações de Chauí (1985) - agente de poder e violência contra a vítima e sob o olhar de Arendt (1985) - a falta do poder do sujeito que a coloca em condição de vítima.

Consideramos ainda importante analisarmos as considerações de Foucault (1998, p. 248) ao enfatizar que “[...] o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado”. A afirmação de Foucault conduz ao entendimento de poder produzido pelas relações sociais, não existe apenas em um ponto fixo, e tem a participação de distintos sujeitos como vítimas sob o domínio de um indivíduo. O pensamento de Foucault, sob as considerações de Ornat (2008), constitui “[...] a base do pensamento da vertente dos/as geógrafos/as feministas que entendem o poder como práticas discursivas impregnadas de espaço”.

As considerações de Hanna Arendt, Marilena Chauí, Michel Foulcault e Márcio Ornat são de suma importância para exemplificar a violência de gênero, no qual mulheres, jovens e meninas enfrentam em nível global. No Brasil o caso é tido como um problema de saúde pública, que não exclui etnia, cor, condição social, religião, idade ou cultura que conduz muitas vítimas a morte e causa sequelas visíveis e invisíveis em tantas outras. Concordamos com os apontamentos de Diana Lan (2009, p. 282) que “[...] existen diferentes modalidades de ejercer la violencia y que ella atraviesa a todas las clases sociales, pero sus manifestaciones son

diferentes”[5]. Entretanto, importante ressaltar que há grupos que se encontra em condições de vulnerabilidade e, portanto, integram porcentagens significativamente altas nos dados estatísticos.

Além de grupos de maior vulnerabilidade, o ambiente ao qual o individuo está inserido colabora para que sofram, ou seja, isentos de atos de violência de natureza distintos. No território brasileiro, diante dos dados disponíveis para análise sobre a natureza de crimes praticados e as características das vitimas, é possível afirmar que, a quebra de direitos está diretamente ligado ao lugar onde o sujeito encontra-se. Possível considerar que enquanto na rua, os crimes nos quais as pessoas estão expostas com maior frequência são latrocínios e roubos; no lar, os diversos tipos de violência são sexual, psicológica, física, verbal, patrimonial, são os mais praticados, principalmente contra crianças, idosos, deficientes e mulheres.

Quando a transgressão de direitos ocorre no âmbito familiar, a ação é caracterizada como violência intrafamiliar ou violência doméstica. Apesar de algumas vezes serem tratadas como sinônimas ambas as definições se diferenciam pelo lugar onde o crime ocorre, quanto pela relação parental entre a vítima e o agressor. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Humano (MDH, 2018) a violência intrafamiliar é caracterizada pelo crime além do espaço físico onde vitima e agressor habitam e está diretamente ligada à relação parental entre ambos, seja por consanguinidade, ou não. Já a violência doméstica ocorre no recinto onde a vítima e o agressor convivem independente de relação parental.

A geógrafa britânica Linda Margaret McDowell (1999) apontava para a necessidade de incorporar o espaço do lar nas pesquisas da geografia, assim como o corpo, e os resultados das relações humanas. Nesse sentido, a autora não somente aponta para a necessidade de tornar visíveis problemas existentes em territórios restritos, conhecidos, porém, pouco debatidos, como também acompanhar o movimento ou transformação dos fenômenos, a medida dos movimentos no espaço geográfico, a exemplo da violência intrafamiliar. Mulheres, crianças e adolescentes do gênero feminino compõem em todos os tipos de violência intrafamiliar o grupo de maior expressividade. Entretanto, crianças e adolescentes do gênero masculino, portadores de deficiência e idosos também fazem parte dessa triste realidade.

---

[5] [...] existem formas diferentes de se exercitar a violência e que ela atravessa todas as classes sociais, mas suas manifestações são diferentes.

Em 2001, o Ministério da Saúde já apontava para as consequências negativas que a violência intrafamiliar causava às pessoas submetidas às diversas formas como o crime se manifesta que no período citado, era considerado um caso de saúde pública relevante e um desafio a ser cumprido pelos gestores do SUS (BRASIL, 2001). No ano de 2019, 18 anos após as considerações do órgão governamental, os números nas estatísticas relativos ao problema continuaram a crescer, isso demonstra a dificuldade em ações efetivas que colocam fim às formas de violência que ocorrem no primeiro recinto de convívio humano.

Os crimes de natureza doméstica ou intrafamiliar são complexos quanto ao conhecimento pelos órgãos competentes sobre a prática dos crimes quanto à punição. Isso está diretamente atrelado à maneira como o agressor detém o controle sobre a vítima e as relações de confiança estabelecidas dentro do contexto familiar com o agressor. A violência doméstica e intrafamiliar pode ser manifestada de várias formas (quadro 1), onde a vítima pode ser submetida a mais de um tipo de violência, num quadro somatório de práticas delituosas e de sofrimento. Para Minayo (2006) a violência pode ser considerada o reflexo de uma sociedade, é algo histórico, que se produz e reproduz sobre os sujeitos, seja de maneira individual ou em grupo.

Quadro 1: Múltiplas Formas da Violência Doméstica

TIPOS DE VIOLENCIA	DESCRIÇÃO DETALHADA
Violência emocional e psicológica	Consiste em desprezar, menosprezar, criticar, insultar ou humilhar a vítima, em privado ou em público, por palavras e/ou comportamentos; criticar negativamente todas as suas ações, caraterísticas de personalidade ou atributos físicos; gritar para atemorizar a vítima; destruir objetos com valor afetivo para ela, além de documentos pessoais importantes;
Intimidação	Intrinsecamente associada à violência emocional-psicológica, consiste em manter a mulher vítima sempre com medo daquilo que o agressor possa fazer contra si e/ou contra os seus familiares e amigos (sobretudo filhos), a animais de estimação ou bens.
Violência física	Consiste no uso da força física com o objetivo de ferir/causar dano físico ou orgânico, deixando ou não marcas evidentes - engloba atos como empurrar, puxar o cabelo, dar estaladas, murros, pontapés, apertar os braços com força, bater com a cabeça da vítima na parede, ou outras superfícies. Podendo resultar lesões graves, incapacidade permanente ou mesmo a morte da vítima.
Isolamento social	Resulta das estratégias implementadas pelo agressor para afastar a vítima da sua rede social e familiar, dado que uma vítima isolada é mais facilmente manipulável e controlável do que uma vítima com uma boa rede de apoio familiar e social.
Abuso econômico	É uma forma de controle através do qual o agressor nega à vítima o acesso a dinheiro ou, mesmo, a bens de necessidade básica (como alimentos, aquecimento, uso dos eletrodomésticos para cozinhar, etc.).
Violência sexual	Toda a forma de imposição de práticas de carícia sexual contra a vontade da vítima. A violação e a coação sexual são alguns dos crimes sexuais mais praticados no âmbito da violência doméstica, mas que muitas das

	vítimas, acabam por não reconhecer como tal, achando, incorretamente, que “dentro do casal não existe violação”, que são “deveres conjugais” ou “exigências naturais” do homem. A violência sexual engloba também a prostituição forçada pelo companheiro.

Fonte: adequado para quadro pela autora a partir de Albano e Silva (2016, p. 31-32).

Tendo em vista que a falta de poder por determinado grupo é condição para que a violência se instale, assim como o poder proporciona a dominação de um grupo sobre outro, acreditamos que ambos os arquétipos podem ser usados para debater a violência contra crianças e adolescentes no Brasil. O estágio de desenvolvimento de crianças e adolescentes os colocam em condições de vulnerabilidade sob qualquer outro grupo de pessoas, causa consequências irreversíveis ao seu processo de desenvolvimento humano e culmina em danos físicos e psicológicos, defasagem de aprendizagem e relações sociais.

Importante levar em consideração os apontamentos do Ministério do Desenvolvimento Humano (MDH, 2018, p. 20) sobre a Família como “[...] o primeiro agente socializador da criança e do adolescente e cada uma tem suas especificidades, sua maneira de conduzir e resolver situações do dia-a-dia. Por isso, a família é um elemento fundamental no desenvolvimento infanto-juvenil”. Entretanto necessário uma reflexão: Qual a origem da ruptura do papel da família, como principal agente que garante os direitos das crianças e adolescentes? Nesse contexto, cabe ressaltar as considerações do Ministério do Desenvolvimento Humano (Id. Ibid.) ao enfatizar que,

> Há que se considerar que a violência contra criança e adolescente está baseada na relação de poder. Embora os adultos sejam socialmente responsáveis e autorizados a exercer o poder protetor sobre as crianças e adolescentes, ainda é recorrente o exercício de pedagogia de submissão de crianças e adolescentes ao poder autoritário, arbitrário e violento dos adultos (Id. Ibid., p. 23).

Entre os principais tipos de crimes efetuados contra crianças e adolescentes está à violência sexual praticado em sua maioria dentro do próprio lar, por pessoas do convívio da criança e adolescente. A cor, a etnia, a situação econômica, religião, formação familiar, não excluem crianças e adolescentes desse tipo de crime, ou seja, todas as esferas da sociedade podem ser atingidas por este mal. Entretanto, há grupos em condições de risco maior que outros, a exemplo de vitimas do gênero feminino.

Apesar da violência sexual contra menores de idade não ocorrer somente no Brasil, uma vez que de acordo com Santos (2014) em todo o mundo aproximadamente 40 milhões de crianças e adolescentes foram submetidos ao abuso sexual, o que evidencia que este é um problema de esfera global, os casos registrados no território brasileiro são alarmantes, e mostram uma série de problemas que culminam neste quadro, deferidos principalmente contra o gênero feminino e que solidifica a necessidade da pesquisa.

1.4 Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes No Brasil

Objeto de estudo da geografia os fenômenos decorrentes das relações sociais existentes entre os seres humanos que compartilham ambientes geograficamente construídos. Ao mesmo tempo é a utilização desses fenômenos que compactuam para a construção da ciência geográfica, assim como, são beneficiados por ela, devido à reflexão dos fatos e a possibilidade de conhecimentos da sociedade. Compactuamos com as considerações de Claval (2011) de que a geografia é uma velha ciência, que movida pelas mudanças da sociedade, não para de rejuvenescer.

Salutar pontuar as considerações de Claval (2011, p. 373), sobre a grandiosidade da ciência geográfica, uma vez que “[...] Sua vocação é universal: trará da superfície terrestre em sua totalidade. Abraça os fatos naturais e tudo o que está relacionado à ação dos grupos sociais que progressivamente povoaram e humanizaram continentes, ilhas e arquipélagos”. É interesse da geografia os estudos acerca dos fenômenos naturais, da geografia física, porém a sua grandiosidade não se restringem apenas aos estudos das transformações espaciais excluído o ser humano, ao contrario disso, busca compreender a relação entre o homem e o ambiente em que habita.

Nesse sentido, o encadeamento de ações e comportamentos entre os gêneros feminino e masculino, e principalmente as relações de poder de um grupo sobre o outro e sobre o lugar que habitam responsáveis direta ou indiretamente pelos problemas resultantes desse processo, são vitais para a geografia humanística. Importante considerar que a geografia humana não exclui os fatores físicos e naturais em seus estudos, mas busca compreender a totalidade entre os

sujeitos, lugar e ações, como um conjunto, e debruça sobre os desafios presentes nesse meio.

Para Claval “[...] fazer geografia hoje é se debruçar sobre os desafios aos qual a humanidade está confrontada, é exportar as mudanças de atitude que ela deve efetuar, é imaginar as novas normas das quais deve ao planeta e que os faz viver” (Id. Ibid., p. 379). Tais premissas acerca da geografia, com ênfase na geografia humana, como suporte a áreas cientificas como a filosofia e sociologia, adentramos no mundo das subjetividades humanas de crianças e adolescentes, que compartilham seus primeiros anos de vida e de aprendizagem com adultos, muitas vezes vítimas dentro de seu próprio lar.

A violência sexual tem grande parcela de participação de crianças e adolescentes que remete novamente a questão de poder e violência, debatidos por Hanna Arendt e Marilena Chauí, sobretudo, a dependência afetiva em relação ao adulto. As reflexões acerca da infância e da adolescência ao longo dos anos e em diferentes escalas de localização geográfica a nível mundial apontam para uma série de atrocidades cometidas contra crianças e adolescentes que se perpetuou por décadas, se arrastando de um lugar a outro, por aqueles que realizavam o processo de migração. Entendemos que os comportamentos e ações não são inertes, ou seja, ele não é estático e próprio de um lugar, uma vez que acompanham os seres humanos em seu deslocamento, (trans) formando os locais, estabelecendo costumes e padrões apreendidos.

Podemos considerar que os padrões impostos às crianças e adolescentes, de acordo com o gênero ao qual pertença, sua etnia, e a condição da mulher durante o processo de colonização do Brasil, que muito contribuíram para estabelecer padrões considerados comuns, ideais e necessários a uma sociedade, respaldado sobre um regime patriarcal, vão ao encontro da discussão. Ademais, sobre os regimes dos colonizadores, imperam ações que se perpetuam na contemporaneidade.

Assim como em muitos países, no Brasil a criança até os sete anos de idade não era vista como um ser de direitos, o tempo destinado às brincadeiras era pouco, além de serem submetidas às situações vergonhosas e sub-humanas, tendo que cumprir com as mesmas tarefas realizadas pelos adultos. Os estudos apontam para uma infância de repreensões, repressão, violência física e sexual para crianças e adolescentes dos gêneros masculinos e femininos, brancas e negras, porém, de

diferentes maneiras, para cumprir com as obrigações e regras, de acordo com suas idades e famílias pertencentes.

Estudos Azevedo e Guerra (Ibid.) afirmam que durante este período a vida de uma criança negra era difícil, e poderia ser ainda pior de acordo com o local onde habitava (na fazenda ou na cidade) e de acordo com o gênero. Até os sete anos de idade a vida dos meninos negros transitava entre algumas atividades diárias e ao fato de serem usados como “bonecos” para os filhos dos seus senhores, homens brancos. Aqueles que viviam na zona rural tinham um pouco mais de liberdade, lhes permitido circular entre os engenhos e a casa grande.

As crianças negras do gênero masculino que habitavam na zona urbana, viviam em lugares pouco mais isolados, geralmente junto com outros escravos. Em ambos os ambientes, após os sete anos de idade, os meninos negros passavam a realizar atividades que os demais escravos faziam. Ao entrar na fase adulta, os trabalhos mudavam e eles recebiam cargas cada vez superiores, de acordo com sua idade. Porém, deixavam de serem crianças somente em relação aos serviços braçais, uma vez que na condição de escravos, seriam sempre vistos como crianças, no sentido de receber ordens de seus senhores e atendê-las (Id. Ibid.).

Os meninos brancos, filhos dos colonizadores e seus descendentes, até os sete anos de idade se divertiam com os meninos negros de suas idades, porém não estavam longe de receber os castigos de seus pais, assim como era destinado aos meninos negros. Entretanto, ao entrar na fase adulta, marcada pela vida sexual ativa, eles deixavam de ser castigados, eram vistos como homens brancos adultos, iniciado geralmente aos doze anos de idade. Meninas negras ainda crianças, ainda impúberes, assim como adolescentes e adultas eram obtidas como mercadorias, para que o pequeno senhor demonstrasse virilidade, através das relações sexuais (Id. Ibid).

Para ambos os indivíduos: pequeno senhor e escrava ocorrem à violação dos corpos. O menino é estimulado à iniciação sexual no período que mal saiu da fase infantil, por sua vez, à menina e adolescente negra, era obrigada a ceder às vontades do patrão. De acordo com Azevedo e Guerra (2001) uma das maiores alegrias que esta criança/adolescente do gênero masculino poderia dar a seu pai era contrair sífilis, que demonstrava o quão “macho” ele era. Não se casavam cedo, por volta dos 30, 40, anos, todavia, sua esposa raramente passava dos 14 anos de

idade, e tinha uma vida completamente diferente do seu esposo, passando de propriedade do pai, para propriedade de seu marido.

A vida das crianças e adolescentes negras do gênero feminino pode ser considerada ainda pior, se comparada ao gênero masculino, uma vez que segundo Freyre (2003) comum até os 10 anos de idade ser prostituídas pelos seus donos, a fim de obterem lucros. Além disso, eram usadas para satisfazer as ultimas sensações sexuais de homens octogenários, que estimulados por afrodisíacos, gostavam de estar rodeados de meninas ainda impúberes. O desejo próprio do homem à custa da violação dos corpos de mulheres é usado por Saffioti (1987), para descrever as condutas dos machos, alicerçado sobre o sentimento de superioridade no qual mulheres eram tidas como objetos, sem direito de escolha. Assim a autora pontua que,

> Para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. Comporta-se, pois, como sujeito desejante em busca de sua presa. Esta é o objeto de seu desejo. Para o macho não importa que a mulher objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto. O caso extrema do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantem com ela relações sexuais, provando, assim, sua capacidade de submeter a outra parte, ou seja, aquela que, segundo a ideologia dominante, não tem direito de desejar, não tem direito de escolha (SAFFIOTI, 1987, p. 18).

A continuação da trajetória das meninas negras no Brasil demonstra ainda que aos 12 ou 13 anos de idade, seus corpos eram observados a fim de satisfazer as necessidades sexuais dos adolescentes brancos, filhos dos senhores de engenhos, ou de famílias de posses, tornavam-se brinquedo nas mãos destes. Nesse sentido, Freyre (2003, p. 208) afirma que “[...] tantas vezes entregues virgens, ainda molecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. Porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sifilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem”.

As afirmações de Freyre (2003) mais uma vez demonstram as diferenças sociais, étnicas, e históricas que serviram como subsídios que alimentaram as diferenças de poder e gênero na sociedade. Levando em consideração a subserviência das meninas virgens obrigadas a serem objetos nas mãos de rapazes e homens sifilíticos, nos conduz as aspirações de Saffioti (1987), assim como as considerações de Minayo (2006, p. 117) ao sintetizar que “A violência não se

resume às delinquências e ao homicídio, é o ato mais hediondo nas relações sociais, pois ele efetiva o egocentrismo do ser humano: o aniquilamento do outro".

Assim com as crianças e adolescentes negras, as mulheres brancas, principalmente filhas dos senhores de engenho, de banqueiros e comerciantes eram consideradas crianças até a primeira comunhão, por volta dos 13 anos, após esse acontecimento era considerada sinhás-moças, e já estavam prontas para casar (MARTIN, 2007). O casamento era realizado com um homem por escolha de seu pai, geralmente este homem era de família "tradicional" no sentido posses, de idade muito superior, alguns com 30, 40, ou sexagenários. A filha não tinha poder sobre si, suas vontades e sobre seu corpo. Quando se livrava das atrocidades cometidas pelo pai, que a via como uma forma de aumentar sua influencia, caia nas garras de homens criados no sistema patriarcal. De acordo com Freyre (2003) os pretendentes,

> [...] vinham colhê-las verdes para o casamento: aos treze e aos quinze anos. Não havia tempo para explodirem em tão franzinos corpos de menina grandes paixões lúbricas, cedo saciadas ou simplesmente abafadas no tálamo patriarcal. Abafadas sob as carícias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecidos das noivas. Maridos da escolha ou da conveniência exclusiva dos Pais (FREYRE, 2003, p. 219).

Martin (2007) afirma que estas jovens meninas, ao completarem 18 anos de idade já estavam com cerca de três filhos, e com aparência envelhecida devida o tratamento que recebiam. Algumas faleciam no primeiro parto pelo fato do corpo não estar apto ao trabalho de parto. Ao longo de suas vidas eram vigiadas o tempo inteiro, quando sobre o domínio de sua família, seus dormitórios localizavam-se no centro da casa grande, que segundo Freyre (2003, p. 219) era "[...] rodeada de quartos de pessoas mais velhas. Mais uma prisão que aposento de gente livre. Espécie de quarto de doente grave que precisasse da vigília de todos". Deveriam seguir padrões e serem boas esposas, obedientes aos maridos e dispostas a fazer suas vontades. Não chegavam a experimentar a liberdade e tornavam-se escravas, por pertencer ao gênero feminino.

Pesquisas bibliográficas apontam que ser criança no Brasil desde o período colonial era algo penoso, para ambos os sexos e etnias. Comum serem submetidas a castigos, agressões físicas e sexuais pelos adultos, que ainda estando errados, não eram punidos, não havia leis de proteção ao menor. Na sociedade patriarcal as

atrocidades cometidas eram consideradas normais como medidas corretivas e como tratamento recebido devido o pertencimento do status social e étnico. Os crimes sexuais praticados contra as crianças negras do gênero feminino demonstram a maldade sobre o qual se perpetua ações que ainda são realizadas na contemporaneidade, que assim como no período colonial, em sua maioria praticada dentro do próprio lar e pelas pessoas de convívio da vítima.

Com o passar do tempo, a partir de denúncias acerca da violência sofrida pelos menores que claramente configura a violação de direitos da criança e do adolescente e de estudos das percepções, sentimentos e consequências resultantes desse processo, culminou em diversas leis que amparam a proteção dos menores de idade no Brasil e no mundo. Notavelmente, a existência das leis evidencia um problema crônico existente em muitos países, que não se restringe apenas ao território brasileiro, entretanto, revela ainda que nem sempre as leis surtem o efeito desejado, a exemplo do Brasil que é referência em leis de proteção ao menor, porém é também um dos países que lidera o ranking de crimes contra os mesmos.

De acordo com a Lei N° 8.069 de 13 de Julho de 1990 que dispõem sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, em seu Art. 2º Considera criança, a pessoa até doze anos de idade incompleto, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). Ademais, importante considerar que tanto as crianças quanto os adolescentes devem ser respeitados como sujeitos de direitos em suas distintas fases de desenvolvimento subjetivo, reconhecida na legislação brasileira como necessária à atenção por parte da sociedade, da família e do estado visando seu desenvolvimento pleno (MDH, 2018).

No tocante a violência sexual, é descrita no Código Penal Brasileiro, através do Decreto-Lei 2.848 de 07 de Dezembro de 1940, no Título VI, que trata sobre os Crimes Contra A Dignidade Humana, em seu capítulo I, dos Crimes Contra A Liberdade Sexual, em alguns artigos trata sobre a natureza do crime de estupro ou abuso sexual, bem como aplica as penas, de acordo com o crime, como possível ser observado no quadro 2.

Quadro 2: Violência Sexual No Código Penal Brasileiro

Artigo	Descrição do Crime	Pena
213	Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.	De seis a 3 anos de reclusão, de acordo com a natureza do crime.

215	Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com alguém, mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação de vontade da vítima.	Reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos. Se o crime é cometido com o fim de obter vantagem econômica, aplica-se também multa.
215-A	Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro	Reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave.
217-A	Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos.	Reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.
218	Induzir alguém menor de 14 (catorze) anos a satisfazer a lascívia de outrem:	Reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos
218-A	Praticar, na presença de alguém menor de 14 (catorze) anos, ou induzi-lo a presenciar, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem.	Reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos
218-B	Submeter, induzir ou atrair à prostituição ou outra forma de exploração sexual alguém menor de 18 (dezoito) anos ou que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, facilitá-la, impedir ou dificultar que a abandone:	Reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos.
218-C	Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia:	Reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.

Fonte: Adequado para quadro pela autora a partir de BRASIL (1940).

Salutar dizer que a conquista de direitos pelo grupo, é solidificada ainda por um caminho histórico de violência, que por tantas vezes os colocaram em condições sub-humanas, como sujeitos que não possuíam direitos, assim como visto ao longo da trajetória da colonização do Brasil. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Humano (MDH, 2018) somente no fim do século XIX e início do século XX a ideia de proteção à infância surge em algumas sociedades, em 1919 com leis trabalhistas, e aos poucos, devido aos movimentos em prol do grupo, passam a se fazer presentes em esfera mundial, levando em consideração os problemas enfrentados pelo grupo, a exemplo da violência sexual.

Violência sexual ocorre quando, por meio do uso de força, intimidação, ou qualquer outra forma de poder e violência, uma pessoa é obrigada ou induzida a satisfazer a vontade de cunho sexual de outra. A violência sexual pode ocorrer através do contato direto, ou com uso de vídeos, fotografias, ou qualquer outro tipo de mídia que possuem conteúdos sexuais. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Humano (MDH, 2018) precocemente a violência faz parte da vida

das crianças, quando de uma forma ou de outra são submetidas a ações violentas por parte de adultos, como forma de demonstrar poder sobre as mesmas e sobre o espaço que convivem.

A violência sexual quando praticado no contexto intrafamiliar, a miúde é classificada como abuso sexual intrafamiliar ou abuso sexual incestuoso. É comum haver um equivoco no entendimento acerca do incesto e do abuso sexual incestuoso, por isso torna-se necessário diferenciar os dois termos. O incesto pode ser definido como a relação entre parentes que possuem consanguinidade, de maneira que ambos os envolvidos tenham condições e liberdade de escolha para manter afeição, excluído qualquer forma de violência psicológica ou física.

De acordo com Patrícia Calmon Rangel (2001, p. 19) “O incesto é qualquer tipo de contato sexual entre parentes do mesmo sangue e afins, desde que sejam adultos e a relação não seja atravessada pelo poder. Neste caso, eles apenas infringem uma norma social”. Por sua vez, o abuso sexual incestuoso, ocorre quando a vítima e o agressor possuem relações consanguíneas, de parentesco, ou afetividade, entretanto não há vontade por parte da vitima de manter qualquer tipo de relação mais próxima e afetiva.

No caso de abuso sexual incestuoso, observa-se a idade e as condições de maturidade da vítima e do agressor, uma vez que a vitima pode ser induzida pelo agressor a praticar os atos, sem ter condições de identificar, se expressar e ser contraria as ações. Concordamos com as considerações de Lévi-Strauss (2004) quando aponta o incesto como algo natural e social, entretanto que necessita de reflexões acerca do fenômeno. Por muito tempo, o incesto foi proibido visando proteger a continuidade da espécie humana, diante de resultados negativos acerca da geração e filhos de parentes consanguíneos, fato este defendido por alguns estudos na contemporaneidade.

As discussões acerca do incesto, defendidas por Lévi-Strauss (2004), nos conduzem ao entendimento da proibição do incesto não apenas pelos supostos malefícios biológicos, mas devido a percas sociais, quando os indivíduos se fecham em torno de si mesmos. Contrário, disso ocorre quando há o casamento com indivíduos de grupos distintos. Entretanto, a análise do incesto, de acordo com a obra “*As estruturas elementares de parentesco”* de Lévi-Strauss (1982) sob o ponto de vista de Judith Butler (2003) e Ana Paula Lyra (2015) nos direciona para outro fato: a mulher como moeda de troca. Que garantia a continuidade de um grupo,

entretanto, sem nenhum reconhecimento sobre a importância que representava dentro dessas comunidades.

> [...] as mulheres são o objeto da troca que consolida e diferencia as relações de parentesco, sendo ofertadas como dote de um clã patrilinear para outro, por meio da instituição do casamento. A ponte, o dote, o objeto de troca constitui “um signo e um valor”, o qual abre um canal de intercâmbio que atende não só ao objetivo funcional de facilitar o comércio, mas realiza o propósito simbólico ou ritualístico de consolidar os laços internos, a identidade coletiva de cada clã diferenciado por esse ato. Em outras palavras, a noiva funciona como termo relacionai entre grupos de homens; ela não tem uma identidade, e tampouco permuta uma identidade por outra. Ela reflete a identidade masculina, precisamente por ser o lugar de sua ausência. [...] Como esposas, as mulheres não só asseguram a reprodução do nome (objetivo funcional), mas viabilizam o intercurso simbólico entre clãs de homens. [...] No matrimônio, a mulher não se qualifica como uma identidade, mas somente como um termo relacional que distingue e vincula os vários clãs a uma identidade patrilinear comum, mas internamente diferenciada. (BUTLER, 2003, p. 68).

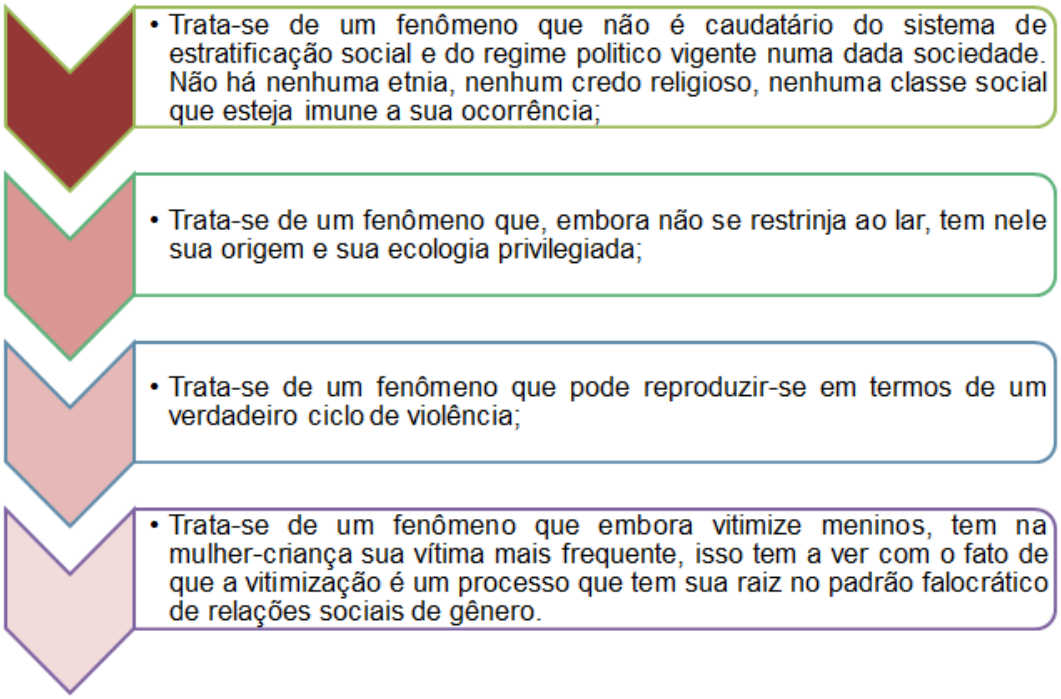
Por conveniência ou por necessidade de sobrevivência dos grupos, o incesto era visto como algo ruim. O incesto é um fenômeno natural e social, levando em consideração as comuns construções familiares no quais os casais são parentes consanguíneos, e há o consentimento de ambas as partes para o relacionamento. Nesse sentido, a palavra incesto que traz consigo uma carga de definições e subjetividades, não denota sofrimento, rupturas de leis e quebras nos direitos pertencentes aos seres humanos, quando realizado dentro dos limites da aceitação entre os envolvidos.

Entretanto, apesar do incesto ser um fenômeno social e natural, o abuso sexual incestuoso não está na mesma proporção. Mesmo porque, a palavra “abuso sexual” por si só denota a existência da infração de leis e de direitos humanos. Importante considerar que a violência sexual sofrida por uma criança, não trará consequências apenas no período em que ela se tornou vítima, podendo se perpetuar por anos, e após ser privada de ter poder sobre seu próprio corpo, possivelmente estará privada de ter uma vida saudável ao longo das fases do desenvolvimento subjetivo.

Nesse sentido, utilizando os apontamentos de Azevedo e Guerra (1989) sobre o fenômeno do abuso sexual ou violência sexual, que em partes confirmam informações debatidas ao longo do texto, adaptamos para entendimento, conforme figura 2. A afirmação do autor sobre a maior parte das vítimas serem mulheres confirma as situações vivenciadas pelo gênero feminino desde o período colonial, no

qual os corpos femininos eram de propriedade de seus donos, independente de serem mulheres brancas ou negras.

Figura 2: Fenômeno da Violência Sexual ou Abuso Sexual



Fonte: elaborado pela autora a partir de Azevedo e Guerra (1989, p. 43)

Ana Paula Lyra (2015) afirma ainda que,

> O abuso sexual abrange qualquer toque ou carícia imprópria, incluindo comportamentos como incesto, molestamento, estupro, contato oral-genital e carícia nos seios e genitais. Além do contato sexual, a violência pode incluir outros comportamentos abusivos como estimular verbalmente de modo impróprio uma criança, fotografar uma criança ou adolescente de modo pornográfico ou mostrar-lhe esse tipo de fotos, expor uma criança à pornografia ou atividade sexual de adultos (LYRA, 2015, p. 62). .

Sobre ideologias como essas, o quantitativo de crimes sexuais cometidos contra crianças e adolescentes do gênero feminino são assustadores. O patriarcado que cala os indivíduos, que estabelece domínio e poder, que reduz o ser humano a condições sub-humanas e que tem o desejo de sentenciar os indivíduos por sua condição sexual é uma realidade em nosso país. É necessário fazer deste um ponto de debates nos diversos campos científicos, a exemplo da geografia, enquanto ciência voltada ao estudo dos seres humanos e da natureza.

1.5 Violência Sexual Na Perspectiva De Gênero: Meninas como objetos de desejos e a Vulnerabilidade do Lar

Apesar de ser considerada uma jovem área da ciência geografica, datada do fim da decada de 1970 e de ter alcançado importantes conquistas para as sociedades como um todo, visando o bem estar e a possibilitando melhorias às condições de vida de mulheres e outras condições de sexualidades não masculinas e heteronormativas, a geografia de gênero tem um longo caminho a percorrer. A afirmativa é uma realidade quando analisamos os territórios no qual as relações sociais ocorrem, e os conflitos resultantes de ideologias, forças e interesses díspares é uma realidade.

Sobre o olhar da geografia de gênero o ponto de estudos e pesquisas, encontram-se os indivíduos e os problemas que permeiam os espaços interno dos lares, compartilhado, geralmente, por um número limitado de indivíduos, autores de tristes histórias e vítimas do gênero que possui. Nesse compasso, adentramos nas subjetividades de meninas e adolescentes vítimas de abuso sexual ou violência sexual incestuoso, na tentativa de compreender os corpos femininos como objeto de desejos. Da mesma forma, objetivando demonstar a vulnerabilidade do lar e ao mesmo tempo segurança deste, na posição de vítima (s) e agressor (es).

A violência do gênero feminino é marcada pela desigualdade e pela ideia de superioridade masculina, construída socialmente, que segundo Corrêa (2011, p. 212) “[...] concedeu os homens privilégios e vantagens materiais e culturais, à custa da opressão das mulheres e supressão de seus direitos, dando origem a violência de gênero”. Diante de tantos tipos sobre o qual a violência de gênero é praticada, encontram-se grupo constituído por crianças e adolescentes do gênero feminino, que nas estatísticas, compõem o grupo mais numeroso de vulneração dos corpos.

Recorremos às afirmações de Foucault (1988, p. 104) que consideramos de suma importância no contexto em estudo e demonstra que “[...] o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”. Dessa maneira ocorrem os casos de abuso sexual incestuoso em relação às meninas que compartilham o mesmo território e lugar que seu agressor. Nesse sentido, concordamos com os apontamentos de Diana Lan (2009) de que no

território temos não somente conflitos sociais, mas também de gênero que se manifestam de várias formas nas dimensões do espaço territorial.

Podemos afirmar meninas são utilizadas como objeto de satisfação sexual de homens, uma vez que as crianças e adolescentes do gênero feminino constituem a maior parte das vítimas e o gênero masculino o abusador sexual. Concordamos com os apontamentos de Gomes, Ceccheto e Nascimento (2017) de que o homem como figura central dos abusos, concretiza a ideia de masculinidade hegemônica presente desde os primórdios da humanidade. Com uso da força, exercem poder sobre outros corpos, visando satisfação de seus desejos e demonstrar virilidade.

De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil entre 2011 a 2017, foram registrados 58.030 casos de violência sexual contra crianças, sendo 43.034 casos, ou seja, 74,2% as vítimas eram do gênero feminino, no qual 51,9% tinham entre 01 e 05 anos e 42,9% entre 06 e 09 anos, sendo 46,0% das vítimas negras. Dos 58.030 casos, 33,8% dos ocorreram em caráter de repetição, no qual 75,6% dos registros os abusos eram cometidos por uma única pessoa, sendo que em 80,8% dos abusadores sexuais pertenciam ao gênero masculino.

A maior parte dos abusos 39,8% foi cometida por pessoas que mantinham vínculo familiar com a vítima sendo a residência (71,2%) o lugar dos abusos (BRASIL, 2018). Importante mencionar que os números podem ser ainda superiores aos apresentados, devido à falta de dados das regiões Centro Oeste e Nordeste. Além disso, importante analisar que os números não representam à realidade, uma vez que muitos dos registros contra menores são feitos sob alegação de negligência e abandono, e posteriormente, a criança e adolescente relata os abusos sexuais sofridos. Alguns dos dados apresentados podem ser analisados na tabela abaixo:

Tabela 1: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual contra crianças no Brasil entre 2011 a 2017

Variáveis	Feminino	Masculino	Total
Número de Casos	43.034	14.996	58.030
Faixa etária 01 e 05 anos			51,9%
Faixa etária 06 e 09 anos			42,9%
Caráter de Repetição			33,8%
Gênero do Abusador		80%	
Lar como lugar do crime			71,2%

Fonte: elaborado pela autora a partir de BRASIL/ Ministério da Saúde (2018).

No mesmo período, o número de registros de adolescentes submetidos à violência sexual foi de 83.060 mil entre os gêneros feminino e masculino, sendo o gênero feminino aquele que apresentou o maior número de vítimas com registro de 76.716 (92,4%). Entre as meninas 67,1% tinham entre 10 e 14 anos, 56,0% eram negras e em 39,7% tiveram caráter de repetição, sendo a residência o lugar da ocorrência da maior parte dos abusos (58,7%), seguido pelas vias públicas (14,1%). A análise da notificação dos casos retrata que grande parte das vítimas 78,9% foi abusada por uma única pessoa, constituído em sua maioria pelo gênero masculino (92,4%) no qual em 38,4% dos casos eram pessoas do vínculo intrafamiliar (Id. Ibid.).

Tabela 2: Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual contra adolescentes no Brasil entre 2011 a 2017

Variáveis	Feminino	Masculino	Total
Número de Casos	76.716	6.344	83.060
Faixa etária de maior ocorrência			
10 e 14 anos			67,1%
Caráter de Repetição			39,7%
Gênero do Abusador		92,4%	
Lugar do crime			
Lar			58,7%
Vias públicas			14,1%

Fonte: elaborado pela autora a partir de BRASIL/ Ministério da Saúde (2018)

Levando em consideração que as práticas delituosas contra vítimas de abuso sexual são realizadas sobre territórios delimitados pelo poder do agressor sobre a vítima, podemos dizer que o crime é cometido sobre lugares nos quais agressores sentem-se seguros em realizar a práticas criminosas, bem como, a presença de potenciais vítimas, assim consideradas pela idade que possuem, pelo tempo que passam junto ao agressor, pelo nível de contato entre ambos, e, sobretudo, pelos desejos sexuais do abusador.

A fragilidade do lar é confirmada levando em consideração o lugar onde os abusos são cometidos (local de moradia) concomitantes a relação de proximidade entre a vítima e o agressor, que possui vínculo familiar (pessoas da própria família), relacionamentos mais íntimos e de maior confiança por parte de amigos e conhecidos (Id. Ibid.). Crimes dessa natureza são classificados como violência sexual incestuoso.

Apesar do reconhecimento tardio das diferenciações dos atores sociais, sua aceitação tem sido notória na tentativa de compreender como os seres humanos se

relacionam e constroem o espaço geográfico, a ciência é de certa forma uma construção respaldada no estudo da sociedade, e dessa forma não pode deixar de analisar os fenômenos nela observados. Os problemas existentes nas sociedades devem ser temáticos de estudos e debates nas diversas ciências, que por sua vez são responsáveis por denunciar, dar voz e visibilidade as objeções identificadas.

CAPÍTULO II: OS CAMINHOS DA PESQUISA: GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA

Foto: SOARES, D. Z.

Eu não entendia bem o que era aquilo, era muito nova, então para mim ele era um irmão comum, como os outros. Mas depois que passei a entender que aquilo que ele fazia comigo era uma forma de abuso sexual, eu passei a ter muito medo dele e raiva. Mas de maneira geral, eu não sei nem te dizer que sentimentos eram maiores, porque são tantos (Rosa, professora, 54 anos, abusada sexualmente pelo irmão aos 04 e 05 anos de idade).

2. GEOGRAFIA, FENOMENOLOGIA, MÉTODO E TÉCNICAS

O presente capítulo visa apresentar os caminhos percorridos ao longo do estudo, acerca dos lugares da pesquisa, entrevistas, objetivos assim como o método e os procedimentos metodológicos escolhidos pelo fenômeno pesquisado. Fomos convidados a caracterizar a ciência geográfica, que deixou de ser concebida como uma área de estudo dos ambientes físicos da terra bem como a descrição da modificação do espaço, isentando a sociedade que nele vive. Nesse sentido, buscamos demonstrar a (re) construção epistemológica da ciência, firmada principalmente através da visão humanística do campo científico, realizados pelos geógrafos Franceses Éric Dardel (2011) e Paul Claval (2011).

Podemos considerar o espaço como forma, meio e produto. Produto este distante de serem apenas as causas do trabalho humano, mas sim, suas relações interpessoais estabelecidas sobre os lugares. Nesse sentido, a nova geografia passa a ser a geografia do homem, defendendo um olhar atento às relações humanas e natureza como forma de garantir a vida em um determinado espaço. Em contextos e períodos distintos os autores Henri Lefébvre, Anne Buttimer, Milton Santos, Margareth de Castro, Salete Kozel, Rosa Ester Rossini, Ana Fani Alessandri Carlos entre outros, evidenciam a mudança na ciência geográfica, apontando a necessidade de valorizar o espaço vivido pelo ser humano.

Tais mudanças foram também, de certa forma, possibilitada pela fenomenologia, que se tornou ponto chave de entendimento da nova perspectiva geográfica, o que evidencia a importância como método no presente estudo, objetivando desvendar as percepções humanas no lugar onde vive. O método está diretamente ligado as Ciências Humanas: Geografia, Sociologia e Filosofia, e propõe uma visão humanística em oposição à visão reducionista sobre os espaços geográficos. A fenomenologia é o estudo das essências, presentes em todos os problemas, inclusive a essência da existência, que visa à compreensão do homem e pelo homem do mundo a partir da facticidade.

As multiplicidades de “mundos” colaboram para as inúmeras percepções subjetivas, assim como influenciam para a formação do sujeito. Entretanto, só se consegue enxergar este mosaico, quando nos abstemos das nossas próprias concepções, e deixamos que os fenômenos falem por si só. Para tanto as obras e o entendimento das análises realizadas por autores como Edward Relph (1979),

Edmund Gustav Albrecht Husserl (1989), Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999), Jean-François Lyotard (1973), Maurice Merleau-Ponty (1999), e Anne Buttimer (1982) foram essenciais tanto para a contextualização do mundo vivido, e, sobretudo, para a construção da pesquisa que se solidifica.

O presente estudo firmou-se com bases na pesquisa qualitativa, que objetiva estudar o comportamento humano, presentes em trabalhos de cunho hermenêutico, fenomenológico e dialético de autores como Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Immanuel Kant, Martin Heidegger, Maximilian Karl Emil Weber, Jean-Paul Charles Aymard Sartre, Merleau-Ponty e Pierre Bourdieu. Os conhecimentos de alguns autores foram utilizados ao longo da pesquisa, visando entender o outro, adentrar em suas vivencias e construções sociais, como forma de enxergar o sujeito na pesquisa e colocar-se no mesmo ponto de encontro, por ele relatado.

Os instrumentos para coleta de dados a exemplo dos questionários aplicados as vítimas e aos abusadores, a técnica de história oral, a observação participante e a construção de mapas mentais, nos possibilitou analisar as percepções dos sujeitos da pesquisa.

2.1 Geografia: Da Descrição da Terra a Análise do Espaço Vivido

Estaríamos deixando de olhar para a humanidade, para as transformações espaciais e geográficas e para os problemas que cerceiam a vida humana no espaço vivido, caso considerássemos a geografia com a descrição da terra, apresentada desde o século XVI, o século das grandes expedições marítimas. Castro (2013, p. 9) afirma que a “Palavra de origem grega combina originariamente a terra (*gê*) com o verbo *graphein*, que significa escrever, mas também pintar, assim como o substantivo *graphé,* que significa escrita e pintura”. Para Dardel (2011)

> A geografia é, segundo a etimologia, a „descrição da Terra"; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino (DARDEL, 2011, p. 4).

A preocupação com a localização dos continentes e países, assim como os locais de exploração comercial, subsidiou o pensamento da geografia enquanto análise e descrição da terra. Para Paul Claval (2011) a ideia de meio ambiente

amiúde constitui um conceito chave na geografia, e onde muitos estudiosos sempre firmaram suas pesquisas. Porém com as mudanças ocorridas no século das luzes, ou seja, pelo movimento intelectual e filosófico desenvolvido na Europa durante o século XVIII, também chamado de Iluminismo, amplia-se a visão sobre a caracterização da geografia e as formas em que os estudos geográficos eram feitos. Dessa forma Castro (2013) aponta para uma ciência capaz de ensinar a posição de todas as porções territoriais do hemisfério, entretanto relacionando umas as outras e ao céu, concomitante a descrição do principal contido nesses espaços.

A ciência geográfica desde a antiguidade esteve vinculada à filosofia, as ciências da natureza e a matemática, mudando seu estado a partir dos estudos do geógrafo Bernhardus Varenius (1622-1650) no século XVII, do filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804) no século XVIII, e dos geógrafos Alexander Von Humboldt (1779-1859) e Karl Ritter (1779-1859) na primeira metade do XIX, passando a obter características de conhecimentos específicos, mantendo a visão real sobre o mundo (CORREA, 2014).

No século XIX, o esforço da corrente racionalista pelas buscas de leis universais classificatórias, a fim de apontar para o espaço em sua totalidade, analisando suas características físicas e humanas, isolando as crenças e mitos para explicar os acontecimentos naturais, apontando para a descrição como importante meio de análise científica. Paul Claval (2011, p. 189) afirma que “[...] as concepções científicas que se desenvolvem no fim do século XIX destacam as relações que os homens mantêm com o ambiente” e que abrange também boa parte do século XX, a procura de definições detalhadas para o momento vivenciado pelas sociedades e pela geografia.

No período supracitado a geografia ganha caráter científico que objetiva a descrição total ou parcial do globo e todos os seus ambientes concomitantes a investigação da condição do homem perante os recursos naturais assim como a distribuição da população pelos hemisférios e a condição de vida de cada população em diferentes lugares. A produção dos espaços e as características que os assimilam como também os diferenciam possíveis de serem identificadas por meio da paisagem, passam a serem objetos de estudos da geografia. Nesse contexto Margareth de Castro (2013, p. 11) afirma que a geografia passou a estabelecer “[...] a relação entre a totalidade e a especificidade, volta a sua atenção para a riqueza da

diversidade e a personificação dos lugares. Amplia a percepção geográfica quando aproxima o olhar dos processos de diferenciação".

Importante às considerações de Correa (2014) de que a partir de meados do século XX, com o surgimento da nova geografia que se debruça a estudar a expansão do capitalismo e as transformações que ocorriam na superfície terrestre, ao passo do desenvolvimento. Transformações essas que não afetava somente a paisagem, mas que culminava em produção dos deserdados da terra, apontando para a existência de grupos privilegiados (desenvolvidos) e grupos subdesenvolvidos. Para o geógrafo brasileiro Milton Santos (2012) até meados do século XX as discussões acerca da geografia e das relações entre o homem, o espaço e o trabalho eram realizadas nos mesmos moldes das sociedades europeias, as características próprias de cada espaço não eram observadas a fundo. A nova geografia passa a ser a geografia do homem, defendendo um olhar atendo as relações homem e natureza como forma de garantir a vida em um determinado espaço.

A partir da década de 1950 a geografia assume caráter teorético-quantitativa calcada nas ciências da natureza, passando a ser considerada uma ciência social e não espacial, entretanto é neste período que o espaço é citado pela primeira vez como conceito chave da geografia, ao passo que o conceito de paisagem é menos discutido e o conceito de região é redirecionado e ao mesmo tempo reduzido como resultado de um processo de classificação de unidades espaciais. Neste período território e lugar ainda não eram tidas como categorias da geografia. A partir da década de 1970 surge a geografia crítica, ligada ao materialismo histórico e a dialética. Seu surgimento tinha como principal objetivo uma geografia diferente da proposta tradicional e teorético-quantitativa (CASTRO, GOMES E CORRÊA, 2000).

Nesse sentido, importante se faz as considerações do filósofo Francês Henri Lefébvre (2013, p.14) ao afirmar que "*Durante largo tiempo, se ha tenido por costumbre presentar el espacio como un receptáculo vacío e inerte, como un espacio geométrico, euclidiano, que sólo posteriormente sería ocupado por cuerpos y objetos*" [6]. Lefébvre discorre sobre uma das principais características da geografia anterior a segunda metade do século XX, no qual os corpos e os objetos ocupariam

6 Há muito tempo, costuma-se apresentar o espaço como um receptáculo vazio e inerte, como um espaço euclidiano geométrico, que só mais tarde seria ocupado por corpos e objetos.

o espaço, considerado como algo vazio, e que muito provavelmente na crítica do autor, não estabelecia qualquer interferência na vida humana. No mesmo período o geógrafo brasileiro Milton Santos (2012) propõe um estudo acerca de uma nova geografia, no qual os objetos e o homem seriam estudados de forma conjunta, bem como o sistema de ações e técnicas produzidas no espaço.

As considerações de Léfbvre (1974) e Milton Santos (2012), sobre o meio e o homem, ocorrem anos após os estudos do geógrafo francês Eric Dardel, após meados da década de 1950, em sua obra denominada "O Homem e a Terra" que advogava o espaço geográfico em contraposição as considerações únicas e simples acerca do espaço geométrico. Diante disso chegamos ao que Lefébvre (1976, p. 29) considera como espaço social e vivido distante de ser *"[...] vacío y puro, lugar por excelencia de los números y de las proporciones*"[7], podemos então considerar o espaço como forma, meio e produto. Produto este distante de serem apenas as causas do trabalho humano, mesmo porque, conforme o autor menciona em sua obra: *La-produccion-del-espacio* "*No hay relaciones sociales sin espació, de igual modo que no hay espacio sin relaciones sociales*" (Ibid., 2013, p. 14) [8]

Em sua obra *A poética do espaço*, cuja primeira edição é datada de 1954, Bachelard, considera que "O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geométrica. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação" (BACHELARD, 1993, p. 19). A noção de espaço geográfico com a expressiva participação humana passa a se fazer presente em todas as áreas da geografia. A geógrafa irlandesa Anne Buttimer (1982) considera que o espaço meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana.

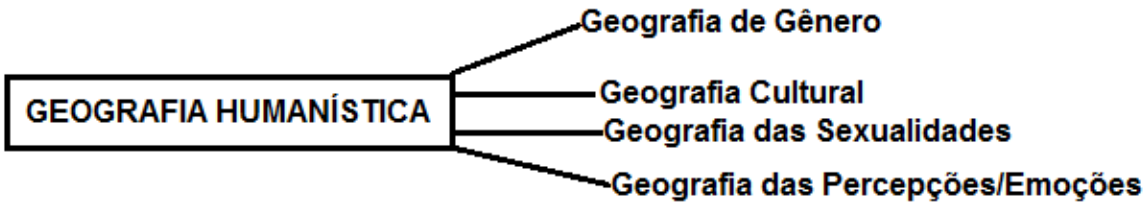
Na área da geografia física, há o estudo dos problemas ambientais resultantes do trabalho humano, na área humana as percepções subjetivas entre os espaços ocupados pelo homem, os conflitos, a produção social resultante das relações humanas e as percepções advindas desse processo. Sobre o espaço vivido, advogamos as mesmas considerações proposta pelo arquiteto, pedagogo e filósofo alemão Otto Friedrich Bollnow, em sua obra *O homem e o Espaço* (2008)

[7] "[...] vazio e puro, lugar por excelência dos números e das proporções".
8 Não há relações sociais sem espaço, assim como não há espaço sem relações sociais

que simplificadamente, o caracteriza como nada psíquico, mas o espaço onde a vida humana acontece. Entendemos o espaço vivido como o lugar das complexas relações sociais, fruto das investigações da geografia humana.

A figura 3 aponta as possibilidades de estudo na geografia humanística, que engloba todos os assuntos relativos ao mundo vivido, que o torna tão diverso quanto os sujeitos que nele habitam. Werther Holzer (2008, p. 143) ao analisar a importante obra de Anne Buttimer "*Values in Geography"* (1974) chega à conclusão de que ela defendia a geografia humanística capaz de "construir o espaço como um mosaico de lugares que refletem a vontade, valores e memória humana". Nesse sentido organizamos o que consideramos serem as heranças da geografia humanística, que se ramificam assim como as relações sociais existentes na sociedade, como forma de estudar afinco os grupos.

Figura 3 - As Ramificações Da Geografia Humanística



Fonte: Elaborado pela autora.

A complexidade das relações sociais estabelecidas entre os seres humanos que permeiam o espaço denunciam a gama de possibilidades de fenômenos a serem investigados e que consequentemente, necessitam da atenção dos pesquisadores. Corroboramos então com Kozel (2018) que o centro da abordagem humanística,

> É o ser humano, tendo em vista a compreensão das estruturas e significados do espaço vivido, sobretudo porque os seus trajetos sobre a terra significam vida. A analise dessa trajetória numa perspectiva humanística, não pode ser reduzida a relações geométricas entre os elementos: espaço, duração e práticas sociais que se articulam durante a experiência humana (KOZEL, 2018, p. 44).

O espaço vivido torna-se então espaço da observação humana, para tanto, a fenomenologia, com método de observação, colabora para o estudo das vidas que se desdobram no espaço vivido. Nesse sentido, corroboramos com o matemático Alemão Hermann Minkowski (1993, p. 400) ao afirma que "Nós vivemos e atuamos

no espaço e nossas vidas pessoais, tão bem como a vida social da Humanidade, desdobram-se no espaço", o espaço é o lócus da experiência humana, tão importante à pesquisa geográfica sob a perspectiva da fenomenologia.

O método fenomenológico é capaz de considerar não somente a posição do sujeito no espaço, bem como as suas experiências próprias e representações dos espaços em suas vidas, pelas experiências de quem vive, percebe e constrói os lugares. Nesse contexto, importante se faz as considerações de Buttimer (1982) ao apontar o espaço, sob o ponto de vista fenomenológico, como sendo um conjunto dinâmico no qual as experiências ocorrem à medida que o ser humano se movimenta, desloca-se. As coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas nesse horizonte.

2.3 Método Fenomenológico

O método fenomenológico, ganha ênfase a partir da utilização de suas potencialidades de aplicações na área humana, especialmente na geografia humana, a partir da segunda metade do século XX, quando autores como Tuan (1977), Bollnow (2008), Claval (2011) e Dardel (2011), estudam as relações do homem com o meio físico. Tais estudos não eram respaldados apenas no trabalho humano, como agente transformador da paisagem, das formas de relevo e que dependente dos recursos naturais, mas os sentimentos subjetivos que o ser humano desenvolve a partir das relações com o mundo vivido, contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas respaldadas no método fenomenológico [9].

A fenomenologia surgiu em 1901 com a publicação da obra *Investigações lógicas* do filósofo Alemão Edmund Husserl, considerado percursor do método em oposição à ciência pragmatista existente no século XVIII, sendo definida pelo autor como "[...] a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência do conhecimento" (HUSSERL, 1989, p. 22). Em um curto espaço de tempo passa a ser reconhecido por autores como o geógrafo canadense Edward Relph (1979) e o geógrafo Francês Paul Claval (2011) como o estudo das essências humanas, resultantes de suas experiências.

9 A utilização do método fenomenológico pode ser encontrado em trabalhos de renomados autores como, Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau Ponty, Dardel, Bachelard, entre tantos outros

O método está diretamente ligado as Ciências Humanas: Geografia, Sociologia e Filosofia, propondo uma visão humanística em oposição à visão reducionista sobre os espaços geográficos. A partir dos anos de 1960 e 1970 a fenomenologia faz na geografia humana seu lugar, sendo concebida como Geografia Fenomenológica. De acordo com Amorim Filho (1999, p. 70) ela se apresenta "[...] como uma das bases epistemológicas para o estudo dos espaços vividos e valorizados, tema fundamental da corrente da geografia humanística". Salutar compreender que a fenomenologia considera o sujeito não como um objeto ou mero transformador do espaço, mas passível de todas as ações realizadas sobre ele. O filósofo Jean-François Lyotard (1973) considera a fenomenologia como uma introdução lógica às ciências humanas, uma vez que,

> *[...] trata de definir eidéticamente su objeto antes de toda experimentacion y una recuperaccion filosófica de los resultados de la experimentación, en la medida en que intenta volver a apreender su significación fundamental procediendo sobre todo al análisis critico de los instrumentos mentales empleados (LYOTARD, 1973, p. 27*) [10].

Apesar das diferentes correntes filosóficas, sociológicas e geográficas, podemos afirmar que a fenomenologia nos permite analisar o mundo vivido pelos indivíduos, levando em consideração as experiências humanas nos lugares ocupados, bem como a descrição dos fenômenos existentes, concomitante a vivencia humana. Tal método subsidia a valorização do homem e o coloca no centro dos fenômenos, que direta e/ou indiretamente será agente ativo e/ou passivo das ações. Podemos afirmar que a fenomenologia tem como principal base o ser humano e o mundo, aliás, o mundo reduzido a alguns poucos números na escala cartográfica, constituindo a sociedade onde vive, o local de trabalho e/ou sua casa.

Sendo praticamente inseparável da geografia humana, o método foi passível as observações de vários autores, que viam no homem o centro de sua própria morada. Nesse sentido, necessárias às afirmações de Buttimer (1982, p. 4) que classifica a fenomenologia como "[...] um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância". A fenomenologia é o estudo das essências, presentes em todos os

10 [...] tenta definir seu objeto eideticamente antes de toda experimentação e uma recuperação filosófica dos resultados da experimentação, na medida em que tenta reaprender sua significação fundamental, procedendo, sobretudo à análise crítica dos instrumentos mentais utilizados.

problemas, inclusive a essência da existência, que visa à compreensão do homem e pelo homem do mundo a partir da facticidade.

Nesse contexto o filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1999, p. 2), que se dedicou ao estudo do método e é referencia no uso do mesmo, o define como uma "[...] filosofia transcendental para qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico" A fenomenologia permite o conhecimento das percepções do mundo vivido, sentido e imaginado, nesse contexto possível afirmar que o uso do método conduz ao pesquisador olhar para o interior de um mundo que não o seu ainda que esteja em uma mesma porção territorial que o fenômeno e/ou indivíduo pesquisado, por vias de percepção. Jean-François Lyotard (1999) afirma ainda que,

> [...] é o estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno. (LYOTARD, 1999, p. 10).

A análise do mundo ao qual o ser humano é o próprio centro do fenômeno, ou tem (coo) relação direta com o mesmo, é o mundo vivido, ou seja, o espaço habitado pelo ser humano, onde ele mora, convive, participa em comunidade, por fim, onde ele existe! Nessa perspectiva, corroboramos com as colocações da geógrafa brasileira Salete Kozel (2018, p. 44) onde afirma que "[...] o mundo vivido reflete no lugar, que passa a ser apropriado pelo corpo por meio das sensações, percepções e significados". O conceito de mundo vivido que de certa forma dá condições à abordagem geográfica é fruto da fenomenologia, desenvolvida desde Edmund Husserl, que caracterizou o conceito como conjunto de coisas, valores, costumes e mitos próprios do mundo subjetivo.

Mundo este onde cada ser vive de uma maneira diferente, assim como é atingindo ou influenciado de forma desigual pelos elementos culturais, pelas ações e pelo contato humano. As multiplicidades de "mundos" colaboram para as inúmeras percepções subjetivas, assim como influenciam para a formação do sujeito. Entretanto, só se consegue enxergar este mosaico, quando nos abstemos das nossas próprias concepções, e deixamos que os fenômenos falem por si só. Acreditamos que "[...] o mundo vivido é essencialmente subjetivo derivado do

contato com outras pessoas, com instrumentos, coisas, etc. Enfim, tudo que pode ser usado, transformado e manipulado" (Id. Ibid.).

Podemos considerar as afirmações de Buttimer (1982, p. 172) ao afirmar que "A fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominador comum na experiência dos outros". Salutar dizer que não ocorre uma divisão da área física e humana na geografia, mas a interpretação do mundo vivido no qual todos os elementos estão inseridos, concomitante ao ser humano que nele habita, suas experiências e percepções.

A pesquisa não objetiva fazer um resgate histórico do uso do termo em todos os autores que tratam sobre o uso do método fenomenológico, tampouco descrição analítica do mesmo em cada linha de raciocínio filosófico. Objetivamos apontar a contribuição da fenomenologia na geografia, para a compreensão de seus fenômenos, ambientes e sujeitos, com ênfase na fenomenologia do filósofo Francês Gaston Bachelard, a partir da obra "A poética do espaço", primordial no estudo. A obra é assim concebida, devido os significados a partir da experiência humana, exemplificado pelo autor através dos espaços e dos objetos por ele descrito, com um olhar aquém da utilidade e da normalidade com o que se observa.

Podemos afirmar que a obra supracitada nos conduziu ao estudo do espaço íntimo da casa, por estar diretamente ligado ao lugar onde os casos de abuso sexual ocorrem, por ser o território onde vítima (s) e agressor (es) convivem. Para Bachelard (1993, p. 26) "[...] a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem". A casa é para todo ser humano lugar onde suas lembranças são fortes e acompanham ao longo de sua vida, num piscar de olhos é possível volta à infância, reviver momentos, sentir sabores e cheiros guardados na memória. Assim ocorre também em outras fases da vida do desenvolvimento subjetivo, no qual os espaços onde as vivências humanas serão responsáveis por eclodir sentimentos próprios.

Com o tema das gavetas, dos cofres, das fechaduras e dos armários, o autor propõe retomar como os pensamentos da intimidade (Id. Ibid.), nos cabe questionar que objetos e quais pensamentos as vítimas de abuso sexual fazem questão de não lembrar? As imagens da intimidade tornam-se ainda mais marcante quando analisarmos os mapas mentais produzidos por meninas e que retratam os abusos sexuais sofridos no decorrer na infância e juventude. Demonstra o repúdio e

generosas pitadas de sentimentos de revolta, descaso, dor e traumas resultantes do processo. Gaston Bachelard (1993, p. 232) ao afirmar que “[...] o exterior não será uma intimidade antiga perdida na sombra da memória” nos permite advogar que o exterior é também interior, uma vez que aquilo que o indivíduo experiência o acompanhará em suas lembranças ao longo da vida.

Cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo (BUTTIMER, 1982), cada sujeito tem um mundo construído a partir das relações estabelecidas e que é possível de ser estudado a partir do método fenomenológico, levando em consideração o sujeito como dono de sua própria história, que compartilhada respaldam o fazer científico. Dessa forma entrevistadas e entrevistados não serão enxergados como meros colaboradores na pesquisa, senão como sujeitos vitais para a concretização do estudo. Suas experiências descritas e suas percepções do mundo vivido encontrarão apoio no método escolhido, e na sensibilidade do pesquisador em atribuir os elementos do mundo descrito pelo outro, como sendo parte do seu, para então entender o fenômeno pesquisado.

Chegamos então à funcionalidade da fenomenologia, descrita por Husserl (2006) como método que não tem interesse na existência, mas na essência do sujeito e a maneira como ele se percebe no mundo vivido. É este mundo vivido pelos sujeitos que mostra a urgência da pesquisa dessa natureza, como também a solidifica. Podemos resumir que a fenomenologia nos apresenta a um mundo real, fora de todas as caracterizações do termo, composto por subjetividades humanas, compostas pelas relações sociais estabelecidas e pelas ações resultantes desse processo. É preciso ter empatia para entender que a fenomenologia não é o que queremos ver, sentir, obter como resultado, mas sim a realidade nua e crua de sujeitos que vivem numa mesma porção territorial, fazem morada em outro mundo que não o nosso, compartilham problemas distintos, e jamais terão as mesmas percepções.

2.4 Natureza da Pesquisa - Qualitativa

A partir dos conhecimentos obtidos através do contato entre os sujeitos, o pesquisador e o fenômeno, constrói o fazer científico. Objetivando a análise dos sentimentos das vítimas de abuso sexual incestuoso, assim como, suas percepções com o lugar onde os abusos eram cometidos, os atos e violência sofridos

concomitantes aos abusos sexuais, as relações sociais de gênero e poder, optamos pela abordagem qualitativa dos dados e informações, reconhecida por Bernardes (2017, p. 20) como sendo uma “[...] possibilidade de apreender o real no contexto da subjetividade, do simbólico e da intersubjetividade próprias das relações expressas na realidade social, num intercambio com suas dimensões objetivas”.

A abordagem qualitativa remonta do fim do século XIX e inicio do século XX, sendo utilizados por universidades em pesquisas e/ou estudos acerca do comportamento humano, possíveis de ser encontrada em trabalhos de cunho hermenêutico, fenomenológico e dialético de autores como Hegel, Kant, Heidger, Weber, Sartre, Merleau-Ponty e Bourdieu. No Brasil a abordagem qualitativa ganhou espaço em produções científicas somente após segunda metade do século XX, e vem cada vez mais sendo reconhecida em produções nas áreas das ciências humanas.

As várias possibilidades de técnicas e métodos para coletar de dados proporcionados pela pesquisa qualitativa resultam em uma quantidade considerável de dados, que necessitam ser compreendidos e organizados, em um processo contínuo ao longo da pesquisa, visando identificar categorias, relações, etc. tornando-se um processo complexo, que se inicia desde a análise do conteúdo a partir da escolha das obras e materiais bibliográficos (MORAES, 2017).

A análise do conteúdo é de suma importância, uma vez que de certa forma respalda os caminhos percorridos ao longo da pesquisa, e os dados obtidos, ela pode ser definida como o tratamento dos dados, que permite ao pesquisador separar os conteúdos de acordo com a natureza de sua pesquisa, o que consequentemente trará melhores resultados no decorrer do percurso. Diante dessa realidade, na concretização da presente pesquisa, os conteúdos foram selecionados observando a categoria de análise no quais as obras estavam inseridas e os assuntos relativos a cada processo e fase da pesquisa. Posteriormente, os materiais foram separados por capítulos, proporcionando maior organização para os momentos de leitura e escrita.

Entretanto, no desenvolvimento do presente estudo não nos apegamos apenas a uma metodologia, tampouco a um instrumento de coleta de dados e produção, o que culminou na aplicação de questionários, entrevistas orais, observação participante, análises documentais e produção de mapas mentais. Concordamos com o que Alves (2008) afirma no tocante ao uso de um único método

para coleta de dados como inviável devido à complexidade diversa do espaço geográfico, o que consequentemente, não subsidia o trabalho do geógrafo.

Nesse sentido optou-se em não seguir a risca planejamentos pré-determinados no momento da coleta de dados, mas a partir da realidade presenciada, adaptar o planejamento observando a necessidade e as características dos grupos e/ou sujeitos. Assim, ainda que os colaboradores estivessem respondendo questionários abertos, a observação participante ocorria concomitante a ação, bem como se observada a dificuldade ou preferencia por outro método, a exemplo da história oral, imediatamente houve substituição, visando manter o bem-estar das entrevistadas e dos entrevistados, assim como, a execução da pesquisa.

Acreditamos nos apontamentos de Cellard (2008, p. 305) que “De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fomes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise”. Além da qualidade do material a ser analisado e selecionado, o autor faz referencia a diversificação das fontes de coleta de dados, observados na concretização do presente estudo, no qual optamos em utilizar diferentes meios para obtenção de informações em todas as etapas do estudo.

2. 5 Procedimentos Metodológicos e Pesquisa de Campo

Os caminhos metodológicos trilhados ao longo da pesquisa nos permitiram o contato com agentes de algumas instituições mantidas pelo poder público que atendem a população, bem como entidades mantidas pelo poder privado, com expressiva participação de igrejas e pela doação de recursos por parte da população. No primeiro momento os servidores foram informados sobre o caráter da pesquisa e seus objetivos, para posteriormente iniciar o processo de obtenção de dados, a mesma conduta foi exercida com as vítimas e os abusadores sexuais, condenados.

A pesquisa de campo contou com a participação dos seguintes profissionais: 01 assistente social e psicóloga, servidora do CREAS, 01 psicóloga que atende a crianças e adolescentes em um abrigo do menor, 01 psicóloga e psicopedagoga que já teve contato com crianças vitimadas em unidades escolares, , 03 agentes penitenciários, servidores da Secretaria do Estado da Justiça de Rondônia - SEJUS, 02 servidoras da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente - DPCA do

Estado de Rondônia, 04 mulheres vítimas de abuso sexual incestuoso quando crianças e/ou adolescentes e 02 albergados, que cumprem pena por abuso sexual contra criança e adolescente do gênero feminino. Os municípios onde as pesquisas foram realizadas não serão referenciados no estudo, tampouco o nome dos entrevistados ou qualquer outro meio que os identifique.

Por questões de segurança, não entrevistamos menores de idade, uma vez que nos foi informado por psicólogos sobre alguns problemas que poderiam desencadear na vítima, por um processo chamado de *revitimização* do crime e por encontrar-se na fase de formação subjetiva. Consideramos de suma importância os apontamentos de Matos e Pessoa (2009) ao enfatizar sobre a autonomia do pesquisador em decidir as técnicas a serem utilizadas, levando em consideração a natureza do trabalho, o objeto de estudo, no qual conseguirá alcançar os resultados esperados. Dessa forma, fomos aos poucos construindo uma teia de informações baseadas no respeito aos entrevistados, coesão da pesquisa, na perspectiva de materializar experiências e histórias de vida.

Como enfatiza Ramos e Pessoa (2017, p. 448) “A pesquisa de campo é a parte de conhecermos a realidade pesquisada, é o momento de nos inserimos no universo da pesquisa, de viver e ter a experiência da prática para compreendermos o vivido, tendo, assim, o contato entre o empírico e a prática”. Consideramos ser esta etapa, uma das mais desafiantes ao longo do fazer científico dada a importância para a solidificação da pesquisa, que contribui para a construção de novos caminhos na geografia. Ademais, este é o momento em que o pesquisador adentra no mundo do fenômeno pesquisado, está em contato direto com os sujeitos, buscar estabelecer relações de confiança, analisando como os sujeitos se observam no lugar onde vivem.

O primeiro local procurado para pesquisa de campo foi o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, cujo município não será revelado. O órgão é responsável por atender crianças vítimas de violência física, psicológica, sexual, em situações de abandono, negligência e trabalho infantil. O órgão conta com profissionais psicólogos, assistente social e psicopedagoga, que trabalham diretamente com as crianças que são encaminhadas pelo conselho tutelar municipal, Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, delegacia da mulher, conselho tutelar, disque 100, ministério público, poder judiciário e por pessoas que buscam por atendimento de maneira espontânea.

No órgão supracitado nos foi esclarecido à função do CREAS, como é feito o trabalho com as vítimas de abuso sexual, a condição social e gênero da maior parte das vítimas e abusador, relação parental entre a vítima e o abusador e o número aproximado de atendimento por ano. As informações obtidas no órgão foram limitadas a tais naturezas, em nenhum momento tivemos acesso a documentos, fichas ou contato com as vítimas.

Após pesquisas no CREAS, foram realizadas buscas por informações em um abrigo de menores de idade localizado em um município do estado de Rondônia, no qual vítimas de violência, maus tratos, abandono, prostituição entre outros crimes, são encaminhadas até que a justiça determine a algum parente a guarda da/a menor, ou adoção. No abrigo de menores, tivemos contato com uma psicóloga que atende a todas as crianças que necessitem de apoio, sendo indicado o atendimento ou por procura espontânea. As pesquisas resultaram em informações valiosas, sobre as vítimas como também de abusadores, aproveitamos ao máximo a experiência e o trabalho da servidora no lar, o que nos condicionou a abordagem da profissional em vários ângulos, tendo como base a própria formação e principalmente, a experiência de casos.

No abrigo foi questionada a natureza dos crimes, a condição socioeconômica, relação parental e gênero da maior parte das vitimas e abusadores, a forma como os casos de abuso sexual chegam ao conhecimento da entidade, bem como a maneira como as vítimas são conduzidas para o lar (se por abuso sexual ou por outros tipos de violência ou negligência). Entretanto, o foco principal esteve ligado às percepções das vítimas, na tentativa de compreender os sentimentos que culminam do processo de violência sexual, assim como possíveis traumas que se prolongam a fase adulta.

A visita a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente – DPCA teve como objetivo o diálogo com a delegada responsável pelo recebimento e investigação, de casos de crianças e adolescentes submetidas a situações que infringe seus direitos, garantidos no Estatuto da Criança e Adolescente-ECA e na Constituição Federal de 1988. Diante da demanda de atendimentos no local na data da pesquisa, não pudemos entrevistá-la pessoalmente, entretanto, nos foi solicitado enviar o questionário da pesquisa por e-mail, que ela responderia as indagações. No referido local obtivemos diálogo com duas agentes administrativas do órgão, que colaboram com a delegada responsável, e nos forneceram algumas informações acerca dos casos de abuso sexual recebidos pela entidade.

No intuito de estabelecer diálogo com abusadores sexuais, chegamos a um albergue no interior do estado de Rondônia. A instituição é uma construção antiga, e dividida entre o sistema prisional feminino, e a casa do albergado, no qual, sujeitos que transgrediram as leis e os direitos humanos, cumprem sua pena em sistema semiaberto. Na Imagem 1, é possível analisar a característica da construção na rua lateral a entrada do presídio, os muros altos, guaritas, serpentinas e cerca elétricas, demostram elementos da segurança, que funcionam como meios que impedem a fuga dos daqueles que cumprem sua pena.

Imagem 1: Presídio e Albergue – Pesquisa de Campo

Foto: SOARES, D. Z. (04/06/2019)

Na foto B, é possível identificar a parte de trás do albergue, e parte do interior do órgão, no qual, se localiza as salas administrativas onde os agentes penitenciários realizam suas atividades, e os parentes dos detentos procuram na busca por informações e efetivação de alguns serviços, como emissão de carteirinhas para visitação. Além disso, neste local, albergados que trabalham em serviços de marcenaria, na produção de banquetas, namoradeiras, cadeias, e outros objetos. No interior do albergue, na ala administrativa, tivemos contato com o diretor da entidade que apesar de nos receber e autorizar a pesquisa, não participou da entrevista por estar em missão em outro órgão a serviço da justiça. Entretanto, 03 agentes penitenciários denominados ao longo do estudo como Agente 01, Agente 02 e Agente 03, depois de explicada a natureza da pesquisa, aceitaram conceder entrevistas e nos “presenteou” com várias informações acerca da tipologia do crime.

No mesmo local, os agentes penitenciários selecionaram 02 albergados que se enquadravam na tipologia do estudo, e que estavam disponíveis para serem entrevistados. Salutar dizer que em vários materiais bibliográficos o abusador sexual é tido como uma pessoa que em algum momento da vida foi vítima, diante dessa hipótese procuramos analisar, as situações de formação subjetiva do mesmo desde a fase da infância a fase adulta, no qual o contexto familiar foi bastante explorado. Ademais, neste momento, nos propomos a percorrer caminhos, pouco realizado na ciência geográfica, e necessário ao entendimento dos fenômenos.

Concomitante as pesquisas de campo foram realizadas as entrevistas orais, com aplicação de questionário e construção de mapas mentais com cinco vítimas de abuso sexual incestuoso. As vítimas possuem idade entre 22 a 48 anos e aceitaram participar do estudo de maneira espontânea, e se autodenominaram Tristeza, Gratidão, Perseverança e Rosa. Obtivemos a breve participação de uma Agente penitenciária, que no decorrer da pesquisa de campo no albergue, nos afirmou ter sido vítima da prática criminosa, entretanto, selecionou as questões que poderia responder, devido às recordações e por compreender um caso muito íntimo, são se sentindo a vontade para falar.

Essa mesma conduta em relação a Agente penitenciária, foi exercida com as demais entrevistadas, tanto que na elaboração dos mapas mentais, 03 entrevistadas conseguiram realizar e 01 optou em não participar da atividade, que segundo ela, não gosta de lembrar. A pesquisa de campo nos possibilitou o contato direto com as vítimas e os abusadores, nos permitiram compreender a realidade vivenciada por

cada individuo e os sentimentos ainda presentes na contemporaneidade. Corroboramos com as considerações de Matos e Pessoa (2009, p. 124) “[...] é, neste momento, que o pesquisador entra em contato direto com a realidade a ser estudada, interagindo com seus sujeitos/objetos”.

Em todos os momentos a durante a elaboração do estudo, nos momentos de pesquisa de campo, advogamos das concepções de Morin (2005, p. 36) onde afirma que “O método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez, dotado de método”. Diante disso, os métodos foram ajustados sempre que necessários, no intuito de obter informações acerca do fenômeno.

Entendemos as colocações de Saffioti (2004, p. 42) ao enfatizar que “[...] a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a ela exteriores [...]. [...] ninguém escolhe seu tema de pesquisa, é escolhido por ele”. Estar frente a frente com abusadores sexuais foi desafiador, sendo necessário, enquanto pesquisadora, vestir outra roupagem e enxergar o ser humano além do ato cometido, na tentativa de desvendar os motivos que o conduziu a prática do crime, buscando informações acerca de sua infância, juventude e formação familiar, que consideramos essencial no estudo, ainda que não justifique a prática criminosa. De antemão acreditávamos existir potenciais que estimularam a realização do ato, o que se confirmou a partir das pesquisas.

2. 5.1 Observação Participante e Entrevistas

No estudo forma de suma importância a realização das etapas de entrevista, caracterizado como um dos procedimentos mais utilizados para coleta de informações em pesquisas qualitativas são através das entrevistas que passamos a ter acesso às experiências, percepções, histórias de vida das pessoas que fazem parte do fenômeno pesquisado (BONETTO, 2017). As entrevistas são caracterizadas entre não estruturadas, estruturadas e semiestruturadas. Morais (2017) afirma que as entrevistas estruturadas são definidas por uma orientação não diretiva, sendo flexível e aberta. As entrevistas estruturadas são realizadas por meio de roteiros pré-elaboradas, com perguntas de natureza mais fechada. Entrevistas semiestruturadas são caracterizadas por garantir maior liberdade ao entrevistador e entrevistados para abordar aspectos do interesse da pesquisa.

Nesse sentido, importante às considerações de Jean Poupart (2008) ao enfatizar o valor das entrevistas como porta de acesso as realidades sociais, no qual as realidades dos entrevistados e do entrevistador se entrecruzam, e no qual os mundos vividos e construídos, passam a ser conhecidos. Entretanto é necessário compreender que as realidades sociais são também labirintos difíceis de serem trilhados, no qual Poupart (2008, p. 215) considera ser transmitida através “[...] do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica, assim como do jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos”.

No método qualitativo a entrevista é tida como uma forma de dar visibilidade aos grupos sociais e de interpretar suas realidades, mesmo porque as condutas sociais não poderiam ser explicadas fora da perspectiva subjetiva inerente aos grupos sociais (Id. Ibid.). As entrevistas são responsáveis por proporcionar ao pesquisador ter contato indireto com o fenômeno através de outras pessoas que lidam ou em algum momento tiveram contato com o problema, bem como de forma direta através do contato com os entrevistados. Nesse sentindo, cabem as considerações de Ramos e Pessoa (2017, p. 453) que afirmam que devido a “[...] sua natureza interativa a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”.

A entrevista pode ser caracterizada como a principal forma de coleta de dados, ou ainda, colaborar com a observação participante no processo na obtenção das informações. Por sua vez a observação participante de acordo com Gil (2008, p. 103) baseia-se na participação “[...] real do conhecimento na vida da comunidade, ou grupo de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo”. Por este motivo a técnica é denominada observação participante, aonde se chega ao conhecimento dos fatos de um sujeito, ou grupo a partir do interior dele mesmo.

2. 5.2 Mapas Mentais

Salutar refletir sobre o uso dos mapas mentais em pesquisas fenomenológicas, mesmo porque, autores como Merleau-Ponty (1999), Dardel (2011), Buttimer (1982), Fremont (1972), Relph (1979) entre outros, em algum

momento utilizaram a linguagem das concepções subjetivas acerca das representações espaciais, que influenciavam no comportamento, na cognição e nas considerações acerca do mundo vivido. Além de estarem intimamente ligados ao método fenomenológico, os mapas mentais integram a representação espacial na ciência geográfica, entretanto vai muito além da caracterização do lugar, evidenciando aspectos que perpassam algumas áreas científicas, a exemplo de psicológicos, filosóficos e linguísticos do sujeito.

Os sentimentos descritos por meio dos traços demonstram o mundo vivido, mas diz muito mais sobre a situação do ser no lugar que habita e as lacunas existentes resultantes das relações sociais estabelecidas ao longo da vida. As pinturas rupestres realizadas durante a pré-história nada mais são do que mapas mentais acerca do ambiente ao quais os sujeitos estavam inseridos, sendo retratados os animais presentes no espaço, às plantas, as características dos integrantes do grupo e formação familiar. Mapas mentais são possibilitados através das lembranças que as pessoas possuem do mundo vivido, do lugar cotidianamente habitado e construído, dos acontecimentos particulares, num momento passado e presente.

Para Kozel (2018, p. 28) “Tais registros surgiram com a necessidade dos grupos humanos de referenciar rotas, caminhos e territórios, integrando vivido e as práticas culturais”. Ademais, as considerações de Tuan (1980, p.15) caracteriza os mapas mentais como “[...] uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa” A imagem é então tida como materialização simbólica do lugar e que no estudo, fora utilizada para demonstrar as lembranças resultantes de abuso sexual perpetrados contra mulheres, na infância e na adolescência. Tony Buzan (2009) afirma que o mapa mental,

> [...] é uma ferramenta dinâmica e estimulante que contribui para que o pensamento e o planejamento se tornem atividades mais inteligentes e rápidas. A criação de um mapa mental é um método inovador que permite explorar os infinitos recursos do cérebro, tomar decisões apropriadas e entender nossos sentimentos (BUZAN, 2009, p. 6). .

Na geografia humanística alguns autores relataram sobre o uso de mapas mentais e suas contribuições como forma de representação do espaço e do lugar, a exemplo de Claval (2011) que em sua obra “Epistemologia da Geografia” apresenta

a Geografia Pré-Científica Ou Etnografia, Geografia Vernacular e Geografia Científica onde afirma que no período da geografia vernacular o recenseamento administrativo do espaço pelos esquimós, também conhecidos como inúteis era realizado através do mapeamento de um bom pedaço do lugar onde viviam, a partir de observações e registros dos fenômenos naturais, no decorrer do ano.

A produção de mapas tem enorme poder de representar as relações sociais e proporciona ao sujeito retratar o seu mundo, sem que tenha conhecimentos acerca do mundo como um todo. Essa visão humanística corrobora com as considerações de Kozel (2018, p. 29) ao afirmar que “Os mapas assim constituem-se a partir da percepção e da representação de imagens mentais, o que vem despertando para a necessidade de se compreenderem os complexos aspectos socioculturais do mundo atual”. O cotidiano se expressa em lugares onde a vida acontece dessa forma às potencialidades possíveis de retratar informações fragmentadas, pulverizadas, torando-as possíveis de serem interpretadas. Compactuamos com Buzan (2009) ao dizer que sua eficiência é evidenciada pela configuração dinâmica, no qual o cérebro é estimulado a trabalhar com rapidez, empregando um método que indiretamente ele utiliza naturalmente.

2.6 Os sujeitos da pesquisa: Psicólogas, Agentes Penitenciários, Vítimas e Abusadores Sexuais

Os sujeitos que participaram da pesquisam como vítimas e abusadores sexuais, ganham ênfase por subsidiar os apontamentos realizados no estudo, assim como, os dados obtidos nas pesquisas bibliográficas. Acreditamos também, ser uma forma de evidenciar a veracidade da pesquisa de campo, assim como, um item importante para entender as demais etapas do processo de construção do estudo. Nesse sentido, serão apresentadas as 04 mulheres entrevistadas e os 02 abusadores sexuais, no que concerne a sua história de vida atrelada a natureza da pesquisa, e suas características físicas.

A primeira entrevista se autodenominou Tristeza (imagem 2) a mais jovem entre as mulheres da pesquisa, tem 22 anos, estudante, casada, e foi vítima de abuso sexual perpetrado pelo padrasto, aos cinco anos, aos nove anos e aos doze anos de idade, sendo a última vez aquela de maior revolta e lembranças, na contemporaneidade. A jovem se autodeclara negra, possui boa aparência, bem

articulada e inteligente. Conseguiu falar sobre os abusos que sofreu somente aos 22 anos de idade, após assistir a uma palestra na instituição de ensino em que estuda, e justifica o tempo de silêncio, sobre as constantes ameaças sofridas pelo autor do crime, e posteriormente, a vergonha do ato. De acordo com a entrevistada, o codinome escolhido reflete o que carrega em seu interior, devido os abusos sofridos.

Imagem 2: Tristeza durante a construção do mapa mental

Foto: SOARES, D. Z.

Por intercessão de um amigo em comum, chegamos ao conhecimento de Gratidão (imagem 3), uma jovem de 27 anos, vítima de abuso sexual por três agentes distintos: dos 05 aos 10 anos de idade pelo padrasto, aos 09 anos pelo irmão, e aos 10 anos pelo dono do sítio onde sua família morava. Os sentimentos de revolta, mágoa e de aversão, ocorrem principalmente em relação ao padrasto, ao qual também atribui sua mudança de comportamento após sofrer os primeiros atos de abuso sexual, bem como, em relação ao tempo ao qual foi abusada por ele.

Gratidão é negra, de olhos verdes, possui boa aparência, formada em assistência social. Optou por este codinome porque diante de tudo que passou, poderia ter optado por outros caminhos, como o mundo do crime, das drogas, do álcool, mas devido às bênçãos de Deus, optou pelo caminho do bem. De acordo com a entrevistada, além do ato de violência sexual, sua família era muito carente, e havia dias que tanto ela, quanto os irmãos, não tinham o que comer em casa, principalmente em períodos que a mãe estava junto ao padrasto, entre tantas vezes que rompiam e reatavam.

Imagem 3: Gratidão em destaque

Foto: Concedida pela entrevistada.

A entrevista concedida por Perseverança (imagem 4), uma mulher de 42 anos de idade, dona de casa, evidencia a existência de lembranças, décadas posterior aos atos de abuso sofridos por parte do avô paterno, aos 10 anos e aos 14 anos de idade. De acordo com os relatos da vítima, o agressor, que pouco convivia com a família, em um dia de visita, aproveitou a ausência dos pais, para dar banho na vítima e em suas irmãs. Perseverança afirma que ao lembrar-se das imagens, em sua memória, é como se estivesse revivendo o momento, que causa repulsa, raiva e nojo. De acordo com a entrevistada, na primeira vez, aos dez anos, enquanto ele dava banho nela e nas irmãs, ele tocava as partes intimas de todas, e no fim, tirou o seu órgão genital, e esfregava nas netas.

A vítima alega que, na época, devido à idade e ao fato de não haver comunicação em casa e na escola, ela não sabia o que era aquilo. Ademais, Todas

as vezes que o avô dava um abraço, se esfregava em seu corpo, até que ela deixou de abraça-lo, conforme foi crescendo. Entretanto, certo dia, por volta dos 14 anos de idade, ele a abraçou a força e apertou seus seios, fato este lembrado com muita tristeza, e ao mesmo tempo, com olhar de medo. A entrevistada relata que sempre se sentiu mal na presença do avô, e ao crescer passou a sentir medo de outros homens, por acreditar que todos poderiam ser do mesmo jeito.

A vítima relata ainda que, na contemporaneidade guarda muita mágoa e muita revolta do avô (já falecido), apontando ainda para outras práticas criminosas da mesma natureza, realizadas pelo avô em relação a duas tias, filhas do abusador, no qual uma das tias cometeu suicídio, que acredita ter relação com os atos de abusos que sofria.

Imagem 4: Perseverança durante a entrevista.

Foto: SOARES, D. Z.

Rosa, por sua vez, foi à última entrevistada, tem 54 anos de idade, professora, e escolheu este codinome porque diz gostar muito de rosas, e as cultiva em sua casa. Rosa foi vítima de abuso sexual aos 04 ou 05 anos de idade, por parte do irmão 08 anos mais velho, fato que se estendeu até seus 08 anos de idade aproximadamente. Entretanto, na ocasião dos abusos, ela menciona não ter noção alguma do que o irmão realizava, entendendo as ações somente anos mais tarde. A vítima relata nunca ter tido um bom relacionamento com o agressor, principalmente

após o fim dos atos de abuso, e acredita que o jeito agressivo do irmão em relação a sua pessoa, era uma forma indireta de ameaça, no intuito de calar para que não relatasse a outras pessoas os atos de abuso que foi submetida. A entrevistada não se sentiu a vontade em ceder uma imagem de si mesma, e optou em deixar registrado uma foto de uma espécie de rosa, que cultiva, e que tem muito carinho.

Imagem 5: Rosa cultivada pela entrevistada

Foto: Cedida pela entrevistada.

Dentre os condenados por abuso sexual, encontra-se o abusador 01, sendo assim denominado devido à ordem de entrevista na pesquisa. Albergado 01 é um homem de boa aparência, de baixa estatura, pintor profissional, possui idade 37 anos. O mesmo foi condenado a pouco mais de 12 anos de prisão por abusar de uma adolescente de 13 anos, cumpre pena na instituição a pouco mais de 04 anos, sendo pouco mais de três anos em regime fechado, e na contemporaneidade, por bom comportamento, está no sistema semiaberto (intramuros), na casa do albergado.

Albergado 01 (Imagem 6) é bem articulado e consegue descrever com riqueza de detalhes suas percepções acerca do sistema carcerário, e mais que isso, analisa os interesses individuais e em conjunto de cada lugar na sociedade, onde os

indivíduos encontram-se. Vítima de abuso sexual aos 13 anos de idade considera o crime algo repugnante, e se diz inocente em relação às acusações que o conduziu a sistema carcerário e a condenação. Descreve a violação de seu corpo como uma sensação de sentir-se sujo o tempo inteiro, e afirma veementemente, jamais ter cometido ou cometer qualquer prática dessa natureza.

Imagem 6: Sombra Albergado 01

Foto: SOARES, D. Z.

O segundo albergado (Imagem 7), denominado na pesquisa como Albergado 02, tem 39 anos de idade, antes de chegar ao sistema penitenciário, trabalhava em

uma serraria e exercia atividades de massagista profissional. O sujeito está na entidade há quase quatro anos, por abusar sexualmente de sua enteada, uma criança de 10 anos de idade. Albergado 02 é um homem com aparência sofrida, criado pela avó paterna, pelo pai e pela madrasta, relatou ter sofrido constantes agressões físicas por parte da madrasta, e afirmou ser uma relação conflituosa, no qual em um episódio, chegou a agredi-la também para se defender.

Imagem 7: Sombra - Albergado 02

Foto: SOARES, D. Z.

As brigas travadas com a madrasta o fazia retornar a casa da avó, onde encontrava carinho e proteção. Entretanto, pela vontade de viver com o pai, de ter e

sentir a figura paterna ao seu lado retornava a casa do mesmo, e o ciclo de violências recomeçavam. O mesmo descreve o sistema carcerário, e ressalta que diante do que presenciou, não deseja a experiência a qualquer outra pessoa. Albergado 02 assegura não ter praticado do crime e descreve abusadores sexuais como “monstros”, e uma vez confirmada a autoria do crime tem que pagar, ressaltando não ser o caso dele.

As profissionais psicólogas que participaram da pesquisa possuem carreiras e experiências na docência e na psicologia. Psicóloga 01 é mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia UNIR (2013) e especialista em Psicologia Hospitalar (2001), Graduação em Psicologia (1999) e professora universitária de uma instituição de ensino particular. A mesma é Psicóloga das Unidades de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de um município de Rondônia, no qual as entrevistas foram realizadas. Devido ao público que atende, e ao trabalho desenvolvido nas entidades ao qual possui vínculo, a entrevistada não se sentiu a vontade para fornecer algum objeto, fotografia, ou outro elemento de significância e significado.

Psicóloga 02 atua na área da educação desde 1999, sendo que no ano de 2005 concluiu o curso superior com formação em pedagogia com ênfase em orientação escolar. A profissional é Pós-graduanda em psicopedagogia clínica e institucional, e graduada em Psicologia Clínica e Institucional em (2015). Atende a alunos com dificuldades de aprendizagem ou portadores de Necessidades Educacionais Especiais, da rede estadual de ensino, dando suporte a família e a professores que necessitem de apoio, assim como na avaliação do comportamento e aprendizagem dos mesmos.

Apesar de ter contato com crianças vítimas de abuso sexual, ela revela ser muito dolorido lidar com as histórias e ajudar, visando a quebra do ciclo de violências que envolvem a vida da vítima. Isso porque muitas vezes a família já tem conhecimento, e nada faz para dar fim às situações no qual as vitimas são expostas. Ao solicitar uma imagem, poema, fotografia ou qualquer outra coisa que a entrevistada gostasse e pudesse fornecer, ela prontamente disponibilizou uma fotografia no qual registrou o nascer do sol, pela janela de uma aeronave. A entrevistada acredita ser uma das mais belas obras de arte, assim como exalta a importância do calor do sol, para aquecer a terra e possibilitar a existência da vida.

Imagem 8: Nascer do Sol Observado do Interior de Uma Aeronave

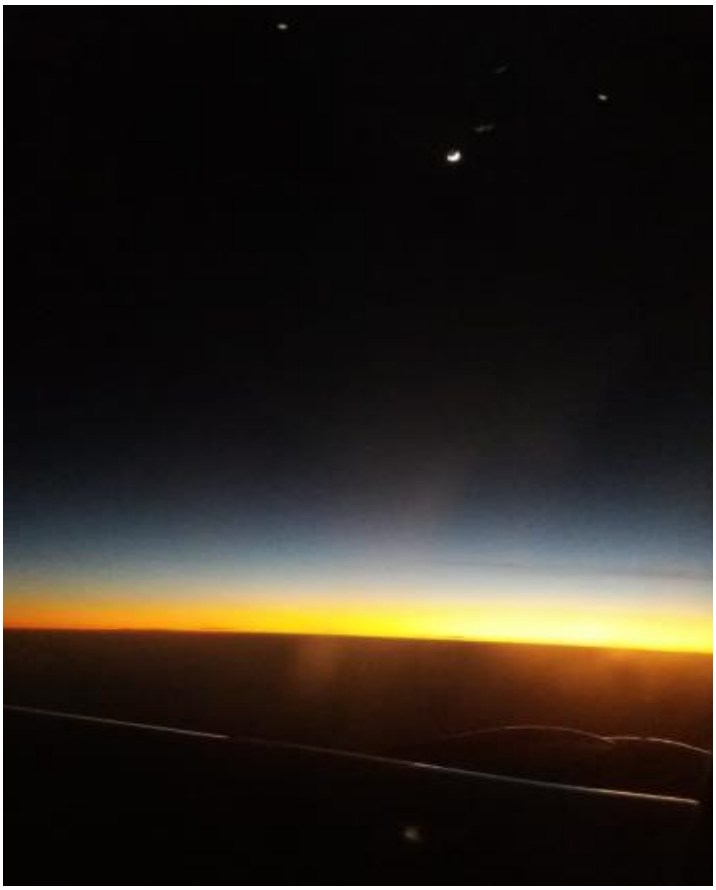


Foto: Cedida pela entrevistada.

Os agentes penitenciários participantes da pesquisa trabalham no setor administrativo em um albergue, e possuem boa trajetória no quadro efetivo da Secretaria de Estado da Justiça de Rondônia. No contexto, uma agente com 27 anos de carreira e 50 anos de idade, de baixa estatura e bem informada acerca dos registros obtidos na instituição, divide seu lugar de trabalho com um agente de 10 anos de carreira, e 35 anos de idade, que atende aos familiares de albergados e detentos que solicitam documentação para visitas ao interior do sistema penitenciário. Ambos foram solícitos quanto às entrevistas e apontaram os albergados a serem entrevistados, assim como forneceram informações valiosas acerca do convívio dos albergados no interior do sistema penitenciário.

O terceiro agente penitenciário de 29 anos de exercício e 54 anos de idade que acompanha os presidiários do regime fechado na realização de atividades rotineiras no interior do albergue, como atendimentos médicos e manutenção em tornozeleiras eletrônicas nos apresentaram algumas dependências da unidade,

assim como, o descreveu alguns comportamentos observados ao longo de seu exercício profissional. Nesse sentido, destacando a importância da pesquisa, afirmando ainda ser à primeira vez a ter contato com alguém interessado em pesquisar o sistema prisional. Ao observarmos a conversa de dois albergados, e ser questionado sobre uma gíria usada por um dos sujeitos, ele explicou o que significava o termo, e salientou a necessidade de mais estudos sobre a vivência dos privados de liberdade, como forma de conhecer suas experiências. Por motivos de segurança, e visando manter a identidade em sigilo, nenhuns dos três agentes se sentiram a vontade para disponibilizar objetos, ou outros elementos que agregassem valor sentimental.

Os caminhos percorridos ao longo da pesquisa, através dos métodos e técnicas nos possibilitaram maior proximidade com o fenômeno, assim como, foram responsáveis por responder aos questionamentos propostos na construção do projeto de pesquisa. Os entrevistados e os suportes bibliográficos conversaram entre si, o que evidenciam subjetividades de vitimas e agressores, em outros estudos, que se intercalam, na natureza da pesquisa.

CAPÍTULO III: O ESPAÇO VIVIDO E O LUGAR DO MEDO

Desenho elaborado por Henrique Augusto dos Santos Mroczkoski, a partir de “The Shadow People” ou “Pessoas das Sombras”.

[...] Naquele ambiente em que eu morava, me sentia totalmente desprotegida. Sentia-me feia, me sentia insegura, tinha raiva, sentia muito medo, medo, medo, medo. Medo de contar para alguém, medo da reação das pessoas. Sou grata às poucas pessoas de bem com as quais pude contar e que me ajudaram a sair dali (Gratidão, assistente social, 27 anos, abusada sexualmente pelo padrasto dos 05 aos 10 anos de idade, pelo irmão aos 09 anos, e pelo dono do sítio onde sua família morava aos 10 anos de idade).

3.0 Vítimas, Abusadores, Pacto do Silêncio e a Fragilidade do Lar

O problema do abuso sexual infantil, construído através das relações sociais, foi durante muitos anos ignorados, entretanto há algum tempo o fenômeno compõe as pautas de discussões acerca da violação dos direitos de crianças e adolescentes, dos problemas de saúde pública que permeiam os diferentes espaços geográficos, das relações de poder e violência que caracterizam vitimas e agressores, e do campo da geografia, ainda que de maneira tímida. Nesse sentido, o presente capítulo visa analisar os perfis de vitimas de abuso sexual, através de comportamentos manifestados no decorrer do desenvolvimento subjetivo, assim como de abusadores sexuais.

Não há um padrão possível de ser usado para encaixar, ou classificar potenciais vítimas e agressores, o que consequentemente equivale a dizer que ainda diante de atitudes comuns a vitimas e abusadores, nem todos estarão incluídos em tais grupos. Entretanto, através da pesquisa de campo com mulheres vitimas de abuso sexual, evidenciamos que o medo passou a ser uma constante, desde que seus corpos foram violados, assim como, a imagem do abusador como tranquilo e livre de qualquer suspeita, foi também afirmadas.

Os arranjos familiares foram também analisados sob a perspectiva da geografia humanística, no intuito de observar as relações de gênero e grau de parentesco entre os indivíduos, assim como o território de poder que se instala a partir das relações desiguais entre os sujeitos. Os abusadores em sua maioria são pessoas do vínculo afetivo da vítima, que convivem com a mesma e obtém sua confiança, situação essa que facilita a prática criminosa pelo abusador, e que na vítima potencializa as consequências advindas do processo.

A trama da família incestuosa é de difícil resolução e funciona como um campo minado, onde não se sabe as reações que cada indivíduo que compartilham o lar incestuoso, pode ter. Diante disso, a maior parte dos abusos chega ao conhecimento de outras pessoas, quando a vítima já se encontra na fase adulta, e se sente segura para falar sobre o assunto. Em alguns lares, impera a lei do silêncio, que não só prolonga o sofrimento da vítima, como a coloca em condições sub-humanas, dando condições a continuidade dos atos pelo abusador.

O lar passa a ser um ambiente de medo, tristeza e outros sentimentos ruins, ligados à falta de segurança, no qual as vitimas não constroem qualquer tipo de

sentimentos positivos. Ademais, no lar onde ocorre a violência sexual intrafamiliar, comum a vítima ser submetida a outros tipos de violação, a exemplo da violência psicológica, física e verbal, por parte do agressor, como também por outros membros de sua família. Nesse sentido, vítimas e agressores não compartilham o lugar com as mesmas condições de direitos, psicológicos e sociais, onde o abusador usa o espaço restrito como forma de ocultar sua face do crime, enquanto a vítima constrói em si desprazer em relação ao lugar de habitação e violação.

Crianças são seres que veem o mundo nos pequenos espaços que ocupam, e deveriam ser preservadas da perversidade humana do adulto, entretanto, muitas são apresentadas precocemente as percepções negativas, fruto das relações entre humanos. As entrevistadas, vítimas de abuso sexual intrafamiliar na infância, enriqueceram a pesquisa através de suas histórias de vida, assim como, as contribuições de profissionais da psicologia, concomitantes as pesquisas bibliográficas, foram de suma importância no trilhar dos recintos privados, e das percepções humanas.

3. 1 Características das Vítimas de Abuso Sexual e do Abusador

As discussões acerca das relações estabelecidas entre os membros de uma família e pessoas da convivência dos grupos familiares é na contemporaneidade objeto de estudos da geografia, que entende o lugar habitado por sujeitos como um espaço de interesses subjetivos e de reprodução social. A geografia humanística e a geografia feminista podem ser consideradas as grandes responsáveis pelo estudo dos sujeitos que habitam o lar, considerado por Relph (1979, p. 39) como o “[...] centro insubstituível de significância”.

O lar enquanto espaço de convívio pode também ser considerado um lugar de opressão, violência, desigualdades de gênero sinalizado por Gillian Rose (1993), assim como de estereótipos destinados aos sujeitos de acordo com o gênero. Importante considerar que uma das criticas feitas pela geografia feminista e humanística em relação à própria geografia, é a predominância e atenção aos estudos do espaço além do lar, desconsiderando os problemas existentes nesse meio. Assim, o que ocorria no lar pouco se sabia, tampouco se discutia, devendo ser resolvido entre os membros residentes, sendo atribuída à figura paterna, ao homem heterossexual detentor das palavras e dos direitos, as ações corretivas.

As discussões sobre gênero, violência, sexualidade e poder na geografia afirma a presença da ciência em todos os campos que permeiam a vida humana e que, não poderia estar separada do campo do trabalho, das sociedades industriais e do espaço geográfico. Salutar compreender, ainda que o estudo do homem tivesse sido o principal objetivo da geografia desde o surgimento da ciência geográfica, as várias sociedades ao quais os seres humanos habitam, e as configurações familiares seriam responsáveis por contribuir para as distintas formações do pensamento e comportamento humano.

Diante dos estudos de geógrafas feministas e sobre gênero na geografia realizados por Doreen Massey, Gillian Rose, Janice Monk, Diana Lan, Monica Colombara, Joseli Maria Silva, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, e Márcio José Ornat, que abordam uma enorme diversidade de temas, edificamos e solidificamos o estudo da violação dos corpos de crianças e adolescentes do gênero feminino no lar. Com as contribuições de estudos de áreas afins, procuramos identificar as condutas dessas vítimas antes e após o ato sofrido, assim como os problemas resultantes desse processo.

Além disso, diante de pesquisas, dos relatos feitos pelas entrevistadas e propriamente com os abusadores, nos lançamos a identificar características comuns aos abusadores sexuais, que contribuíram para a concretização do ato. Para tanto, regressamos no momento em que este era também uma criança, na tentativa de compreender possíveis rupturas que colaboraram para que os tornassem abusadores. Nesse contexto importante as proposições de Rousseau (1989) ao afirmar que a sociedade é capaz de corromper o homem, que não nasce mal, sendo impossível designar ou classificar possíveis abusadores sexuais, anterior à ocorrência da violação de corpos e descoberta dos casos.

No tocante as vítimas, a observação das atitudes e dos comportamentos é capaz de demonstrar ter sofrido abuso sexual, uma vez que algumas crianças e adolescentes podem desenvolver atitudes topofóbicas, que esteja diretamente ligado ao lugar que habitam ou habitaram no período em que sofreram os abusos. Entretanto, a presente pesquisa demonstra que muitas vítimas vivem longos anos, sem que pessoas próximas consigam identificar, a partir de seu comportamento, que tenha sofrido abuso sexual, entretanto essas se enquadram em uma parcela menor.

Grande parte das crianças submetidas a esse tipo de violação geralmente apresentam sexualidade mais aflorada do que outras crianças da mesma faixa

etária, possíveis de ser observados nas brincadeiras. Durante a pesquisa de campo, evidenciamos esse fator, através da fala de uma psicóloga, que atende crianças e adolescentes de um abrigo em um município do estado de Rondônia. A profissional nos esclareceu que na maioria das vezes, as crianças chegam até o abrigo, sendo notificadas como vítimas de maus tratos, negligências etc. posteriormente, durante a convivência, e a partir da observação do comportamento da criança,

> [...] A gente começa a desconfiar quando tem um comportamento muito sexualizado. Por exemplo, temos um caso aqui de três irmãos: duas meninas e um menino, e até a escola já chamou a pedagoga para falar que eles falam coisas que uma criança não saberia. Umas linguagens pesadas, tipos de posição de sexo. Entendeu? [...] Aqui eu já presenciei algumas brincadeiras do tipo: Vamos brincar de namorar? Vamos brincar de dar beijo na boca? De casar? Brincam de passar a mão um na bunda do outro. Masturbam-se, tanto as meninas quanto os meninos. Então assim, a gente começa a perceber que está com uma sexualidade aflorada, que não era para estar na idade. Uma criança que está falando coisas que não era para falar, se comportando de maneira estranha para a idade. Quando são muitos pequenos eles começam a se esfregar um no outro. Então isso ocorre porque alguma coisa está ativada. (PSICÓLOGA).

Além de estar no ambiente para dar amparo emocional aos menores que chegam ao abrigo, a profissional fornece alguns materiais como cadernos, para que elas descrevam seus sentimentos, através de desenhos, frases, textos, ou qualquer outra coisa que queiram representar, no intuito de ajudar as vitimas a se libertarem do que sentem. Muito do que as vítimas de abuso sexual desenham ou escrevem, está diretamente relacionada com suas vivências, dessa forma, algumas crianças ou adolescentes, vítimas de abuso sexual, retratam a violência sofrida, e que de maneira espontânea, relatam o mundo vivido antes de chegar ao abrigo. Nesse contexto, profissional chega ao conhecimento dos fatos e exemplifica que,

> [...] certa vez, uma menina de 12 anos, veio com um caderno para me mostrar uma letra de música que havia feito. Tia olha a música que eu fiz! Ai eu fui ler, e começou a dizer: Estou te esperando na cama e você até 02 da manhã no bar. Umas músicas tipo sofrência, mas os conteúdos das letras das músicas super sexualizados. Todos os dias tinham as letras das músicas que ela fazia, todas no mesmo contexto. Aquilo que ela mostrava de maneira espontânea, numa boa, era uma vivência que ela já teve. Espontaneamente acaba sendo um veículo, uma forma delas se expressarem por meio do caderno. (PSICÓLOGA)

O comportamento sexualizado, descrito pela profissional não é uma característica de todas as vítimas e abuso sexual. Em menor parcela, há aquelas que estão sempre quietas, solitárias e que tem dificuldades de se relacionar com outras crianças e estabelecer vínculos de segurança com os adultos, principalmente

do gênero masculino. Nesse contexto, a entrevistada nos afirma que “[...] Às vezes, mas mais raramente, algumas que sofreram abuso sexual ficam mais quietas. Você vê que há um sofrimento, como se fosse: Há, minha vida acabou depois disso” (PSICÓLOGA).

A violência sexual representa bem mais do que a violação do corpo, e está contida numa série de ciclos de violência, no qual o abuso psicológico, violência verbal e violência física, se fazem presentes. Nesse sentido, a vítima pode desenvolver diversos comportamentos resultantes do ato, sobretudo, para sua própria defesa. A entrevista com mulheres vítimas de abuso sexual quando crianças descreveram o comportamento e os sentimentos que nasceram após sofrer atos de abuso sexual, e que confirma a mudança de comportamento e as distintas maneiras como a vítima reage pós-abuso.

O primeiro relato é de uma jovem de 22 anos de idade na data da entrevista, que optou pelo codinome Tristeza, vítima de abuso sexual pelo padrasto. Tristeza foi violentada pelo parceiro de sua mãe aos cinco anos, aos nove anos e aos doze anos de idade, sendo a última vez aquela de maior revolta e lembranças. Por ser filha única e conviver diariamente com a mãe e o agressor, ela (re) viveu os atos do abuso sofrido sozinha, até conseguir falar sobre o assunto pela primeira vez, aos 22 anos de idade.

> Eu não tenho muitas lembranças da primeira vez, porque eu tinha uns cinco anos, mas o pouco que lembro, é eu era uma criança normal, conversa muito. Depois da primeira vez que ele abusou de mim, eu comecei a ter medo dele, a querer ficar longe. Era algo que vinha de dentro de mim. Depois que ele fez novamente pela segunda vez, aos nove anos de idade e pela terceira vez aos doze anos de idade, eu passei a ter muito mais medo. Aos doze anos eu era muito revoltada, mas eu não podia demonstrar isso, eu guardava para mim, sofria sozinha. Dormia com meu quarto trancado na chave, mas ainda assim sempre pensando que ele poderia abrir a porta, evitava ficar sozinha com ele (TRISTEZA).

Nem mesmo a segurança que o ser humano tem, ao adentrar em sua casa e chavear a porta, era o suficiente para que a entrevistada se sentisse segura. O mundo interno vivido por tristeza, não retrata uma casa segura, tampouco agradável como descrita por Bachelard (1993) e Bollnow (2008) que por meio da fenomenologia e da visão humanística, descrevem os pequenos espaços e detalhes do lugar de morada. Ademais, evidencia o medo do lar, do espaço vivido, e não do

ambiente externo ao território de poder, existente na casa, no qual a vítima estava em desvantagem.

O segundo relato é de uma jovem de 27 anos de idade, que se autodenominou Gratidão, vítima de abuso sexual pelo padrasto dos 05 aos 10 anos de idade, aos 09 anos pelo irmão, e aos 10 anos pelo dono do sítio onde sua família morava. Os sentimentos de revolta, mágoa e de aversão, ocorrem principalmente em relação ao padrasto, ao qual também atribui sua mudança de comportamento após sofrer os primeiros atos de abuso sexual, e pelo tempo ao qual foi abusada por ele. Nesse sentido, Gratidão relata: “Quando os abusos começaram a ocorrer eu passei a ser uma criança tímida, quieta”. Os relatos demonstram que o primeiro abuso sofrido, é como se fosse um divisor de águas na vida das vítimas, como se pudessem analisar suas percepções anterior e posterior à violação do corpo, nesse contexto, encontra-se Perseverança.

Perseverança é uma senhora de 42 anos, abusada sexualmente pelo avô paterno aos 10 anos, em situação de repetição, que perdurou até seus 14 anos de idade. A visita do avô a casa dos pais ou parentes, era um momento oportuno à prática do abuso sexual, que ao abraçar suas netas, tocava seus corpos. A entrevistada considera que antes do primeiro abuso ela “era uma criança alegre, que adorava brincar de boneca. Depois do primeiro abuso fiquei com medo dele e de outros homens também. Mas eu não demonstrava, procurava agir normalmente, tinha medo de perceber que eu agia diferente na presença dele, principalmente” (PERSEVERANÇA).

A mudança de comportamento evidenciado pelas entrevistadas, a partir do momento em que se tornaram vítimas, retrata a também a transformação de sentimentos em relação ao algoz. Entretanto, nem todas as crianças conseguem distinguir os atos de abuso sexual em relação a condutas de carinho. Isso ocorre principalmente porque, na maioria absoluta dos casos, o abusador faz parte do convívio da criança, no qual ela tem confiança. Além disso, concordamos com Saffioti (2004, p. 23) quando a autora enfatiza que “[...] muitas vezes e dependendo da idade da criança, esta nem sabe discernir entre um e outro tipo de caricia, sendo incapaz de localizar momento da mudança”.

Nesse contexto, a criança pode passar a desenvolver uma verdadeira “confusão mental”, se sente mal pela violência sexual, e não conseguindo interpretar esses sentimentos em relação à figura do abusador. O abusador utiliza de meios

que cativam, ludibriam, e se aproveitam do desconhecimento do crime por parte da menor, para então praticá-lo. Em alguns casos, somente anos mais tarde, quando esta criança entra na adolescência ou quando adquire conhecimento sobre o assunto, ela consegue interpretar o que ocorreu. É neste contexto que se encontra Rosa,

> Fui vitima de abuso sexual pelo meu irmão, aos 04 ou 05 anos de idade. Não me recordo ao certo, porque era muito pequena, mas coloco essa idade por causa do lugar onde morávamos. Lembro que ele esfregou seu órgão genital em mim, não sabia o que era aquilo. Achei estranho, mas para mim era algo entre irmãos. Nunca tinha ouvido falar sobre isso, meus pais não falavam sobre esse assunto com a gente. Mais tarde, os abusos continuaram acontecendo, e com a idade, por volta dos 07, 08 anos, eu detestava aquilo, e já sabia não ser uma brincadeira, porém não sabia que era abuso. Vim saber sobre isso, quando eu tinha entre 11 ou 12 anos, ai entendi o que havia acontecido (ROSA)

Através do contato com autores que desenvolveram pesquisas sobre o fenômeno, a exemplo de Kendall-Tackett, Williams, Finkelhor (1993), Heleieth Saffioti (2004) e Ana Paula Lyra (2015), e principalmente nas pesquisas de campo, por meio das entrevistas realizadas com a psicóloga do abrigo de menores e com as mulheres vitimas de abuso, concluímos que os comportamentos variam de uma vitima para outra. Salientamos que elas agregam vários aspectos que apontam para a prática criminosa.

Tabela 3: Comportamento de Crianças e Adolescentes que Apresentam Sinais De Abuso Sexual.

Timidez
Comportamento sexualizado
Condutas inapropriadas para a idade, observáveis através de brincadeiras e contato com outras crianças e/ou adolescentes.
Isolamento social
Medo
Mudança de comportamento na presença do agressor

Fonte: elaborado pela autora a partir das pesquisas de campo realizadas com a psicóloga 01 e as Vítimas.

Diante dos relatos, há elementos que comprovam a afirmação de Rousseau (1989) de que a sociedade é responsável por corromper o homem, principalmente se retornarmos no primeiro capítulo, quando nos remetemos à violação dos corpos de meninas, com intuito de tornar adolescentes em homens. A desigualdade física é sobreposta pela desigualdade construída socialmente, uma vez que não é a condição de superioridade corporal que será fator primordial para a ocorrência ou

não de casos de abuso sexual, mas torna-se, após a formação da ideia de superioridade, de poder e com uso da violência. Assim como afirma Jana Petrzelová (2013),

> *El victimario tiene un cierto domínio de estrategias inimaginables porque las ha meditado poco a poco. La fuerza física no es necesaria porque el victimario tiene un dominio sobre su presa, más bien, emocional. Entre las estrategias más comunes está la seducción y una supuesta protección para la víctima*[11] *(PETRZELOVÁ, 2013, p. 56).*

Ainda que em períodos distintos assim como o campo em estudo, podemos estabelecer conexão direta entre as considerações de Rousseau e Saffioti (2001) onde a autora considera que a hierarquia entre adultos e crianças, é primordial para que os adultos transformem as crianças a sua imagem e semelhança. Dessa forma, a criança torna-se vítima do meio ao qual convive, sendo um potencial produto dessa base e consequentemente, quando adulto, executar as mesmas condutas apreendidas ao longo do processo subjetivo.

Á primeira vista, abusadores sexuais não demonstram sua capacidade de submeter à criança ou adolescente as suas lascívias, transmitindo as crianças e adolescentes, imagem de segurança. Utilizam dessa estratégia para estabelecer proximidade com a vítima e com sua família, que chega a confiar a esses o cuidado das menores em momentos que não podem estar presentes. Nesse contexto Saffioti (1994) afirma que,

> Nunca se conseguiu estabelecer o perfil do agressor físico e do agressor sexual, uma vez que, geralmente, eles possuem um emprego no qual se relacionam convenientemente, desempenhando a contento também outros papéis sociais visíveis. Na esfera privada, todavia, obscurecida pela invisibilidade, muitos homens comportam- se violentamente, contando com a mudez da companheira dominada e, se esta denunciá-lo, com o auxílio de sua ilibada reputação, se não houver marcas corporais, e, finalmente, com a impunidade (SAFFIOTI, 1994, p. 451).

A imagem construída pelo abusador, no qual sua vida particular e secreta, está acima de qualquer suspeitas dos demais indivíduos da sociedade, assim como não condiz com sua vida estabelecida na esfera pública, é o primeiro elemento, que ele preza, no intuito de satisfazer as suas vontades sexuais, sem ser descoberto. Por este motivo, torna-se difícil à descoberta da trama, que envolvem a vítima e o

[11] O vitimizador tem um certo domínio de estratégias inimagináveis porque meditou pouco a pouco. A força física não é necessária porque o vitimizador tem uma pegada em sua presa, e sim emocional. Entre as estratégias mais comuns está a sedução e uma suposta proteção para a vítima

agressor, sendo ainda colocado como uma ação voluntária e consciente, como afirma Jana Petrzelová (2013),

> El agresor no siempre es la persona que nos imaginamos: un depredador y um delincuente, como si fuese fácilmente cognoscible por su físico o su comportamiento. Es importante subrayar que, con frecuencia, se trata de una persona sexualmente madura que sabe discernir y tiene la capacidad de comprender que su conducta de abusador sexual está contra la ley y contra los derechos de los niños. Aparentemente está integrado a una vida matrimonial y social bastante aceptable. Lo que significa que los acosos sexuales forman parte de una construcción voluntaria y consciente, conforme a una lógica de referencia explícita o implícita (PETRZELOVÁ, 2013, p. 55) [12]

Os apontamentos realizados por Saffioti (1994) e Jana Petrzelová (2013) possuem afinidade e vão ao encontro das considerações e percepções das vítimas — participantes da pesquisa, em relação aos seus agressores —, de que os mesmos não demonstravam serem pessoas capazes de violar seus corpos e seus direitos. Ademais, o comportamento descrito pelas vítimas em relação aos agressores, demonstram a preocupação do algoz em criar diante da sociedade, imagens de homens corretos e religiosos, não abriam brechas para que as pessoas pudessem desconfiar de suas condutas ocultas. Nesse contexto encontra-se a descrição do padrasto de Tristeza e Gratidão e do avô de Perseverança,

> Não se conversava sobre isso em minha casa, mas nunca vi ninguém falar mal dele, pelo menos não para mim. Sempre pagou as contas, nunca gostou de dever, não tem inimizades com vizinhos, nada (TRISTEZA).
>
> Creio que ele não levantava suspeitas, pelo fato de frequentar a igreja e demonstrar ser uma pessoa amorosa (GRATIDÃO).
>
> Ele era muito educado e carinhoso perto das pessoas, ninguém desconfiava de nada. Ele era católico, ia à igreja todos os domingos, depois de muitos anos passou a ser crente. Quando ele passou a crente me pediu perdão, porém nunca consegui perdoar ele (PERSEVERANÇA).

Da mesma forma Rosa acredita que outras pessoas não sabiam dos abusos sofridos por ela, uma vez que tanto ela quanto o abusador, eram irmãos e sua relação de proximidade, era somente com os entes da própria família. Os

[12] O agressor nem sempre é a pessoa que imaginamos: um predador e um criminoso, como se ele fosse facilmente cognoscível por seu físico ou comportamento. É importante ressaltar que, freqüentemente, é uma pessoa sexualmente madura que sabe discernir e tem a capacidade de entender que seu comportamento como abusador sexual é contra a lei e contra os direitos das crianças. Aparentemente, está integrado a uma vida conjugal e social bastante aceitável. O que significa que o assédio sexual é parte de uma construção voluntária e consciente, de acordo com uma lógica de referência explícita ou implícita.

apontamentos da entrevistada nos conduzem as considerações de Jana Petrzelová (2013, p. 58) de que "*El desarrollo del futuro agresor sexual tuvo sus raíces en el núcleo familiar*" [13]. Entretanto, de maneira explícita, e talvez não intencional. Rosa demonstra o quanto a sociedade como um todo, acredita na família como entidade segura, desconsiderando a possibilidade de ocorrência de crimes dessa natureza em seu núcleo,

> Acredito-me que nunca ninguém tenha desconfiado. Ele fazia escondido de outras pessoas, principalmente à noite quando todos dormiam. Além disso, quem vai desconfiar que o irmão abusasse de sua própria irmã? Principalmente meus pais, que convivam com a gente (ROSA).

Através das informações obtidas pelas entrevistadas e levando em consideração o debate de Jana Petrzelová (2013) acerca das características ou perfil dos abusadores sexuais, constatamos que muito do que a autora descreve é encontrado nos relatos das vítimas. Nesse contexto, a partir dos apontamentos contidos na obra "*El Abuso Sexual De Menores y El Silencio Que Los Rodea*" de Jana Petrzelová (2013), o quadro __ apresenta características comuns aos abusadores sexuais, ainda que sejam multáveis e cumulativas, evidenciando ainda para um emaranhado de difícil entendimento.

Quadro 3: Caracterização de potenciais abusadores sexuais.

Grupo I	Grupo II
Reservados, inofensivos, suaves, *poco viriles o expansivos, no intrusivos, y muestran uma actitud de repliegue social. Pueden ser aparentemente moralistas y religiosos o pudorosos. Las características que presentan en la relación con su víctima son de ternura, simpatía, protección y gentileza*. [14]	*Personas violentas, agresivas y dominantes. Los abusadores desprecian la sociedad, quieren controlar, someter a otros, son déspotas y tiranos. En el ámbito clínico se pueden clasificar como psicópatas. Este tipo de abusador notiene escrúpulos, simultáneamente puede tener distintas relaciones sexuales paralelas e introduce a sus víctimas en la prostitución, las drogas o en la trata de personas.* [15]

Fonte: Petrzelová (2013, p. 55 - 56). Adaptado pela autora.

A análise da divisão dos grupos elaborados pela autora nos permite afirmar que os abusadores identificados no estudo estão inseridos nas características do

[13] O desenvolvimento do futuro agressor sexual teve suas raízes no núcleo familiar.

[14] Reservado, inofensivo, macio, pouco viril ou expansivo, não intrusivo, e mostra uma atitude de retraimento social. Eles podem ser aparentemente moralistas e religiosos ou modestos. As características que apresentam no relacionamento com a vítima são ternura, simpatia, proteção e gentileza.

[15] Pessoas violentas, agressivas e dominantes. Os abusadores desprezam a sociedade, querem controlar, subjugar os outros, são déspotas e tiranos. No ambiente clínico, eles podem ser classificados como psicopatas. Este tipo de agressor não tem escrúpulos, pode ter simultaneamente relações sexuais diferentes e introduz suas vítimas na prostituição, drogas ou tráfico de pessoas.

Grupo I. São sujeitos que não levantavam suspeitas de que eram capazes de cometer o crime, eram moralistas, religiosos, carinhosos e usavam de tais atributos para utilizar meninas como objeto sexual e satisfazer seus prazeres. Ademais, exercia sobre as vítimas violência psicológica e física, e para os demais integrantes da família, poder econômico e de persuasão. Em contrapartida, no grupo II encontram-se abusadores com perfil violento, caracterizados ainda como dominadores.

3.2 Relação Parental da vítima com o Abusador - Os arranjos familiares

O território social no qual os seres humanos convivem, é também o território psicológico, dos conflitos, do poder, da violência e dos múltiplos interesses. Sobre esses territórios a geografia, em especial a geografia de gênero tem muito a percorrer, no sentido de analisar os problemas que cerceiam o lugar habitado. Concordamos com Silva (2003) quando a autora aponta a necessidade de estudos na geografia, a partir de um olhar diferenciado aos sujeitos colocados a margem da sociedade, deixando de privilegiar os aspectos visíveis no espaço.

Concordamos com os apontamentos de Silva (2003, p. 35) “[...] a geografia apresenta um pequeno número de pesquisadores com dedicação a esta temática no Brasil”. Após dezesseis anos, essa realidade não é diferente as concepções da autora, possível de ser evidenciado em pesquisas acerca do assunto, sob a perspectiva geográfica. Sobre tais concepções, vislumbramos analisar a relação parental e os arranjos familiares das vítimas de abuso sexual, estimuladas ainda pela diversa gama de violação de direitos humanos que nascem nesses espaços.

Estudos realizados por Heleieth Saffioti no ano de 1992 apontavam que na grande maioria dos casos de abuso sexual, o pai era o abusador de suas filhas e filhos. Este fato não é diferente dos dados registrados no ano de 2019, no qual o abuso sexual incestuoso tem como violador, o próprio pai que além de vitimizar as crianças e adolescentes, usam de sua autoridade para exercer controle sobre os indivíduos e sobre seu convívio. A autoridade exercida pelo pai pode ocorrer de forma única ou cumulativa, mas que na maioria das vezes está atrelada a violência psicológica, ao poder e a importância econômica deste no meio onde vive e faz suas vítimas.

Pesquisas realizadas no CREAS e em um abrigo, reafirmam a relação de parentesco entre a vítima e o abusador. De acordo com as assistentes sociais entrevistadas e uma psicóloga, na maioria absoluta dos casos o abusador da criança ou da adolescente é o pai, padrasto, avô e tio, posteriormente, encontram-se os irmãos e amigos que convivem no lar junto à família da vítima. Nesse sentido, a psicóloga de uma entidade pesquisada, afirma que além das meninas serem vítimas de abuso sexual intrafamiliar, sofre violência psicológica, por parte do abusador, bem como da mãe ou outro familiar, no intuito de não denunciar os atos, ou ainda após ser denunciado, para retirar a queixa. Durante o diálogo, a entrevistada relatou que,

> Teve uma vez uma menina de 11 anos que ficou gravida do próprio pai, e a mãe ficou do lado do marido. Ela fazia pressão, mandava os irmãos e irmãs fazer a cabeça dela para ela dizer que foi mentira. Houve um caso de cinco irmãs, onde 03 foram abusadas pelo próprio pai (PSICÓLOGA).

Afirmamos que no presente estudo, a maior parte dos abusadores sexuais relatados por mulheres que sofreram os atos quando crianças são os padrastos, totalizando duas entrevistadas. Posteriormente encontram-se os irmãos, avô e um amigo da família. Consideramos este processo uma parte muito importante da pesquisa, que tanto certificou os fatos visualizados em pesquisas bibliográficas, como também nos permitiu o contato direto vítimas de abuso sexual. Consequentemente, não falamos por elas, tampouco nos atemos aos relatos nos poucos arquivos disponíveis em sítios eletrônicos e livros, ao contrário, pudemos dar voz as vítimas e deixar que elas expusessem os atos sofridos.

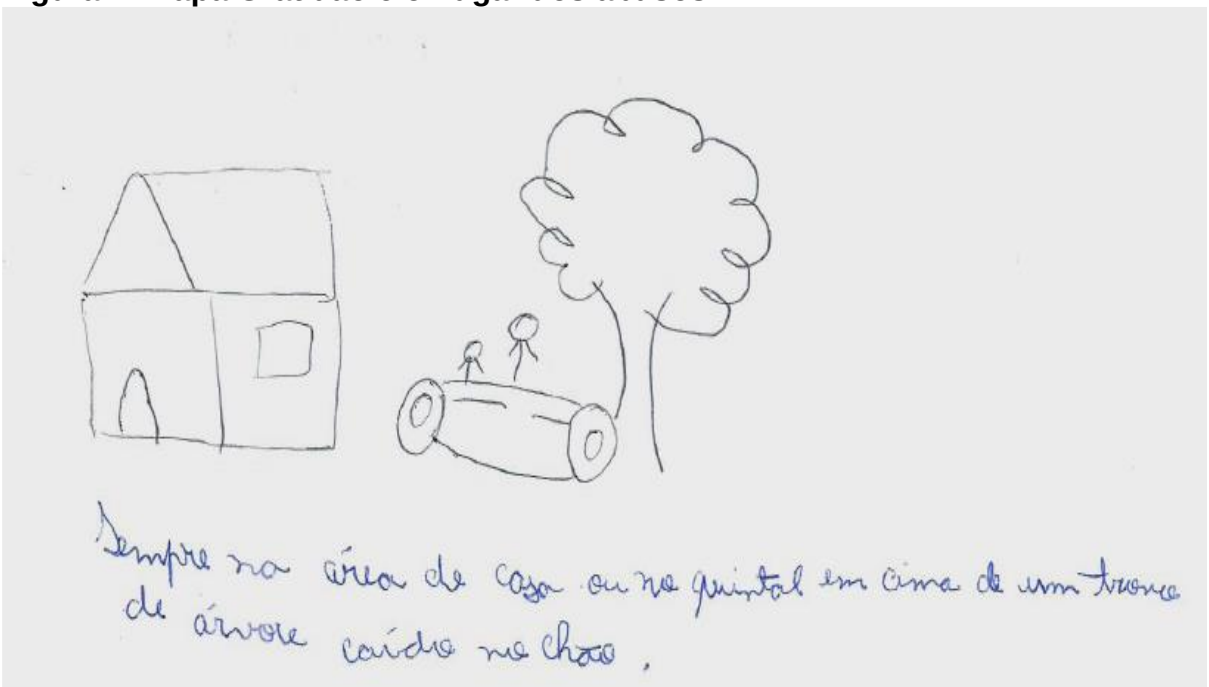
A primeira análise de relação de parentesco entre vítimas e abusadores, é evidenciada através do relato de Gratidão, abusada sexualmente por três diferentes agressores: padrasto, irmão e amigo da família. Optamos em analisar primeiramente o relato de Gratidão pelo fato dela ter sido vítima de vários tipos de violência, e por 03 agressores distintos. Na fala da depoente, evidenciamos não somente a fragilidade do lar, como a possível repetição de condutas observadas e/ou vivenciadas, uma vez que o irmão também a fez vítima. Nesse sentido, Gratidão relata que,

> O primeiro abuso sexual que sofri foi pelo meu padrasto, eu tinha 05 anos e isso durou até os 10 anos. Todos os abusos sexuais foram anais e ocorreram dentro da própria casa onde morávamos no sitio. À noite, ele ia até meu quarto onde eu dormia com mais 05 irmãos, me pegava no colo e me levava até a área da casa, ou quintal, e lá cometia os atos. Ele me

> ameaçava dizendo que se eu contasse iria me matar e matar minha mãe, essas coisas que é do feitio de todos. Aos 09 anos fui também abusada pelo meu irmão. Ele me chamava e afastado de casa passava as mãos em minhas partes intimas. Fui também abusada pelo dono do sitio onde morava, eu ia até a casa dele buscar verdura e ele me dava bala e passava a mão em meus seios (GRATIDÃO).

Gratidão ao representar os lugares dos abusos, optou em retratar o quintal da casa, onde o padrasto aproveitava o tronco de uma árvore caída no chão, para Realizar a prática criminosa. Com a ajuda de uma psicóloga, que trabalha com crianças e adolescentes, submetidas a situações traumáticas, analisamos a representação mental de gratidão (figura 4), no qual a porta da casa com forma arredonda, indica a vulnerabilidade do lar, para a vítima, típica de pessoas que em algum momento da vida, enfrentaram situações de violência. Além disso, o telhado da casa mostra o enfretamento de problemas cognitivos pela entrevistada, ainda na contemporaneidade.

Figura 4: Mapa Gratidão e o Lugar dos abusos.



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

Outro fato que nos desperta a atenção é a falta de cor nos mapas mentais de gratidão, em nenhum momento, durante a elaboração dos mapas mentais, a entrevistada utilizou qualquer objeto no intuito de colorir seus desenhos. Quando questionada sobre o porquê de optar em fazê-lo apenas de caneta preta, ela prontamente respondeu: “na minha infância, muito pobre, não tínhamos os materiais

de escola, não tínhamos lápis de cor. Eu me acostumei a desenhar assim, mas também eu nunca gostei de pintar desenhos, aquele colorido, não representava a minha vida". Tal afirmação da entrevistada evidencia suas lembranças acerca de sua infância, de pobreza material e de violência.

Do mesmo modo, Rosa denuncia o abuso sofrido por parte do irmão mais velho, iniciado aos quatro ou cinco anos de idade, perdurando até os sete ou oito anos, aumentando a intensidade de ocorrência dos atos a partir do momento que ambos passaram a dividir o mesmo quarto. Os sentimentos guardados resultantes do ato refletem em tristes lembranças anos após os atos sofridos, o que demonstra que os casos de violência sexual, provocam danos psicológicos às vítimas, além do sofrimento físico.

> Fui abusada pelo meu irmão quando tinha 04 ou 05 de idade. Não lembro com precisão, mas lembro do lugar onde a gente vivia, e onde ocorreu o abuso pela primeira vez. Tínhamos uma infância pobre e, quando mais velha, aos 07 e 08 anos dividimos o mesmo quarto, lógico que isto não justifica o fato dele ter feito essas coisas, mas facilitou sim. Isso me marca muito até hoje, porque todo o dia na hora de dormir eu me sentia mal, mas não sei te dizer hoje, como. Lembro-me dos programas de televisão que assistíamos antes de ir deitar, parecia ser uma rotina diária, eu tinha muito medo de ficar sozinha com ele (ROSA).

Apesar de a pesquisa demonstrar maior participação dos padrastos e irmãos, fomos surpreendidas por um breve relato de uma agente penitenciária, no momento de pesquisa de campo com abusadores sexuais. Com poucas palavras, mas confirmando os atos de abusos sofridos, a servidora relatou "Tanto eu quanto minhas irmãs mais velhas fomos abusadas. Eu sei pelos sintomas que eu tinha e pelo o que minha irmã mais velha, já falecida, relatou a nós o que sofríamos dentro de casa, em relação ao nosso pai" (AGENTE 1).

Por ser uma situação caracterizada pela agente como algo "muito particular", ela se reservou ao direito de não dar maiores detalhes sobre as descrições realizadas por sua irmã mais velha. Porém, atestou que os atos trouxeram marcas profundas ao longo de sua vida, e interferiu na convivência com sua filha, anos mais tarde aos abusos sofridos. Concordamos com Minayo (2001) que os abusos negam a criança o direito de ser tratada com sujeito de direitos e ao desenvolvimento pleno, refletindo em situações conflituosas para a vítima e as pessoas de sua convivência, num momento posterior ao crime. É possível perceber tais concepções a partir do relato de Perseverança,

> Ele era meu avô, pai do meu pai. Depois do ocorrido não o considerava nada. Na segunda vez então para mim era como se ele estivesse morto. Quando ele morreu não senti nada. Nem alivio, pois para mim ele já havia morrido faz muito tempo (PERSEVERANÇA)

Boa parte desses problemas deve-se a quebra de confiança entre a vítima e agressor, no qual as relações construídas sofrem variações, ou seja, passa de sentimentos de respeito, carinho, amizade para sentimentos de aversão, repulsa e revolta. Essa mudança ocorre logo após a menina ou adolescente ser submetida aos abusos, ou compreender os atos cometidos contra ela, no decorrer do tempo. Observamos isto principalmente na fala de Tristeza, Rosa e Perseverança, que descrevem seus sentimentos em relação aos abusadores antes de violentá-las e o que passaram a ser após os abusos.

> Até os nove anos de idade eu achava que ele era meu pai, mas eu sabia que ele não era o meu pai biológico, que nunca conheci. Chamava-o de tio. Depois dos nove anos de idade, quando ele fez pela segunda vez, eu comecei a chamar ele pelo nome, parece que aquele sentimento morreu. Quando eu tinha 12 anos, eu odiava ele, e odeio até hoje (TRISTEZA).
>
> Eu não entendia bem o que era aquilo, era muito nova, então para mim ele era um irmão comum, como os outros. Mas depois que passei a entender que aquilo que ele fazia comigo era uma forma de abuso sexual, eu passei a ter muito medo dele e raiva. Mas de maneira geral, eu não sei nem te dizer que sentimentos eram maiores, porque são tantos (ROSA).
>
> Medo, não conseguia olhar para ele me sentia assustada a todo o momento olhando para ver se tinha mais alguém no mesmo ambiente que eu não ficava sozinha com ele de jeito nenhum (PERSERVERANÇA).

Em relação à Gratidão, os sentimentos por ela cultuados contra seu padrasto demonstram que a jovem não possuía um relacionamento de apego, mesmo antes dos atos de abuso. “Antes ele não tinha nenhum lugar em minha vida e nem depois. Uma pessoa a qual nunca teve nenhum sentido para mim. Depois do ocorrido só sentimentos negativos” (GRATIDÃO). Talvez isso seja reflexo dos vários relacionamentos mantidos pela mãe, em que não havia tempo para construir laços afetivos mais estreitos, entre ela, os irmãos e os parceiros.

Nesse sentido, gratidão representou sua família sem a presença do padrasto, e revela que a ausência dele em casa, significava fartura para a família, e considera que todos viviam melhor quando a mãe se separava do mesmo, entretanto, a representação de Gratidão revela algo a mais do que seu diálogo. Os integrantes da família são desenhados de forma que caracteriza as produções de crianças em seus primeiros anos de aprendizagem, ausência de pernas, cabelos, e

sem riqueza de características e detalhes na produção. A árvore por sua vez, com os frutos em sua copa, indica a fartura que a pesquisada mencionou na ausência do agressor.

Figura 5: Mapa – Gratidão e sua família na ausência do abusador

Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

Necessária uma maior interpretação dos traços realizados por Gratidão, nesse sentido, com o amparo da psicóloga 02, participante da pesquisa, chegamos às informações que, a cabeça que é a parte onde se localiza o eu, e há, portanto ênfase no desenho da cabeça, a maior parte do autoconceito do individuo esta localizado na cabeça. Nos desenhos de Gratidão a cabeça grande com relação ao corpo corresponde à ambição, aspirações intelectuais, introspecção, fuga a fantasia.

O olho representado por um ponto indica os aspectos regressivos na maturidade afetiva. A ausência de cabelos em todos, demonstra sentimentos de debilidade, de impotência. O pescoço por sua vez, constitui uma zona de conflito entre o controle emocional e os impulsos corporais, a omissão aponta um caso perigoso, dificuldades intelectuais e os impulsos do corpo. Braços: reflete contato superficial e não afetivo, ausência das mãos, enquadra-se no item anterior (braços). A ausência de pernas e pés indica a perturbação sexual, cerceamento, dificuldade de contato, situação de fato. Sentimento de menos valia. Omissão do tronco é normal em crianças de pouca idade (PSICÓLOGA 02). .

As percepções resultantes do convívio entre as pessoas formam elementos capazes de construir inúmeros sentimentos, cultuados ao longo da vida. No caso de vitimas de abuso sexual incestuoso, além da violação dos corpos, elas convivem diariamente com o agressor e os sentimentos além de resultar desse processo, são potencializados por ele. O relato de Tristeza demonstra principalmente o medo em relação ao agressor “Tinha muito medo, sem jeito, como se ele estivesse me olhando o tempo todo. Isso após os 9 anos de idade. Aos cinco, quando ocorreu à primeira vez eu tinha medo (TRISTEZA)”.

Gratidão por sua vez, além do medo, passou a cultuar a vontade de dar fim à vida do padrasto, como forma de se sentir livre dos atos de abusos sofridos, e de certa maneira, penalizá-lo pelo sofrimento em relação a ela. Nesse sentido, ela relata que “Eu tinha raiva, medo e vontade matá-lo” (GRATIDÃO). Em ambos os relatos, o medo é o principal sentimento das vítimas em relação ao agressor e ao ambiente em que vivem, para Tuan (2005) o medo é um elemento da natureza humana.

Tais lembranças, assim como o ambiente vivenciado pela vítima podem se transformar em paisagens do medo, que de acordo com Tuan (2005) está ligado aos estados psicológicos e relativos ao meio ambiente no qual o indivíduo se encontra. Entretanto para o autor, o medo é algo estimulado principalmente pelos pensamentos do que por qualquer outro elemento exterior ao ser humano. No estudo são exatamente os indivíduos que compartilham o ambiente em condições díspares e conflituosas, no qual a violência se faz presente, os grandes responsáveis pelos sentimentos de medo, existentes em cada Ser.

Levando em consideração os números disponíveis no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual contra crianças no Brasil entre 2011 a 2017, bem como, todas as etapas de realização da pesquisa de campo, consideramos ter alcançado o primeiro objetivo da pesquisa, de analisar a porcentagem de abusos sexuais contra (crianças e adolescentes) do gênero feminino a nível nacional o grau de relação da vitima com o agressor. Além do que isso, confirmamos que a vulnerabilidade do período da infância, é o momento propicio para a iniciação dos atos de abuso, que na maioria das vezes se estende para a fase da adolescência.

Quadro 4: Porcentagem de Abusos Sexuais Contra Crianças e Adolescentes do Gênero Feminino no Brasil e a Relação Entre a Vítima e o Agressor

Crianças			
Variáveis	Feminino	Masculino	Total
Número de Casos	43.034	14.996	58.030
Porcentagem	74,2%	25,8%	100%
Faixa etária 01 e 05 anos			51,9%
Adolescentes			
Variáveis	Feminino	Masculino	Total
Número de Casos	76.716	6.344	83.060
Porcentagem	92,4%	7,6%	100%
Faixa etária 10 e 14 anos			67,1%
Faixa Etária			
Podemos considerar que a nível nacional o grupo de maior vulnerabilidade são meninas que tem entre 10 e 14 anos, assim como é também a faixa etária com maior numero de registros referentes ao crime. As pesquisas de campo confirmaram que 100% das vítimas são do gênero feminino, e que a os abusos começaram na infância, sendo que alguns se estenderam ao período da adolescência.			
Gênero do Abusador			
A nível nacional, em ambos os grupos mais 90,0% ou mais dos abusadores são do gênero masculino. No presente estudo, confirmamos através da pesquisa de campo que 100% dos casos de abuso foram cometidos pelo gênero masculino.			
Grau de Relação Entre a Vítima e Abusador			
O abusador sexual na maioria absoluta dos casos habita a mesma residência que a vítima e/ou possui acesso a casa, sendo do vínculo afetivo da menina/adolescente, constituído pelo Pai, Padrasto, Avô, Irmão, Tio ou Amigos próximos. Na pesquisa, os padrastos e avôs são os parentes com maior menção da ocorrência do crime.			

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados obtidos de Brasil (2018) e das pesquisas de campo.

A geografia humanística tem grande responsabilidade em trilhar pelos caminhos das percepções e dos sentimentos, mesmo porque, em muitos casos é a partir de tais premissas que as relações humanas se constroem, positiva ou negativamente. Da mesma forma, a geografia de gênero, analisa as diferenças históricas e socialmente construídas, sobre os modos de vida dos sujeitos que não compartilham dos mesmos direitos nas sociedades. Nesse sentido, importante às considerações da geógrafa Diana Lan (2009) que afirma,

> *[...] Muchas culturas tienen creencias, normas e instituciones sociales que legitiman y por ende perpetúan la violencia contra la mujer. Los mismos actos que se castigarían si estuvieran dirigidos a un empleador, un vecino o un conocido, suelen quedar impunes cuando el hombre lo dirige a la mujer, especialmente en el seno de la família* (LAN, 2009, p. 290). [16]

Os apontamentos de Diana Lan são evidentes na fala das contribuintes com a pesquisa, pois em nenhum dos casos relatados, os agressores foram punidos,

[16] [...] muitas culturas têm crenças, normas e instituições sociais que legitimam e, portanto, perpetuam a violência contra as mulheres. Os mesmos atos que seriam punidos se fossem dirigidos a um empregador, a um vizinho ou a um conhecido, geralmente ficam impunes quando o homem o dirige à mulher, especialmente no seio da família.

tampouco os abusos chegaram ao conhecimento das autoridades competentes. Isso faz com que o abusador continue praticando atos dessa natureza contra a vítima, ou na certeza da impunidade, faça outras vítimas. Os motivos pelos qual o fato não tenha chegado ao conhecimento das autoridades, não são diferentes do que encontrados na literatura e em documentos eletrônicos anteriores a pesquisa de campo: o silêncio da vítima, motivado principalmente por ameaças, pelo medo e a descrença em sua fala por parte dos familiares.

3. 3 Descrença na fala da vítima

A crença de que o adulto é dono da razão, e perante a criança, não mente, tira a credibilidade na fala de crianças e adolescentes quando relatam sofrer atos de abuso sexual, principalmente quando os envolvidos diretos no crime, são os membros da própria família. Além disso, não desconsideramos a atitude devido o envolvido direto ser geralmente o “homem da casa”, e diante da sociedade patriarcal, ter domínio de condutas e discursos sobre os demais ocupantes do lugar habitado.

A falta de crença na fala da vítima a coloca em maiores condições de vulnerabilidade, e funciona como uma das primeiras premissas para que ela seja vítima de vários agressores. Além disso, a criança e/ou adolescente passa a ser vítima do abuso sexual, bem como da denúncia feita, uma vez que há casos em que os parentes do abusador, colocam rótulos e excluem a sua presença do seio familiar. Confirmamos o que Silva (2009) aponta como um sistema de relações hierarquizadas, em que os seres humanos têm poderes desiguais, com o predomínio da autoridade masculina, em todos os contextos.

Ademais tal problema demonstra ruptura em todo um sistema, e aponta para a desigualdade ramificada inclusive entre os indivíduos pertencentes ao gênero feminino, que além de desqualificar a fala da vítima, permite que outras ações sejam exercidas sobre ela. Na contemporaneidade, o discurso do gênero feminino tende a ser sufocado pelo discurso masculino, quando analisamos os casos de abuso sexual. Pudemos comprovar os fatos através da pesquisa de campo, concedida pela profissional responsável pelo atendimento dos menores no abrigo,

> Em todos os casos de abuso sexual que chegam aqui, as visitas dos familiares são monitoradas, porque em quase todos os casos eles vem visitar e pedir para que a criança e a adolescente diga que é mentira, que foi invenção dela, etc. houve um caso de cinco irmãs, onde 03 foram abusadas pelo próprio pai. Depois de algum tempo e de algumas visitas, elas mudaram a conversa e passou a dizer que foi o tio quem abusou. Acreditamos que elas tenham mudado para tirar a culpa do pai, porque vinha um monte de familiares visitá-las, a mãe certa vez falou: seu pai está preso. Então diante de coisas desse tipo, quando percebemos que isso está acontecendo, nos proibimos as visitas e informamos o judiciário o porquê da proibição das visitas Há um caso de uma menina que hoje está aqui no abrigo, ela morava com a avó e lá o tio abusou sexualmente dela, e a avó até hoje não acredita. Depois ela foi morar com a mãe, que tinha vários relacionamentos, filhos de pais diferentes, e lá acabou sendo abusada pelo padrasto. A mãe também não acreditou na fala dela. A avó veio uma única vez aqui e me causou revolta a maneira como a avó descreve a menina. A adolescente está há tanto tempo no abrigo, que agora está para adoção. Foi dado um prazo para a família se organizar para poder ter a guarda dela novamente, mas a família não cumpriu. Ela tem vários parentes, mas ninguém vem visitar, ninguém quer pegar porque não acreditam na fala dela. Mas você sabe que é verdade pelo sofrimento, o que ela relata é real. Mas ninguém está nem ai (PSICÓLOGA).

Utilizamos do conhecimento da psicologia[17], para entender os motivos que conduzem as mães a não crer na fala das filhas, quando denunciam os atos de abuso sexual. De acordo com a psicóloga do referido abrigo, não há uma explicação que consiga abranger todos os motivos que conduz a mãe a essa conduta. Entretanto, na maioria das vezes a mulher possui dependência financeira e psicológica em relação ao agressor, e por este motivo escolhem ficar do lado do companheiro. Nesse sentido, a profissional pontua que,

> Geralmente é toda uma família desajustada. As mães na maioria das vezes preferem ficar do lado do companheiro, do que das filhas. E ai elas também desconsideram a fala da filha. Essas mulheres que ficam do lado do pai, do padrasto, elas não são dependentes só financeiramente, elas são dependentes emocionalmente desses homens. Então entre escolher entre a filha e o marido, ficam do lado do marido (PSICÓLOGA).

Os casos de violência sexual intrafamiliar demonstram uma trama de difícil resolução, uma vez que a conjuntura familiar pode conduzir a vítima aos abusos, quando não só desqualificam sua fala, mas também por negligência ou conivência, corroboram com a prática criminosa exercida pelo abusador. No decorrer da pesquisa, não só evidenciamos que há mães que não acreditam na vítima, como

[17] A ciência geografia permite a utilização do conhecimento de outros campos científicos que colaboram para a estruturação das pesquisas, sem perder o foco e os objetivos resultantes no decorrer do processo.

também ajudam a manter o caso em segredo, coagem a criança ou adolescente, no intuito de proteger o agressor. Nesse cenário inimaginável, está inserida Gratidão,

> Quando relatei para minha mãe ela me disse: isso é mentira, não conta para ninguém, se você contar eu vou te bater. Hoje quando relato isso a outras pessoas elas ficam espantadas, ficam indignadas e com raiva da minha mãe (GRATIDÃO).

Por sua vez, Rosa nos aponta um caminho muito importante, não somente pelo fato de contar o ocorrido para sua mãe, que diante da dúvida a fez repetir a história mais do que uma vez. O fato de Rosa relatar os atos de abuso sofrido, pode desencadear um processo denominado “revitimização”, que segundo Silva (2016, p. 26) ocorre quando “[...] a vítima é submetida a processos que levam a reviver a violência ou agressão sofrida”, não apenas dentro de distintas repartições públicas, bem como no próprio lar . Nesse contexto, Rosa declara que,

> Quando falei sobre isso com minha mãe, ela disse ser coisa da minha imaginação. Perguntou-me várias vezes como as coisas ocorriam e eu relatei, ainda assim ela não acreditou. Quando relato tudo o que ele fez comigo, a outras pessoas elas ficam me olhando com uma cara de dúvida, como se não estivessem acreditando que uma pessoa é capaz de cometer isso contra outra, ainda mais sendo irmão. As pessoas parecem não ver o que acontecem em nossa sociedade. Não dizem que não acreditam, mas resistem (ROSA).

Rosa aponta a resistência da sociedade em acreditar que os casos de abuso sexual intrafamiliar ou incestuoso sejam verdade. Entretanto, ela ressalta que a reação se deve não por descrença na fala da vítima, mas pelo fato do ouvinte não sido submetido/a por experiências do tipo. Se analisarmos o problema sob a perspectiva da geografia humanística, veremos que a ciência se desenvolve atrelada aos contextos históricos, geográficos e sociais, de onde emanam os problemas, pois a partir do estudo desses contextos, a evolução da ciência bem como as áreas de abrangência tende a aumentar.

É nessa via de percepção que os estudos de gênero, no contexto intrafamiliar podem ser desenvolvidos. Principalmente quando estamos diante de declarações como as de Rosa, que demonstra a descrença sobre os problemas que cerceiam as sociedades, constantes diariamente nos noticiários. Quando há evidências no corpo da criança e adolescente que aponta para a confirmação da violência sofrida torna-se mais difícil para o agressor tentar driblar a justiça, coagir a vítima e negar o crime.

Entretanto, quando não há evidencias médicas a acusação verbal e a vitimização da criança e/ou adolescente é necessária, o que se torna penoso para a

vítima por ter que contar as agressões sofridas mais de que uma vez, desencadeando diversas lembranças. Sobre a força e a violência como sentimentos podem ser experimentados e revividos pela vítima, reforçamos com os apontamentos de David Hume (1981), de que a partir das impressões, tem-se as primeiras aparições na alma, ou seja, as percepções são fruto das experiências vividas.

Por sua vez, o agressor na falta de comprovação do crime através de laudos médicos, continua a confrontar a vitima, perpetuando sua impunidade e o atendimento médico necessário à vítima. Diante desses fatores, e movidas pelo sentimento de vergonha em relação à exposição dos fatos e insegurança em falar sobre o assunto, algumas crianças e adolescentes carregam consigo os casos de abuso por muitos anos. Para tanto, as vítimas passam a desenvolver estratégias para não deixar transparecer que há algo de errado, assim como fizeram Perseverança e Tristeza,

> Não contei para ninguém, tinha medo do que eles iam falar o que iam pensar. Meu maior medo era do meu pai descobrir e fazer alguma coisa que fosse preso. Também tinha medo de ninguém acreditar em mim, pois ele era muito carinhoso com todos e muito educado na frente das pessoas. Achava que ninguém iria acreditar. Só falei com a psicóloga depois de muitos anos, um dia abordei o assunto com minhas irmãs e minha mãe, porem elas acha que isso tem que ficar no passado já que ele morreu. Não compensa gerar confusão na família por uma pessoa que não esta aqui para se defender. Minha Irma mais velha acha uma bobagem já que este era o jeito dele (PERSEVERANÇA).
>
> Eu só consegui falar sobre isso após uma palestra que assisti na escola onde estudo, ninguém da minha família sabe, além de mim e ele. Eu não contava por medo mesmo, ele sempre me ameaçava dizendo que se eu falasse ele iria me bater. Convivi com esse homem por quase toda a minha vida, quando tive oportunidade sai de casa, pensei que seria o fim de todo o sofrimento. Além de você, eu contei para duas amigas. Nem meu marido sabe disso. Elas ficaram muito chocadas, porque aparentemente a gente passa uma imagem que a vida é normal, que sempre foi. Quando eu ouvia falar sobre isso, eu tinha vontade de falar, porque dói guardar essas **lembranças** por tanto tempo (TRISTEZA).

Tristeza guarda consigo sentimentos que a ligam ao fato vivenciado, principalmente por não poder falar sobre o assunto com qualquer pessoa, por ainda sentir o peso das ameaças e da vergonha perante o ocorrido. De acordo com Hume (1981, p. 169) *"[...] nunca daremos realmente un paso fuera de nosotros mismos, ni podremos concebir otra clase de existencia que la de las percepciones manifiestas*

dentro de esos estrechos limites" [18]. A conduta de tristeza é fruto de percepções em relação ao abuso sofrido, da convivência durante tanto tempo com o homem que a agrediu, mas, sobretudo pela violação do corpo. Nesse sentido, importante ainda as considerações de Ana Paula Lyra (2015) ao afirmar que,

> A violência sexual perpassa por todas as classes sociais, sendo esta desvendada muitas vezes apenas na vida adulta, pelo medo, vergonha e ameaças sofridas pelas vítimas. Neste observamos um processo, muitas vezes, transgeracional e intrafamiliar formando um muro de silêncio, uma prisão para a vítima (LYRA, 2015, p. 62). .

As situações vivenciadas por Tristeza, Rosa e Gratidão que resultam em lembranças podem ser relacionadas às considerações de Tuan (1983) sobre experiências, como um meio ao qual retornam, para se (re) direcionarem. Rosa e Gratidão desenvolveram artifícios de neutralidade e aceitação das condutas de suas mantedoras perante a descrença em suas falas, enquanto Tristeza e Perseverança decidiram deixar o fato em segredo, inclusive em relação à própria mãe.

3.4 O Lugar do Crime: Sentimento da vítima com o Espaço Vivenciado

O lar onde a criança e a adolescente vivem é o "lugar" do crime de abuso sexual incestuoso. Essa afirmação é confirmada pelas estatísticas que revelam onde a maior parte dos abusos ocorre, o que desmancha a ideia de casa como lugar de proteção, aconchego e segurança. A fenomenologia permitiu adentrar neste espaço de relações ambíguas, como também, entender as percepções das vítimas com o lugar vivenciado devido os crimes sofridos ao longo da vivencia humana. Necessário considerar que o espaço vivenciado, é por sua vez, o conjunto e lugares experenciados pelos seres humanos, no qual a vida e vivencia ocorrem.

Concordamos com Merleau-Ponty (2010), de que o comportamento humano é principalmente fruto daquilo que é experimentado, e não apenas de estímulos externos. Assim como, compreendemos o entendimento de Tuan (1971, p. 188) vital a pesquisa, onde o autor afirma que a fenomenologia permite *"[..] explore the experience that individuals undergo under certain conditions*"[19]. A descrição do

[18] [...] nunca vamos realmente dar um passo fora de nós mesmos, nem podemos conceber outro tipo de existência do que a de manifestar percepções dentro desses limites estreitos.
[19] [...] explorar a experiências porque passam os indivíduos sob certas condições.

ambiente ao qual os abusos ocorriam, ou seja, a casa ou o lar, podem ser visto em por todas as mulheres que participaram da pesquisa.

Nesse sentido, a relação de vítimas de abuso sexual com o lugar vivido, pode até constituir o primeiro mundo de convívio, mas será também de onde as lembranças estarão presentes em suas memórias por um longo período de tempo em suas histórias. Lembranças essas que não ser regressará com saudades, tampouco com vontade de reviver, senão com sentimentos topofóbicos, como diria o Geografo Yi-Fu Tuan (1980).

Todas as relações estabelecidas sobre o lugar tornam-se lembranças para os seres humanos, que neste estudo, especificamente, lembranças que as vitimas carregam por boa parte de sua infância, adolescência, juventude, bem como pelo resto de suas vidas. Tal afirmação é subsidiada ainda pela afirmação de Bachelard (1993, p. 26) de que "[...] as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós". Gratidão demonstra a repulsa de sua casa e o medo que sentia daquele ambiente, quando na escola queria ficar ao término da aula, por causa dos constantes abusos sofridos pelo padrasto,

> [...] Como os abusos ocorriam em casa, todos os dias, na escola quando terminava as aulas e eu tinha que voltar para casa eu não queria, queria ficar na escola, preferia ir para a casa de algum amigo (a), menos ir para casa onde eu morava com medo do meu padrasto (GRATIDÃO).

A fala da depoente formulada a partir das experiências sensoriais e perceptivas denuncia, não somente os abusos sexuais, mas a relação entre o sofrimento e o ambiente em que os frequentes atos ocorriam. Tuan (1983, p. 9) define experiência como "[...] um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade". A resistência em regressar a casa dos pais ao término das aulas relatado por Gratidão, vai à contra mão do que Tuan (2005) considera essencial ao longo da formação subjetiva de uma criança, sobre os sentimentos que mantém em relação a sua habitação e os agentes que partilham o mesmo lugar.

Segundo o autor "[...] para se tornar adulta a criança deve abandonar a segurança da casa e dos pais pelo desconcertante e ameaçador mundo lá de fora. A tentação de regressar a casa deve ser resistida" (TUAN, 2005, p. 34). O "mundo lá fora" foi para essa vítima fôlego que ela necessitava para continuar a sobreviver e ao mesmo tempo refúgio, quando o perigo morava dentro do próprio lar. Entretanto o

autor ressalta o medo das crianças em relação aos adultos, que há muito tempo manifestam comportamento de indiferença e crueldade em relação às mesmas. A crueldade manifesta na vítima, sentimentos opressores, a exemplo do medo, raiva, aversão e nojo descrito vária vezes na fala de Gratidão,

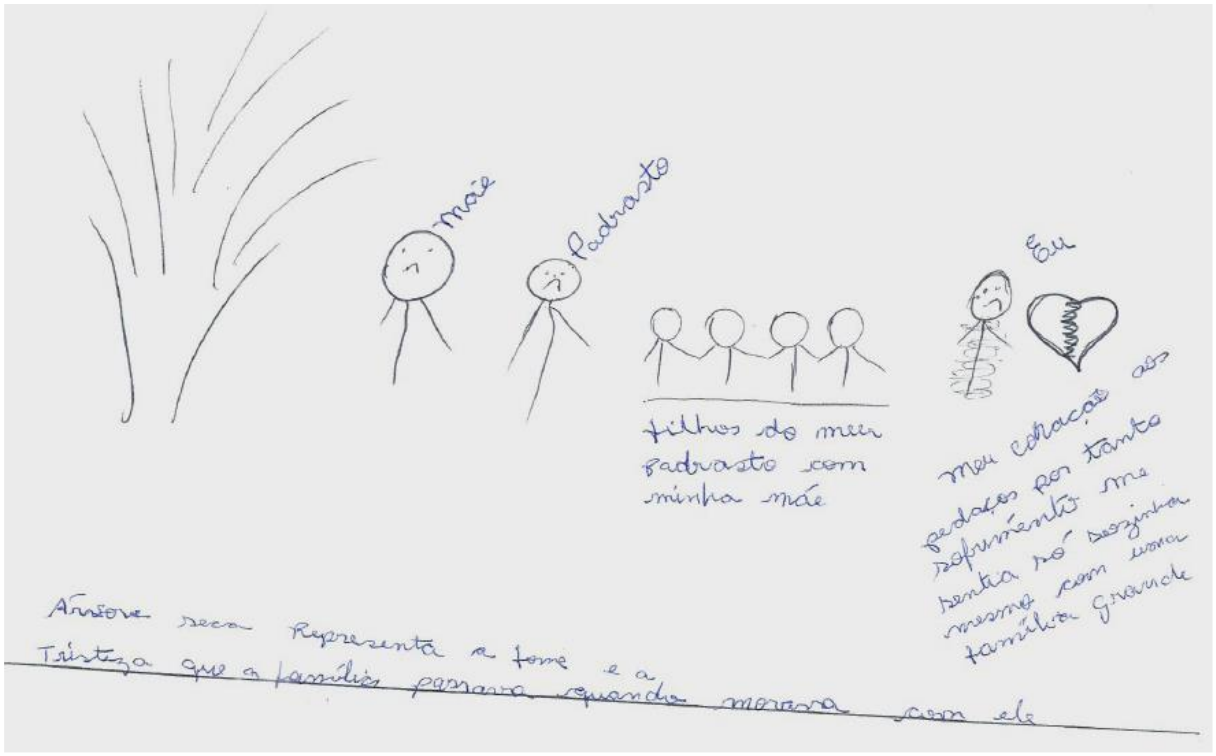
> [...] Naquele ambiente em que eu morava, me sentia totalmente desprotegida. Sentia-me feia, me sentia insegura, tinha raiva, sentia muito medo, medo, medo, medo. Medo de contar para alguém, medo da reação das pessoas. Sou grata às poucas pessoas de bem com as quais pude contar e que me ajudaram a sair dali (GRATIDÃO).

A produção mental de Gratidão, na caracterização de sua família e em relação as suas percepções no lugar onde vivia, demonstram profunda tristeza e solidão, que mesmo diante de uma família numerosa, se sentia sozinha, sem apoio, sem carinho, totalmente desprotegida. Além disso, demonstra que os filhos do padrasto com sua mãe, mantinham um relacionamento mais próximo, enquanto ela, por ser fruto de outro relacionamento, era mais afastada. Entretanto, a representação da árvore, apenas com galhos finos, na intenção de constituir a fome e a tristeza resultante da presença do agressor no seio familiar.

Tal representação, analisada sob a perspectiva da psicologia, revela que a árvore, com tronco solto no espaço, sem raiz, sem base, longe da linha de terra, representa falta de apoio, desorientação, sem firmeza, flutuante ou insegurança. O tronco alargado para os dois lados, é sugestivo de retardamento, dificuldades de vida e de compreensão. O traço é a zona de contato entre o interior e exterior, o meu e o teu, o eu e o mundo e ambiente, neste caso indica suscetibilidade, vulnerabilidade, observadora, sensibilidade, irascibilidade, violência, cólera, critica.

A raiz corresponde à parte inconsciente do eu, as formas impulsivas, instintivas, e não elaboradas. Neste caso o desenho não tem raiz, o que demonstra ser autossuficiente, não precisa de apoio. A copa indica infantilidade, imaturidade, regressão neurótica, agressão, atrevimento, exigência, teimosia, multiplicidade de interesses, agitação, superficialidade e distração. Os galhos secos pontudos demonstram agressividade, e sadismo (PSICÓLOGA 02).

Figura 6: Mapa – Gratidão e sua família na presença do abusador e no lugar vivido



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

A mãe desenhada num tamanho maior do que os outros membros da família, ela é tomada como uma figura dominante, pode também representar um ideal (que a mãe seja a figura desejada). Fase edipiana resolvida nos desenhos de figura de frente, aceitação. Os desenhos de costas são sugestivos de dissimulação dos impulsos culposos e inconfessáveis, pode ser caso de ambivalência sexual. Uma esquizotímica (dificuldade de manter relacionamentos interpessoais revela ansiedade quando precisa manter contato com pessoas, muitas vezes se relaciona por obrigação e suas experiências cognitivas revelam distanciamento da realidade, semelhante à esquizofrenia) (PSICÓLOGA 02).

As experiências de Gratidão, de certa forma se assemelham as recordações de Rosa, que considera seu espaço vivido, um lugar de convivência entre pessoas da mesma família, entretanto, que pareciam estranhos ocupando o mesmo território.

> Na casa onde os abusos ocorreram vivi pouco tempo, mas em outra casa onde passei minha adolescência convivendo com ele, e onde meus pais moram, eu evito estar. Ali ele não fez nada comigo, mas também nunca o tive como um irmão, como deveria ser, era como se fosse um estranho convivendo no mesmo espaço que eu. Sentia-me insegura, com vergonha e desprotegida (Rosa).

Levando em consideração a fala de Gratidão e Rosa, salutar trazer à análise as considerações de Tuan (2005, p. 205) que afirma “Grande parte do medo humano provém de outras pessoas que sustentam o nosso mundo, mas também que o ameaçam. As forças naturais destrutivas e as doenças usam máscaras humanas”. No presente estudo as mesmas pessoas que compartilhavam o mundo das vítimas, transformaram-nas em objetos dentro do próprio lar, o que evidencia que a casa não está na mesma proporção para o algoz da maneira que se enquadra para a vítima. Da mesma forma, Perseverança relata sua experiência com o local onde os abusos ocorrem,

> Tinha medo. A segunda vez que aconteceu eu já tinha 14 anos me defendi e não consegui mais falar com ele e nem frequentar os mesmo ambientes que ele. Nas festas de família eu sempre estava doente ou sempre tinha alguma coisa muito importante para fazer e não podia ir. Não suportava estar no mesmo lugar que ele, era impossível de tanta raiva e nojo. No dia que ele morreu não consegui ir ao velório meu pai não entendia como uma neta podia odiar o avo aponto de não ir ao velório (PERSEVERANÇA).

A casa foi descrita por Gaston Bachelard (1993) como nosso mundo, local onde saudosamente buscamos regressar após um dia de trabalho, após alguns distantes do lugar de morada. De acordo com Bachelard (1993 p. 24) “[...] a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo”. De igual maneira Tuan (1971, p. 189) considera a casa “[…] *special place to which one withdraws and from which one ventures forth”*[20]. Tuan (2005) em sua obra “paisagens do medo” descreve as sensações experimentadas por pessoas longe de suas casas, que nas vias públicas sentem-se inseguras, como se fossem alvo de pessoas e ações. Entretanto, necessário considerar que o maior medo das vítimas de abuso sexual, como evidenciado na pesquisa, é o lugar compartilhado principalmente com o agressor, e não com outros agentes.

Pesquisas realizadas durante o processo de construção deste estudo confirmam o desprazer das vitimas em relação ao ambiente vivido. De acordo com o Merleau–Ponty (2010, p. 151) *“[...] los estímulos que afectan y determinan causalmente un organismo son justamente aquellos que las estructuras orgánicas pueden reconocer y a los que se les puede atribuir algún sentido*” [21]. Os sentimentos

[20] [...] aquele lugar especial para onde a pessoa se retira e de onde se aventura.
[21] [...] Os estímulos que afetam e determinam causalmente um organismo são precisamente aqueles que as estruturas orgânicas podem reconhecer e aos quais podem ser atribuídos algum sentido.

que desabrocharam em Tristeza em relação a casa, onde os abusos eram cometidos, faz com que ela não queira repetir elementos existentes no lar, no local onde vive na contemporaneidade, tampouco, quando puder ser dona de seu próprio lar. Tais fatos são evidenciados, quando a entrevistada argumenta,

> Nossa! Eles (mãe e padrasto) ainda vivem na mesma casa e faço de tudo para não ir até lá, principalmente quando sei que ele está lá. Só tenho lembranças ruins, de uma infância de muito medo. Tudo que tem naquela casa (cor, modelo) eu não quero ter na minha. Apesar de morar de aluguel, ainda pretendo construir minha casa (TRISTEZA).

Tristeza ao elaborar o mapa mental que retrata os atos de abuso sexual, deixou evidente o lugar onde o crime ocorria: seu próprio quarto. Da mesma forma, a expressão facial da entrevistada, revela seu sofrimento, confirmado ainda pelas lágrimas em seu rosto. O padrasto da vítima, e abusador sexual, foi desenhando levando em consideração suas características físicas, a exemplo da cor do cabelo e cor da pele, assim como objetos do uso do individuo, como boné. Os traços da vítima revelam uma casa simples, com predominância das cores marrom e azul. Importante considerarmos estes elementos, não somente está ligada a natureza do crime sofrido pela entrevistada e suas percepções em relação ao ambiente físico.

Quando analisamos o lugar sob o ponto de vista da geografia e da psicologia, entendemos que a produção geográfica do território habitado, não significa a segurança proposta por Bollnow (2008), em relação à casa. Nesse sentido, a caracterização do lugar do crime, pela vítima, aponta elementos importantes, contidos em sua subjetividade. Nesse sentido, de acordo com as análises da psicologia através dos apontamentos da (PSICÓLOGA 02), obtivemos informações de que o teto, em linha contínua, e com cantos triangular e reto, significa o enfrentamento de problemas, por parte da vítima. As cores que delimitam as paredes e o chão demonstram a imaturidade de sua capacidade usando de uma ingênua liberdade na apresentação da realidade.

A porta, que guarda o ser humano em proteção e o reservam do mundo externo, na representação da vítima, significa o acesso ao seu sofrimento e reflete uma relutância em estabelecer contato com o ambiente, com o retraimento no intercambio pessoal. Há muita Timidez e receio nas relações com os outros, instabilidade emocional para as inter-relações com os outros, o que consequentemente resulta em sofrimento e o sujeito mostra-se resultante em expor-se novamente, condições estas identificados na vítima. A fechadura por sua vez,

sensibilidade defensiva, hiper-defensivo do perigo externo, indicativo de problema sexual e desejo de contato sexual (PSICÓLOGA 02).

Figura 7: Mapa mental - Tristeza e as lembranças acerca do lugar dos abusos

Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

Onde o abusador encontra condições favoráveis para a prática do crime, no interior da casa, este ambiente jamais será lar para a vítima, como evidenciamos no quadro 5, a partir do dos relatos obtidos ao longo da pesquisa de campo. O lugar onde os seres humanos habitam, não é necessariamente lar, só o será se estes conseguirem estabelecer sentimentos saudáveis, que diretamente influenciará na construção de suas subjetividades.

Quadro 5: Lar para Vítima e Agressor

Vítima	Abusador
Lugar de medo, insegurança, tristeza, principalmente na presença do abusador. Em alguns momentos há a troca repentina de sentimento em relação aos lugares da casa, a depender da situação em que a vitima se encontra. O quarto onde os abusos são cometidos é um lugar de medo quando o ato é realizado, entretanto, na presença do abusador pode ser um lugar de segurança onde a vitima chaveia a porta dificultando e/ou evitando o contato com o abusador.	Lugar ideal para cometer a prática criminosa, devido à restrição de pessoas no ambiente e seu livre acesso aos cômodos e as pessoas.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos relatos obtidos na pesquisa de campo.

Para o agressor, o lar é um local de segurança onde ele encontra as condições necessárias para cometer os atos infracionais, enquanto para as vítimas é um lugar de medo, insegurança, dor e lágrimas. Nesse contexto há três assertivas que devem ser consideradas: a primeira de que por ser membro da família, ele estará a salvo de qualquer suspeita. Segundo está relacionado ao poder que o agressor tem sobre a vítima, que geralmente (sob ameaças) se cala. Terceiro, mesmo que a família chegue ao esclarecimento dos fatos, dificilmente este caso estará ao conhecimento de outras pessoas.

CAPÍTULO IV: VIOLÊNCIAS, SILÊNCIOS E GRITOS DA LIBERDADE.

Desenho elaborado por Henrique Augusto dos Santos Mroczkoski.

Todas as vezes que neguei, ele me agredia fisicamente - batendo em meu rosto, e psicologicamente - me ameaçando. (Gratidão, 27 anos, assistente social, abusada sexualmente pelo padrasto dos 05 aos 10 anos de idade, pelo irmão aos 09 anos, e pelo dono do sítio onde sua família morava aos 10 anos de idade).

4.0 A Condição Sub-Humana das Vítimas de Violência Sexual Intrafamiliar

O capítulo se debruça em analisar as violações de direitos que acompanham os atos de violência sexual, a exemplo da violência física e psicológica, que funcionam também como forma de repreender a vítima e impedir que ela relate os atos sofridos com outras pessoas, além das que vivenciam a violação do corpo. Os impedimentos acerca do diálogo sobre o fenômeno no lar incestuoso e fora deste, funciona como uma lei do silêncio, que prende a vítima a pedidos de socorro, muitas vezes isolados, mas que exprimem a urgência de debates como da natureza da pesquisa nos diversos campos e áreas do saber, sobretudo em meio à sociedade.

O romper do silêncio é uma decisão difícil, no qual a vítima necessita se sentir segura para relatar o mal sofrido, e principalmente, não ser submetida ao processo de revitimização ou descrença. Algumas famílias tratam o conhecimento dos abusos, como situação inventada pela criança ou adolescente, fruto de sua imaginação, ademais em alguns casos, ignoram o sofrimento da vítima, e permitem que os atos criminosos continuem a ocorrer. Nesse contexto, a mãe é uma peça de suma importância, pois na maioria das vezes, é para quem as vítimas recorrem quando entendem a violação do corpo, assim como, quando sentem segurança ou necessidade expor o problema.

O tempo ao qual a criança ou adolescente foi submetida aos atos de violência podem influenciar em sua formação subjetiva, que desenvolvem consequências isoladas ou num quadro somatório. Neste percurso, a vergonha da exposição do corpo e o entendimento equivocado acerca da sexualidade, sobre a forma como ela deve ser vivida na fase adulta pelas mulheres, é muitas vezes fruto desse processo, o que consequentemente culmina no relacionamento afetivo da vítima, possível de ser confirmado no decorrer do desenvolvimento do estudo.

Em qualquer contexto, todo tipo de violência reduz o ser humano a condições sub-humanas, de início devido o não reconhecimento dos direitos pelo outro, e posteriormente através da violação dos direitos observados na legislação, e sobre seu próprio corpo. O sub-humanismo, quando relacionado aos atos de violência sexual, refere-se a um conjunto associado entre o ato de violação dos corpos a uma série de ações, capazes de prender a vítima ao crime sofrido por boa

parte da vida, ainda que distante do período onde vítimas e abusadores conviviam em um território de tensão e desigualdades.

4.1 Da negação ao ato a Condição de Violência Física e Verbal

Necessário considerar a percepção de segurança do algoz em relação à vítima e o lar é fator primordial para que ele não se limite a realização do ato uma única vez, tampouco a uma única pessoa (caso tenha oportunidade), ainda que da mesma família, podendo a ação ser corriqueira e durar anos, até que a vítima exponha a situação, ou o infrator não tenha mais segurança para cometer o crime. No que concerne à vítima, além do abuso sexual sofrem uma complexa combinação de outros tipos de violência, principalmente violência psicológica e física, na tentativa de impedir o relato dos fatos a outras pessoas.

O abuso sexual intrafamiliar, de acordo com Azevedo e Guerra (2004, p. 8), tem como finalidade "[...] o prazer do(s) adulto(s), responsável (is) único(s) pelas práticas sexuais abusivas ainda que em alguns casos possa ocorrer estimulação sexual da criança e/ou adolescente vítima". Ademais os autores consideram que esses casos possuem as seguintes características:

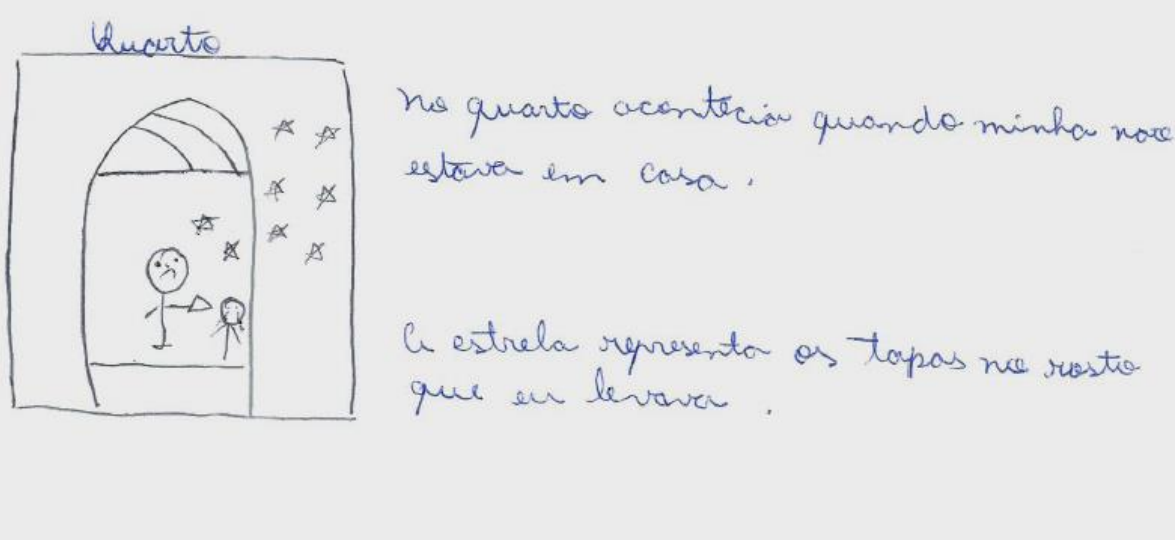
> 1) [...] todo ato, jogo ou relação sexual, isto é, de natureza erótica, destinada a buscar o prazer sensual. A gama de atos é bastante ampla abrangendo atividades:
> a. sem contato físico (por exemplo: voyeurismo, cantadas obscenas, etc);
> b. com contato físico, implicando graus diferentes de intimidade que vão dos beijos, carícias nos órgãos sexuais até cópulas (oral, anal, vaginal);
> c. sem emprego da força física;
> d. mediante emprego da força física.
> 2) heterossexual ou homossexual conforme os protagonistas sejam do mesmo sexo (pai-filho, irmão-irmão, avô-neto, tio-sobrinho, etc.), ou de sexo diferente (pai-filha, mãe-filho, irmão-irmã, avô-neta, tio-sobrinha, etc.).
> Isso significa que o agressor sexual doméstico pode ser um adolescente (irmão mais velho) e não necessariamente um adulto. O agressor pode atuar só ou com outros.
> 3) a vítima deve ser necessariamente uma criança (até 12 anos) ou um adolescente (12 a 18 anos) no Brasil.
> (Id. Ibid.).

Através dos atos de violência, o agressor demonstra poder sobre o território que habita junto à vítima, e faz deste um lugar de sentimentos distintos entre os agentes, que se intercalam em um quadro somatório. O relato das mulheres vítimas demonstram a existência de violência psicologia e física, concomitante aos atos de

violência sexual, assim como demonstrado por Gratidão “Todas as vezes que neguei, ele me agredia fisicamente (batendo em meu rosto) e psicologicamente (me ameaçando) (GRATIDÃO)”. Além disso, é comum o agressor culpabilizar a vitima por seu crime, como se ela tivesse condições de escolha entre ser o ou não ser vítima, e principalmente, como se as condutas que negassem a autoria do crime, partissem da criança ou adolescente.

Quando questionada sobre as agressões que sofria, além da violência sexual, Gratidão revela que no momento em que sua mãe não se encontrava em casa, o padrasto aproveitava o ensejo para agredi-la, quando ela negava os atos de abuso, claramente retratado na figura__.

Figura 8: Mapa mental - Tristeza e as lembranças acerca do lugar dos abusos



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

De igual forma, Perseverança relata que além do avô abusar sexualmente, dizia ser ela a culpada pela violência sexual, a entrevistada expõe que, “na segunda vez que ele mexeu comigo, ele me falou coisas bem feias. Coisas que não da para esquecer. Ele dizia que fazia aquilo por que eu deixava, porque eu era safada”. Além disso, mesmo após o fim dos atos de abuso sexual e psicológico, os agressores podem submeter às vítimas a violência física por não mais permitir a ocorrência dos abusos, assim como, amedronta-la. Neste contexto, as considerações de Rosa demonstram não somente o fenômeno descrito, mas boa dose de sentimentos sobre o que ela imaginava ser uma relação entre irmãos, e o que de fato ela tinha. Rosa afirma que,

> Quando eu passei a entender o abuso sexual, acho que ele também percebeu talvez pela idade né?! Ele judiava muito de mim, me batia, era ruim. Eu observava minhas amigas e a relação delas com seus irmãos e queria que fosse igual. Mas infelizmente, não era (ROSA).

Há anos as estatísticas afirmam que os indivíduos conhecidos são mais perigosos que pessoas estranhas, em todos os contextos da violência intrafamiliar. De igual maneira, o gênero feminino é o alvo preferido dos agressores, e é justamente os atos de violência intrafamiliar que recebe menos atenção e visibilidade (SAFFIOTI, 1994). Na contemporaneidade, após anos das colocações da autora, o lar continua a ser o lugar onde os atos de violência ocorrem como mais frequência, para crimes físicos, psicológicos e sexuais, e as mulheres, as maiores vítimas.

Comum às pessoas ter como concepção atos de violência que deixam marcas visíveis pelo corpo, que ocorrem em locais públicos, aos olhos da sociedade. Mem sempre a violência será assim praticada, isso vai depender das mazelas do agressor, principalmente quando este tiver claramente definida sua vítima, e conduzido pela natureza do crime. Entretanto, por meio dessa concepção que atinge boa parte das pessoas, muitos atos passam despercebidos, ou não é dada a devida importância e atenção às práticas.

Salutar as considerações de Tristeza, ao ser questionada se além da violência sexual, foi submetida a outro tipo de violência, respondeu que “Não. Apesar de que eu não queria aquilo e ele me ameaçava, então se isso puder ser considerada uma agressão (TRISTEZA)”. Se há dúvidas que ameaçar e coagir são formas de violência, não há dúvidas que diante do desconhecimento e do medo, os casos de violência intrafamiliar em sua maioria acabam ficando impunes ou são desconhecidos, pelas autoridades responsáveis em tratar do assunto.

O mapeamento dos tipos de abuso, concomitante aos atos de violação sexual, nos afirmam que nenhuma vitima é somente violentada sexualmente, mas que os atos são acompanhados por outros tipos de violência, senão por todos eles, o que pode gerar problemas resultantes do processo ao longo da formação subjetiva das vitimas. Tal afirmação é possível diante do contato com pesquisadoras que tratam sobre o fenômeno, e confirmado através da pesquisa de campo, com as entrevistas concedidas pela psicóloga do abrigo e pelas mulheres vitimas de abuso sexual. .

Tabela 4: Tipos de Abusos Praticados Contra Meninas Consequências Para o Desenvolvimento do "Ser" ao Longo das Fases de Desenvolvimento Subjetivo

Tipos de abuso praticados concomitante a violência sexual
Psicológico Físico Verbal
Consequências para o desenvolvimento do "Ser" ao longo da vida
Tristeza; Falta de confiança nas relações afetivas; Medo constante; Ansiedade; Desenvolvimento de quadro depressivo; Consequências no processo de aprendizagem Desejo sexual em abundância ou Falta de libido.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das pesquisas de campo realizadas com as vítimas.

As agressões psicológicas e físicas acompanham as vítimas de abuso sexual. Pudemos afirmar esta sentença, a partir dos relatos de Gratidão, Perseverança, Rosa e Tristeza, esta última, entretanto, apresenta certa confusão acerca da violência psicológica sofrida, porém, consideramos este caso como uma condição de confusão mental por parte da vítima, por não conseguir assimilar ou compreender todos os sentimentos acerco da violação do corpo.

4.2 O Pacto do Silêncio e o Silêncio do Socorro

A lei do silêncio que impera nos lares onde ocorre a violação, tem como figura central dois gêneros: feminino e masculino, em condições desiguais de poder. O gênero feminino está na posição de submissão e receptora dos atos de violação, que vai além do abuso sexual. Em contrapartida, o gênero masculino é o agressor, aquele que tem participação direta nos atos sobre a vítima. Entretanto, em muitas dessas famílias a lei do silêncio não é imposta apenas à vítima, mas a outras pessoas do núcleo familiar de maneira coercitiva, por conivência ou conveniência.

Salutar compreender que em camadas de maior poder aquisitivo, impera a lei do silêncio, como forma de manter a "integridade moral" da família e ao mesmo tempo não expor vítima e abusador ao julgamento da sociedade. Há uma maior preocupação em manter a família longe de escândalos que desarticulam as concepções de "família perfeita" e mantedora dos bons costumes e princípios religiosos. Ademais, nessas camadas os elementos utilizados pelos agressores para manter o silêncio da vítima ou comprá-lo está diretamente ligada à condição

socioeconômica, que consequentemente aumentam a intensidade das ameaças e controle sobre a vítima.

Em famílias de menor poder aquisitivo, a lei do silêncio também é responsável por calar os indivíduos, todavia não por motivos de exposição da imagem dos envolvidos, mas devido o abusador ser figura central no suprimento das necessidades básicas do núcleo familiar. Nesse contexto, é conveniente o silêncio dos sujeitos, como forma de manter a sobrevivência da família por meio do trabalho remunerado do abusador, bem como do sofrimento da vítima.

Saffioti (2004) considera que os abusos sexuais nas camadas de maior poder aquisitivo ocorre de maneira gradual, principalmente quando o pai é o abusador. Ele presenteia a filha com mais frequência, acaricia, dispõe de mais tempo e atenção, até chegar ao ato sexual. Além disso, devido possuir maiores instruções, chega a controlar o período fértil da adolescente, ou ministra medicamentos, evitando que ela engravide. Em camadas de menor poder aquisitivo, a agressão torna-se ainda mais brutal, geralmente não há um avançar paulatino.

Afirmamos ser esta uma violação de direitos e de dignidade humana contra o gênero feminino, no qual não somente está submetida à violação da dignidade sexual, mas as múltiplas formas como a violência pode ser exercida. Sendo encarada como um objeto para a satisfação das vontades sexuais de seus abusadores e moeda de troca, pra a família que se cala. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que o medo da denúncia devida às ameaças sofridas e o constrangimento em falar sobre o assunto fazem com que em todos os grupos haja silêncio sobre a prática criminosa.

Nesse sentido, nos propomos a investigar se as famílias das entrevistadas sabiam dos casos de violência, no qual eram vítimas, o intuito de analisar possíveis rupturas nas relações existentes entre as mesmas, e os demais membros, além do agressor. Os relatos de Gratidão evidenciam que a genitora, desde o momento em que passou a ter conhecimento sobre o assunto ao fim do ciclo de violações, nunca expressou qualquer ação, para isentar a filha das praticas criminosas. Nesse sentido, Gratidão revela que “Eu contei a ela mais do que uma vez, no início ela me mandava ficar quieta, não contar para ninguém. Depois ela passou a não acreditar, ou melhor, fingia não acreditar”.

Em condição muito parecida a de Gratidão, a psicóloga do abrigo do menor, que contribuiu com o estudo, relata uma situação por ela presenciada, onde a mãe

fingia não saber dos constantes abusos sofridos pela filha adolescente. Diante da situação, a própria menor procurou por ajuda no abrigo e relatou o caso, afirmando estar grávida pela segunda vez do agressor, companheiro da mãe,

> Certa vez recebemos uma adolescente de 17 anos, que morava com a mãe, padrasto, irmãos menores e um filho de 3 anos. O filho dela era do padrasto, porém a mãe fingia que não sabia de nada, dizia apenas que a filha ficou gravida e ela não sabia de quem era. Quando ela chegou ao abrigo ela estava gravida pela segunda vez do padrasto, porem não queria levar a gestação adiante. Como ainda estava no prazo de realizar o aborto e devido à gravidez ser fruto de um abuso sexual, embora o judiciário e outros órgãos tenham ouvido, para ver se ela levava adiante a gestação e depois desse a criança para adoção, ela decidiu abortar. Depois disso, descobriram que ele era foragido de outro estado, onde lá já havia praticado abuso sexual, então há também um histórico da parte dele. A mãe da menina o aceitou novamente, e estava ajudando a escondê-lo da polícia, e ele se escondia por trás da religião (PSICÓLOGA).

Fato que os crimes ou a violência contra a mulher ocorrem a passos largos em nosso país, entretanto é necessário compreender os motivos que conduzem as mulheres ao silêncio, quando diante do sofrimento da filha, não se opõe. Concordamos com Silva (1998) que os motivos que levam as mulheres a se calarem estão ainda solidificados sobre padrões socialmente corretos, diante do medo da exposição, ou ainda em relação à condição financeira da mulher. Nesse quesito, Tristeza ressalta que suas dúvidas sobre o entendimento de sua mãe acerca dos abusos perpetrados pelo padrasto, guarda sentimentos de desconfiança, devido à situação financeira da família, ou seja, a dependência da mãe em relação ao agressor,

> Com as informações que tenho hoje, não acredito que ela nunca tenha percebido que eu me escondia dentro de roupas largas, era uma criança triste, não tinha amigos. Chego até a pensar que ela se calou, porque ela dependia dele, do dinheiro dele. Mas eu nunca cheguei e falei para ela tudo o que aconteceu por causa das ameaças que eu sofria e por vergonha também (TRISTEZA).

A mãe é a pessoa que hora ou outra recorremos, procurando aconchego e segurança. Para Tuan (2005) a partir do momento em que a criança começa a desconfiar das pessoas, ela tende a usar a mãe como uma base segura, no qual poderá procurar e confiar. Entretanto, em nenhum dos depoimentos a mãe exerceu o papel que lhe cabe: de proteger a filha. Isso tudo faz com que a vítima crie aversão ao local onde vive e/ou convive com o agressor. Além disso, mesmo estando em outro ambiente, dificilmente as lembranças irão se apagar de suas memórias, assim

como as sensações tão intrínsecas e subjetivas, resultantes desse doloroso processo, deixarão de se manifestar. As sensações e sentimentos são involuntários e ao mesmo tempo incontroláveis.

O corpo violado seja talvez um dos piores atos de violência cometido contra o ser humano, porque resultará em inúmeras consequências que a menina, adolescente ou jovem não teria a necessidade de carregar por boa parte de sua vida, quiçá por uma vida inteira. Nesse sentido, consideramos de suma importância as considerações de Oliveira (2008) que durante pesquisas em unidades de saúde, com crianças e mulheres vitimas de abuso sexual, constatou que, os sentimentos de sujeira em relação ao corpo violado, causa danos maiores do que as marcas físicas deixadas no corpo, resultante do abuso sexual. A autora pontua que,

> Do nosso trabalho no atendimento a essas mulheres retiramos algumas narrativas consideradas como exemplares da tragédia humana por que passaram aquelas mulheres: as cicatrizes no corpo físico. Muitas mulheres não chegam com marcas físicas no corpo, embora seja uma constante a narrativa de que se sintam sujas e imundas por dentro e por fora, fazendo-as tomar vários banhos com sabão e até com água sanitária. O sentimento de que nunca irão se limpar, de que nunca serão limpas, pode ser pensando em uma articulação com o significado simbólico dessa sujeira, o que as faz desejar uma troca de corpo (Id. Ibid., p. 233)

O corpo é sem dúvida o centro da existência humana, não há nada mais sagrado para o ser humano quanto seu próprio corpo e, portanto, todas as condutas exercidas sobre ele de maneira coercitiva, forçada e que trazem consequências emocionais ou mesmo físicas acompanharão o ser humano. A condição mental é essencial ao bem-estar físico. De acordo com Tuan (2005, p. 140) “[...] o corpo é o nosso cosmo mais íntimo, um sistema cuja harmonia é sentida em vez de percebida simplesmente pela mente”.

4.3 Rompendo o Silêncio: A Vítima, a Mãe e a Família.

Como visto, a maior parte dos atos de abuso sexual estão envoltos de pessoas que possuem relações de familiaridade, ou amizade e compartilham o lar, em diferentes escalas de poder. Nesse sentido, em muitas famílias, principalmente aquelas que cultuam costumes patriarcais, as decisões raramente são tomadas em conjunto, cabendo ao homem às decisões. A ausência da figura materna colabora para que as condutas sejam ainda mais rígidas ou mesmo cruéis, basta levarmos

em consideração que os abusos sexuais, praticados contra menores de idade, ocorrem em períodos opostos à permanência da mãe na residência. Ou ainda, em situações que ela encontra-se impossibilitada de acompanhar a vítima.

O espaço restrito do lar limita o acesso de pessoas externas, colaborando para a prática da violência, e essa zona de interesses múltiplos, abrem caminhos para a geografia de gênero, que defende a compreensão e erradicação dos padrões de violência existentes nesse meio, frutos do patriarcado. Entretanto, percorrer caminhos estreitos, marcados muitas vezes pela invisibilidade e subserviência, não é uma tarefa fácil, porém necessária, assim como o romper do silêncio, nos casos de abuso sexual intrafamiliar.

O romper do silêncio é uma etapa decisiva para a vítima, no qual todo um processo de vínculos estabelecidos no seio familiar sofrerão mudanças, assim como os sentimentos envoltos no lugar e/ou com as pessoas ali inseridas. Pesquisas apontam que quando a vítima rompe como o silêncio, ela busca não somente o fim dos abusos sofridos, mas o apoio da família, entretanto, o acolhimento nem sempre é encontrado. Há casos em que a vítima é submetida a um processo de descrença e desconstrução de sua fala, ou das denúncias, no intuito de manter a sacralidade da família, ainda que a imagem de família perfeita esteja condicionada ao sofrimento de meninas abusadas sexualmente no seio familiar, e a impunidade de agressores.

Em outros casos, o agressor enquanto figura central no mantimento da casa faz das vítimas seu objeto de desejo e violação, sob a conivência e conveniência de outros membros, que participam indiretamente do abuso sexual dessas menores, quando diante do conhecimento dos fatos, optam pelo silêncio. Corroboramos com Saffioti (2004) quando a autora considera o incesto como algo construído socialmente, e não como formação biológica, e sobre essa premissa, situamos o abuso sexual incestuoso, que submete a criança e adolescente ao sofrimento no tempo presente e futuro. Nessa continuidade, a psicóloga do abrigo de menores nos transmite suas perspectivas acerca dos sentimentos da vítima e sobre o que observa em relação ao agressor,

> O que a gente percebe nesse tipo de crime, é que ainda não há punição. Quem mais sofre é a vítima, que muitas vezes é submetida à revitimização. Então na maioria das vezes não tem punição para o agressor, porque não acreditam na fala da criança. Entendeu? Eles desqualificam a fala da menina e do menino também, mas a maioria dos casos são meninas. Os abusadores são o pai, padrasto, avô, tios e até irmãos (PSICÓLOGA).

As considerações das vítimas em relação à mãe são múltiplas, e variam de acordo com a participação da mantedora nos atos de abuso realizados pelo agressor. A revolta de Gratidão ao falar sobre sua mãe é nítida, quando sabendo dos fatos não só permitiu que eles continuassem a ocorrer, como a ameaçou para que não contasse sobre os abusos a nenhuma outra pessoa. “Hoje não temos nenhum tipo de relação. Há anos não nos falamos. A sensação na época era que ela não era minha mãe, porque mãe de verdade protege os filhos (GRATIDÃO)”.

A fala de gratidão nos conduz a duas reflexões. A primeira é em relação à mãe que foi conivente com os atos de abuso perpetrados pelo padrasto, quando a vítima era ainda quando criança. Saffioti (2004) aponta que muitas mães começam a enxergar a filha como culpadas e não como vítimas, capazes de seduzir seus agressores. Outras mães, estando em um relacionamento que não se sentem bem, quando tem o conhecimento de pais que estão se relacionando com as filhas (e neste caso o padrasto), passam a dividir com filha o fardo que ela carrega há anos, de satisfazer as vontades sexuais de seu companheiro.

A segunda reflexão é em relação ao comportamento da vítima. A partir da apatia da mãe em permitir os abusos, podem surgir conflitos que desencadeia na ruptura na relação entre mãe e filha, no qual a filha pode passar a rejeitar sua mãe, como observado na fala da depoente. Em outros contextos, as dúvidas acerca do comportamento da mãe pode se tornar uma constante na vida das vítimas, que se questionam se mesmo sabendo dos crimes, a mantedora continuaria se comportando como se nada estivesse acontecendo. Nesse ultimo contexto se encontra Tristeza,

> Não sei te dizer isso em relação a minha mãe. Da minha mãe não guardo mágoas, mas no fundo eu penso: você nunca desconfiou? Será que realmente não sabe de nada? Se alguém soubesse acho que deveria ter falado, denunciado. Se eu soubesse de uma coisa assim eu falaria, só quem passa por isso sabe o que é viver com medo, com uma pressão e um peso ao mesmo tempo (TRISTEZA).

Entretanto para algumas vítimas, o fato da mãe não saber dos fatos, está diretamente ligado ao comportamento do agressor, que nunca deixou transparecer qualquer atitude típica de sua conduta. Ademais por serem pessoas membros ou muito próximas a vitima e sua família, há sentimentos envoltos das relações, como no caso da mãe de perseverança, que declara “acredito que minha mãe não sabia mesmo. Gostava muito dele (avô) e quando ele morreu ela chorou muito”

(PERSEVERANÇA). De igual forma, Rosa nos relata que “ela não sabia. Acho que nenhum pai ou mãe pensa que um irmão é capaz de fazer algo tão ruim a outro irmão”.

É necessário compreender que, na grande maioria das vezes as crianças e adolescentes descartam a ideia de que a mãe sabia de todos os fatos, como estratégia, no qual a vítima tenta proteger sua mãe, do julgamento da sociedade e de seus próprios sentimentos negativos. Estudos acerca da rejeição da filha, em relação à mãe, foram realizados por Saffioti (2004) onde a autora pesquisou mais de cinco dezenas de mulheres vitimas de abuso sexual, no qual apenas uma mulher demonstrou sentimentos negativos em relação à mãe. As pesquisas de campo evidenciam a fantasia que crianças abusadas sexualmente criam em torno da mãe, a imagem de uma mulher protetora, carinhosa, cuidadosa, etc. adjetivos que todas as crianças e adolescentes querem encontrar em suas mães.

Nesse sentido, a psicóloga do abrigo nos relatou que “É até uma coisa curiosa, porque a mãe pode ter sido péssima para a criança, pode ter negligenciado, mas eles até para se proteger, porque dói tanto saber que a mãe não cuidou direito, que preferiu acreditar no agressor, que eles criam uma defesa” (PSICÓLOGA). Necessário compreender que, essa fantasia em torno das mães é realizada principalmente por crianças e adolescentes que, em seu interior, tinham o entendimento que a mãe era conivente com os abusos, ou seja,

> Alguns chegam a defender a mãe para outras crianças no abrigo, como se a mãe fosse zelosa, e tudo mais. Às vezes perguntamos sobre a mãe e elas não respondem porque tem medo de estar fazendo mal a mãe. Com o passar do tempo, esse sentimento transforma-se em revolta, porque o conhecimento deles aumenta, e não tem como mais esconder delas mesmas, certas coisas. Entretanto poucas falam (PSICÓLOGA).

Tuan (2005) apresenta o mundo sentido pelas crianças durante alguns momentos de sua fase de crescimento, as percepções da criança em relação ao seu entorno pode despertar sentimentos hostis, no qual a criança busca pela mãe com intuito de obter segurança, carinho e aconchego. Da mesma forma as crianças violentadas sexualmente buscam pela mãe, com intuito de obter proteção, que como visto ao longo da pesquisa, nem sempre encontram. Entretanto, ainda assim, algumas vítimas cultuam em suas memórias a imagem de uma mãe, que gostariam de ter.

As considerações de Tuan (2005) são importantes para compreender como as vitimas de abuso sexual, passam a construir lugares de diferentes formas, a depender das pessoas que ali convivem. O autor aponta que os lugares não despertam medo nas crianças, mas sim as pessoas que convivem nos lugares. Ademais o autor aponta para o comportamento do homem, como detentor dos direitos sobre seus filhos, e sobre os quais poderia desenvolver as ações desejadas, fatos esses que estão diretamente atrelados ao campo da pesquisa sobre a ideologia machista.

4.4 As consequências do Abuso Sexual para o desenvolvimento do "Ser" na infância e adolescência

A expressão facilmente ouvida e falada de que qualquer mal que se faça a uma criança pode contribuir para a formação de condutas não desejadas na fase adulta, é verídica. Para tanto é necessário compreender como o lugar onde as crianças vivem com suas famílias, assim como os lugares que frequentam, a exemplo das escolas e igrejas, colaboram para a construção de sua personalidade ao longo dos anos, por ser lugares físicos onde se se mantém as relações sociais. Dessa forma, simplificadamente, podemos recorre a um lar onde as crianças são tratadas com muito afeto e respeito, provavelmente terão as mesmas condutas fora desse ambiente, e com o próximo.

Entretanto, em lares onde não há respeito, onde a violência faz morada, provavelmente a criança irá passar adiante os mesmos atos apreendidos, que raramente diferem da natureza das ações sofridas. Porém, é essencial considerar que a formação da conduta e da personalidade da criança varia de sujeito para sujeito, e de acordo com os ambientes que convivem ao longo do seu processo de formação subjetiva. Ou seja, ao longo das fases do desenvolvimento humano, até chegar à fase adulta, a criança e/ou adolescente pode desenvolver diversas estratégias para "apagar" o mal sofrido, inclusive realizando ações contra si mesmas, não trespassando o que aprendeu e o que foi realizado sobre seu ser.

Nesse sentido, passamos a ter outro problema que merece atenção: Os problemas resultantes da construção social. No presente estudo, meninas que tiveram seus corpos violados, corriqueiramente, realizam a prática da automutilação

[22] que consideramos ser uma válvula de escape, uma forma de extravasar a dor, resultante dos sentimentos, das lembranças, da revolta, e outras emoções que acompanham a vítima. Dessa forma, importante as considerações da psicóloga do abrigo das crianças, que afirma,

> As adolescentes aqui a maioria todas já se cortaram, teve casos que eu tive que encaminhar para o capes, para ser atendida por um psiquiatra e tomar medicação. Isso deixa marcas, por mais que a pessoa tente seguir adiante, quando bate aquela tristeza, aquela coisa, às vezes a forma que elas encontram é de se machucar, porque eles falam que machucando a pele, o corpo, é como se extravasasse um pouco da dor, que é uma dor interna (PSICÓLOGA).

Quando não conseguem extravasar suas dores contra si mesmas, de maneira que não cause danos a outras pessoas, as vítimas podem perpetrar ações contra terceiros, inclusive, repetindo os atos de violência sofridos, formando um ciclo de violência geração após geração. Nesse sentido, corroboramos com Lammoglia (2005, p. 2) de que "Cualquier nino que viva una infancia violenta puede convertirse en un individuo agresivo y, en la edad adulto, formor a su vez una familia conflictiva, continuando un cicio que se repite generacion tras generacion" [23]. A forma como as vítimas de abuso sexual podem lidar com a dor e com a revolta são cumulativas e mudam conforme a idade e o tempo que foram vítimas nas mãos dos abusadores e da família silenciada, resultando em consequências físicas e psicológicas (quadro 4).

Quadro 6- Consequências Físicas e Psicológicas de Crianças e Adolescentes Vítimas De Abuso Sexual

Consequências Físicas	Consequências Psicológicas
Lesões em geral, hematomas; Lesões genitais; Lesões anais; Gestação; Doenças sexualmente transmissíveis.	Agressividade; Condutas sexuais inadequadas; Dificuldades nos relacionamentos interpessoais, de ligação afetiva e amorosa; Dificuldades escolares; Distúrbios alimentares; Distúrbios afetivos (apatia, depressão, desinteresse pelas brincadeiras, crises de choro, sentimento de culpa, vergonha, autodesvalorização, falta de estima); Dificuldades de adaptação; Dificuldades em relação ao sono; Envolvimento com prostituição; Mudanças de comportamento e de vocabulário; Queixas de ordem psicossomática; Uso de drogas.

Fonte: Cordeiro (2006, p. 5). Adaptado para quadro pela autora.

Necessário considerar que independente da ocorrência ou não das ações negativas praticadas posteriormente pelas vítimas, de alguma forma elas irão

[22] São ações que as pessoas praticam contra si mesmas, de forma superficial, que causa dor, entretanto, sem a intenção de cometer suicídio. .

[23] Qualquer criança que vive uma infância violenta pode se tornar um indivíduo agressivo e, na idade adulta, tornar-se uma família conflituosa, dando continuidade a um ciclo que se repete geração após geração.

carregar as marcas dos abusos, ainda que por meio do semblante, da oscilação de sentimentos e comportamentos. Os ambientes vivenciados e as experiências de vida colaboram tanto para o agravamento da situação, quanto como uma forma de minimizar os efeitos das lembranças.

O abuso sexual infantil pode ser a porta de entrada para distúrbios emocionais graves, manifestados ao longo das fases do desenvolvimento subjetivo, variando entre uma e oura vítima. Porém, necessário considerar que a presença de sintomas, não é condição para afirmar ser a criança ou adulto, vítima de abuso sexual. Além disso, nem sempre os sintomas sentidos pela vítima serão relatados, tampouco ela buscará ajuda psicológica para a superação dos conflitos internos, resultantes do processo. Nesse contexto, cabe um relato obtido durante a pesquisa de campo, no qual a psicóloga do abrigo cita o caso de três irmãs abusadas sexualmente pelo próprio pai/avô. As meninas possuíam idades de oito anos, quatro anos e dois anos, e já era fruto de frequentes abusos sexuais incestuosos perpetrados pelo pai/avô em relação a sua mãe, e possuíam comportamentos distintos,

> Elas chegaram aqui bastante machucadas, era visível o sofrimento. A mais velha que eu acho que sofreu mais a violência, ela tinha um olhar muito triste, como se não fosse mais possível ser feliz, como se a vida tivesse acabado. Ela fez acompanhamento psicológico muito tempo, e as três foram adotadas por um casal do Rio de Janeiro, onde residem e é nítido que estão sendo amadas, cuidadas. Eu acompanho as fotos dela, tenho contato com a família, ela está com outra expressão (PSICÓLOGA).

A mãe das vítimas e também um objeto de satisfação sexual de seu próprio pai, possuía limitação intelectual, o que colaborou para que os abusos fossem realizados durante anos, sem que ninguém tivesse conhecimento. O pai (abusador) por sua vez, além de possuir três filhas/netas, ter abusado sexualmente da própria filha que não tinha condições de autodefesa, abusou ainda de outra filha. Sobre a conduta do abusador, podemos considerar uma ideologia primitiva no qual se achava detentor das mulheres que com ele convivem. Uma ideologia machista, baseado nas considerações de que ao homem tudo é permitido, inclusive o poder sobre o corpo da mulher. Nesse sentido, importante se faz as considerações de Pierre Bourdeau (2012) de que,

> [...] certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que

> consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência (BOURDEAU, 2012, p. 26).

A conduta do pai de exercer poder sobre os corpos das filhas vai ao encontro das concepções de Joseli Maria Silva (2009, p. 34) onde a autora defende que “o machismo desencadeia ações de violência física e psicológica sobre mulheres, e o controle da sexualidade feminina pelos homens se estabelece pela regulação moral e mediante a posse masculina de seus corpos”. Dessa forma, comparando ao presente estudo, as meninas e mulheres, eram para este pai suas propriedades, que utilizava principalmente, para exercer suas vontades sexuais, respaldado sobre concepções machistas de superioridade do gênero masculino em relação ao gênero feminino. .

Obviamente, tais práticas que proporcionava prazer ao pai/homem, resultavam em sofrimento para as filhas/mulheres, não só no momento em que eram submetidas às violentas práticas. Podemos fazer essa afirmação baseada nas pesquisas com mulheres vitimadas sobre as consequências que consideram frutos desse processo, e que permanecem em suas vidas na contemporaneidade, mesmo depois de cessarem os atos de violência, assim como através das condutas das filhas, relatada pela entrevistada do abrigo de menores, durante o processo de adoção. Quando a profissional foi questionada sobre a possibilidade das meninas vítimas do próprio pai/avô restaurar um vínculo afetivo paterno, com o novo pai, ela claramente respondeu:

> “Não! Isso não. Eu percebi que quando o casal chegou aqui para conhecê-las, à vinculação com a mulher foi imediata: Minha mãe! Elas já começaram a chamar a mulher de mãe. Ninguém pediu para que elas agissem dessa forma, a gente não força a nada. Era mãe, mãe, mãe. Eles ficaram uns 20 dias, que era o período para estabelecer vínculos com elas” (PSICÓLOGA).

Entretanto, com relação ao pai, o estabelecimento de vínculos afetivos ocorreu de uma forma mais lenta, por mais que ele tentasse se aproximar delas, elas se afastavam, como se tudo que existisse nele recordasse os atos de violência que elas sofreram. É no dia a dia que a violência e o medo são construídos por meio da persuasão e da repressão, o que colabora para que a conduta em relação ao gênero do agressor, seja imediato, podendo se estender por longos anos. Nesse sentido, a profissional ressalta que,

> A gente os coloca a par das situações nesses casos, para eles irem devagar, porque todos os gestos do homem para elas podem ser do tipo: Será que ele também vai mexer comigo? Então, elas não queriam ficar perto dele, elas não queriam contato físico como um abraço, sentar próximo. Então, nesses casos, a gente explica esses comportamentos e pede para respeitar o tempo delas. O que vai depender muito da personalidade de cada uma, o que cada uma sofreu e as lembranças dos abusos, mas esse medo, esse receio fica para sempre (PSICÓLOGA).

A quebra de confiança na vítima é um fato que vai acompanhá-la por boa parte da vida. Esse sentimento não é restrito apenas em relação ao abusador, ou as pessoas do mesmo gênero que seu algoz, mas aos gestos de carinho, os ambientes, ou qualquer outro elemento que (re) lembre os atos sofridos. Além disso, as vitimas desenvolvem estratégias para esconder o corpo violado, no intuito de não chamar atenção, por sentir vergonha de seu próprio corpo, como também como uma forma de se defender de outros agressores.

Nessa condição, encaixava Tristeza, quando questionada se os atos de abuso trouxeram consequências para sua vida, ela prontamente respondeu “Muitas! Muitas. Além de me esconder dentro de roupas largas, quando adolescente eu ficava sempre muito sozinha, tinha poucos amigos e não confiava em muitas pessoas” (TRISTEZA). A confiança é condição necessária para que as pessoas estabeleçam relações sólidas ao longo de suas vidas, e um dos principais elementos não encontrados nos lugares de convivência entre as vítimas dos abusos sexuais e seus agressores, como também um dos elementos que o abusador utiliza para fazer suas vítimas. Nesse contexto, observam-se as variações da condição humana em diferentes situações.

O medo é outra constante entre a montanha russa de sentimentos em torno da vítima, que se prolongam a fase da vida adulta, e mudam conforme o ambiente que a vítima se encontra. Assim, podemos caracterizar os sentimentos descritos por Gratidão “Eu tinha medo do escuro medo de ficar sozinha em casa, mesmo durante o dia, não confiava nas pessoas, não acreditava no amor de mãe, entre tantas outras coisas” (GRATIDÃO). Os sentimentos são subjetivos, assim como as reações resultantes de qualquer prática exercida em relação aos sujeitos. Nesse sentido, podemos afirmar que as vítimas constroem “paisagens do medo” em relação ao lugar onde vivem.

De acordo com o autor Tuan (2005, p. 9) “A frequência e a intensidade do medo variam muito entre as espécies. Comparado com o aflito coelho, o leão, ao

inspecionar seu território na imensidão da savana, parece não sentir medo de nada". Podemos utilizar as considerações do autor para debater a posição das vitimas e dos abusadores sexuais que justificam os sentimentos de medo, cultuados pelas vítimas, e de segurança pelo abusador, no qual elas na posição do coelho, ou seja, "presas" tem total razão de se sentirem em condições inferiores em relação aos leões, ou aqueles que exercem poder sobre o lugar.

As paisagens do medo podem ser reduzidas a escala milimétrica de um quarto, de uma sala, de uma área, como ambiente ameaçador, entretanto enquanto sentimentos que acompanham as vítimas, eles poderão ser manifestados, ainda que elas estejam distantes desses lugares. Carregamos em nós os produtos advindos das relações sociais estabelecidas onde vivemos, e que justificam em sua maioria os comportamentos humanos. Advogamos que "Os indivíduos dentro de uma mesma espécie podem muito bem sentir medos diferentes" (Id. Ibid.), que novamente referencia os grupos alvo da pesquisa.

Os problemas que podem ser desencadeados com a violação dos corpos vão muito além do querer da vítima em de se libertar. São sentimentos internos que afeta não só o comportamento da vítima em sociedade, como também condições biológicas. Sob esse prisma, Perseverança atesta que devido os abusos sofridos, vários problemas resultaram em sua vida, inclusive sobre seus sentimentos em relação à maternidade. Assim, ela relata que "[...] eu me alto bloqueio. Não consigo ter filhos. Tenho medo deles passarem pelo mesmo que eu passei. Já tentei, fiz acompanhamento por muito tempo, porém não consigo de jeito nenhum me libertar desta sensação que meus filhos irão passar pelo mesmo que eu" (PERSEVERANÇA). O depoimento da entrevistada está respaldado em inúmeros exames clínicos e laudos que atestam sua capacidade em ser mãe, bem como de seu esposo, porem devido suas condições psicológicas, ela não atinge ao objetivo.

Ao longo da pesquisa, observamos que os danos na vida da vitima estão ligados aos sentimentos que elas cultuam ao longo dos anos. A agressividade por ela sofrida pode não ser repassada adiante da mesma maneira, entretanto despertam em si, mesmo que inconscientemente, o medo, os bloqueios, a personalidade agressiva por meio da fala, e de atos que confirmem tal característica. A percepção que se tem, é que todo o mal a ela feito se transformam em variáveis, que de uma forma ou de outra, estará sempre presente na vida da vítima, podendo

ser perpassado adiante, ou seja, externalizado, sobre pessoas que não tem ligação com o ato sofrido.

Os psicólogos Kendall-Tackett, Williams e Finkelhor, no ano de 1993 apresentaram os efeitos dos abusos sexuais em crianças e adolescentes (quadro 5), após uma revisão de 45 estudos sobre o tema. O trabalho desenvolvido pelos profissionais é referência há vinte e seis anos, quando se procura analisar os efeitos resultantes da violação dos corpos. De acordo Kendall-Tackett, Williams e Finkelhor (1993) Medos, estresse pós-traumático, desordem, problemas de comportamento, comportamentos sexualizados e baixa autoestima são os principais problemas diagnosticados, entretanto que não se restringe a apenas um grupo estudado, tampouco, configura que a vítima vai apresentar somente um sintoma.

Quadro 7: Efeitos do Abuso sexual de acordo com a fase e/ou idade.

Fase ou idade	Efeitos do Abuso Sexual
Preschoolers (0 a 6 anos).	Anxiety, nightmares, general PTSD, internalizing, externalizing, and inappropriate sexual behavior
School-age (7 a 12 anos)	Fear, neurotic and general mental illness, aggression, nightmares, school problems, hyperactivity, and regressive behavior.
Adolescents (13 a 18 anos)	Depression; withdrawn, suicidal, or self-injurious behaviors; somatic complaints; illegal acts; running away; and substance abuse.
Symptoms that appeared prominently for more than one age group	Nightmares, depression, withdrawn behavior, neurotic mental illness, aggression, and regressive behavior.

Fonte: Kendall-Tackett, Williams, Finkelhor (1993, p. 167) [24]. Adaptado pela autora.

Após os estudos, os autores chegaram à conclusão que “[...] a Penetração, duração e frequência do abuso, força, relação do perpetrador para a criança, e o apoio materno afetou o grau de sintomatologia” (KENDALL-TACKETT, WILLIAMS, FINKELHO, 1993, p. 164). Ademais os estudos concluem que nao há um processo único de traumas, ou seja, as crianças e adolescentes podem avançar para um quadro de somatização, no qual tendem a aprensentar mais de um sintoma, com observado no quadro 5.

[24] Pré-escolares: ansiedade, pesadelos, PTSD geral, internalização, externalização e comportamento sexual inadequado.
Idade escolar: medo, neurose e estado mental, doença, agressão, pesadelos, problemas escolares, hiperatividade e comportamento regressivo.
Adolescentes: depressão; comportamentos retraídos, suicidas ou autolesivos; Queixas somáticas; atos ilegais; e abuso de substâncias.
Sintomas que apareceram para mais de um grupo etário: pesadelos, depressão, comportamento retraído, doença mental neurótica, agressão e comportamento regressivo.

4.5 A mulher vítima do abuso sexual: relações de afetividade na fase adulta

As relações de afetividade são construídas tendo como ponto inicial a confiança estabelecida entre os sujeitos, esta é uma das primeiras premissas que possibilita os seres as pessoas criar vínculos, tão importantes ao seu desenvolvimento. Entretanto a evolução do homem possibilitou que ele utilizasse desse sentimento, comum a todas as pessoas, como um meio de solidificar suas relações, mas principalmente exercer domínio sobre o outro. Este mesmo sentimento é por vezes utilizado pelos abusadores sexuais para atrair suas vítimas, passando uma imagem de boa pessoa, livre de qualquer suspeitas. Entretanto, a confiança que se quebrou quando as meninas e adolescentes, foram usadas como objetos sexuais nas mãos de pessoas de seus vínculos afetivos, são levados por boa parte da vida.

Na fase adulta, a mulher que passou por casos de abuso sexual continuam a ter sensações, sentimentos e problemas devido à violação do corpo. Ademais, caso elas não busquem por tratamentos auxiliares esses sintomas tendem a piorar, refletindo em problemas de relacionamentos interpessoais, e principalmente nas relações afetivas. De acordo com a psicóloga, contribuinte da pesquisa “Diante de tudo que já passou, então fica com medo, os vínculos são mais demorados para acontecer e a gente não sabe se de fato vai conseguir superar, porque dependendo do grau de extensão do problema, de como foi a vivencia do tempo, dos anos de abuso, há pessoas que não se recuperam” (PSICÓLOGA 1). Nesse mesmo percurso, os apontamentos de Oliveira (2008), são de suma importância, pois evidencia,

> Se o ato da violência sexual acontece diretamente no lócus real e simbólico do prazer no corpo é preciso um processo longo e carinhoso para que as mulheres comecem a pensar que esse prazer não foi destruído em suas vidas; as cicatrizes no corpo afetivo – toda a sua vida afetiva com as amizades, a família, o/a namorado/a, ou o/a parceiro/a fica muito comprometida. São sentimentos de vergonha, de culpa e de medo que tomam lugar na vida dessas mulheres. Aqui também o processo é muito longo para a elaboração da experiência; as cicatrizes no corpo social – acredito que uma das maiores cicatrizes sociais é a desvinculação de si como sujeito de direitos. Existe a pessoa, mas não a mulher como sujeita de si mesma. Ela apresenta uma enorme dificuldade de ultrapassar a experiência e readquirir autoconfiança para novas relações interpessoais (OLIVEIRA, 2008, p. 233).

As lembranças formam um emaranhado na vida da vítima, e pode contribuir positivamente ou negativamente na construção de suas identidades. Nesse contexto, recorremos às considerações de Joel Candau de que memórias e identidades são frutos do convívio com o outro, das relações sociais. Para Candau (2011, p. 7) a memória é "l'opérateur de la construction de l'identité du sujet, c'est le travail de réappropriation et de négociation que chacun doit faire vis-à-vis de son passé pour advenir dans son individualité propre" [25]. A individualidade construída em cada sujeito tem profundas ligações com o passado.

Nas memórias das vítimas, possibilitada através as lembranças a (des) confiança e o medo são duas constantes, ainda em períodos que não estejam submetidos aos atos de abuso sexual, fato este confirmado através de pesquisas bibliográficas e principalmente por meio das pesquisas de campo, com profissionais que lidam diretamente com as vítimas e com as próprias vítimas participantes do estudo. Neste contexto, importante se faz as considerações da psicóloga que contribuiu para a solidificação do estudo, acerca do comportamento da mulher violentada na fase adulta, quando procurar estabelecer seus vínculos afetivos,

> Quando ela crescer e for se vincular afetivamente com um homem, se é que vai ser com um homem ou uma mulher, mas tipo assim, ela vai demorar um pouco mais para confiar, para gostar e sentir que a pessoa gosta dela, se comparada a uma menina que não passou por esse processo. Às vezes sexualidade nunca vai ser vivida de uma forma mais plena e tranquila, porque foram marcas que ficaram. Por mais que essa pessoa não seja o abusador, as lembranças vêm (PSICÓLOGA).

Necessário considerar que a sexualidade ao qual a profissional se refere, são as experiências sexuais da mulher vítima de abuso sexual na fase adulta, difere da sexualidade em estudo no campo da geografia, constantemente caracterizada como a condição sexual do sujeito, e não ao ato sexual. Nesse contexto, podemos apontar os trabalhos do geógrafo Márcio Ornat (2008) e da geógrafa Joseli Maria Silva (2009), que muito debatem acerca dos grupos invisibilizados devido sua sexualidade. É possível ainda pensarmos nas derivações prefixais acerca da "sexualidade", heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, como possibilidades de diferenciarmos o uso dos termos em pesquisas na geografia e em relação ao apontamento feito pela entrevistada.

[25] O operador da construção da identidade do sujeito, é o trabalho de reapropriação e negociação que todos devem fazer em relação ao seu passado para entrar em sua própria individualidade.

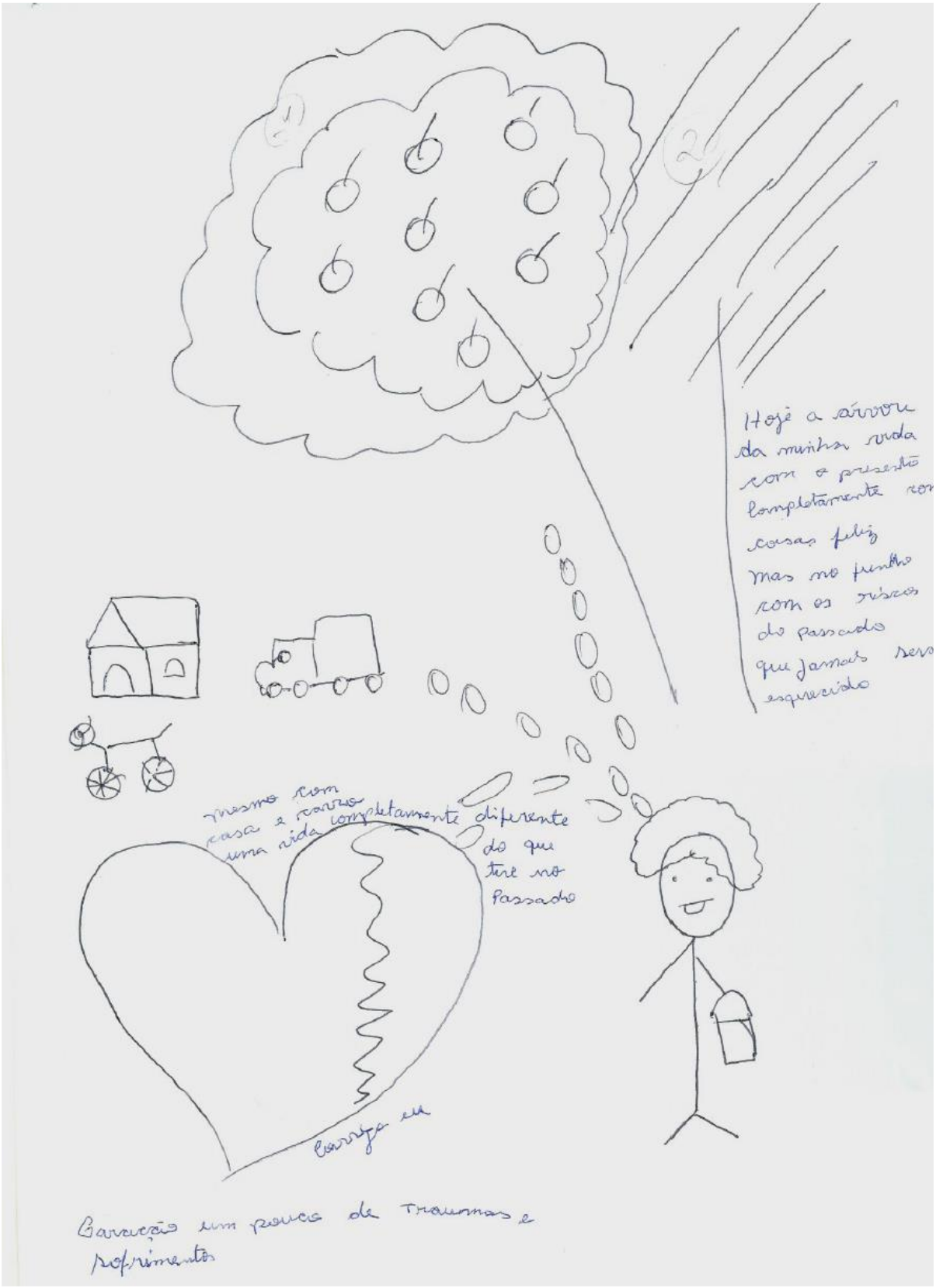
Entretanto advogamos que apesar de contextos distintos, elas estão estritamente ligadas, uma vez que, a maioria das vítimas afetadas neste campo biológico não consegue estabelecer um contato físico e sexual caracterizado como satisfatório pela vítima. Além disso, pode interferir na opção sexual da mulher, e no direito de exercê-la, o que entra no campo da geografia da sexualidade. Podemos identificar o problema mencionado pela profissional, assim como resultantes de pesquisas bibliográfica na fala de duas vítimas, participantes da pesquisa. Gratidão afirma que “Carrego comigo o fato de não querer fazer e não gostar de ter relações sexuais. Além disso, sinto falta de alguma coisa em minha vida, que apesar de ter as coisas, tenho tristezas de repente”.

Diante das considerações da entrevistada, solicitamos a ela, diante de suas condições, retratar sua vida atual, entretanto, levando em consideração os atos de abuso que sofrera no passado, objetivando evidenciar as consequências, que consideramos ter ligação direta com os constantes abusos perpetrados pelo padrasto da vítima, possíveis de ser identificados na figura 9.

O primeiro elemento que propomos analisar, acerca de sua representação mental, é a arvore, que em outro mapa mental, já havia sido desenhada pela entrevistada. Os frutos, que no momento anterior significam a fartura, como forma de diferenciar os períodos em que a mãe, encontrava-se afastada do padrasto, foi novamente colocado na representação, entretanto, para salientar que na contemporaneidade, não passa necessidades de alimentação, mas também, indica o desejo de maturação, de compreender os problemas da vida, desejos de triunfar.

A copa da árvore, encaracolada contém movimento curvado, livremente oscilante, mostrando fluência e velocidade, que indica atividade, mobilidade, intranquilidade, fadiga, industriosidade e vingança (PSICÓLOGA 02). Podemos constatar na fala da vitima, que por algum tempo ela cultivou vontade de dar fim à vida do agressor, assim como, em todos os momentos, deixou claro que nunca o considerou como pessoa de confiança, tampouco, algum sentimento bom em relação ao mesmo. As copas aumentadas para o lado esquerdo, que é indicativo de extroversão, ligação ao passado, fixação materna, timidez, teimosia e quietude.

Figura 9: Mapa Gratidão na contemporaneidade



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

Observamos ainda, que a mesma árvore é dividida, onde a metade fértil a entrevista assimila as suas conquistas, e a outra metade, constituída por riscos, sem forma de copa, as lembranças que tem do passado e que jamais serão esquecidas, e sugere ainda uma divisão da personalidade. Com ajuda da psicologia, confirmamos algumas características da vítima e suas percepções, na forma de representação da árvore, no qual possui copa sombreada, sugestivo de confusão, passividade, suavidade. A casa construída no desenho, não revela apenas suas conquistas, mas uma necessidade interna de receber calor emocional, extrema vulnerabilidade, falta de adequação ao ego (PSICÓLOGA 02).

O coração em tamanho grande demonstra o sofrimento, principalmente na vida afetiva da entrevistada, que relata “tenho relações sexuais, mas para mim é como se eu fosse apenas uma coisa, ali. Não sinto nada, e gostaria não ser necessário isto no casamento. Eu gosto do meu parceiro, quero uma companhia para a vida, até mesmo por segurança, mas a relação sexual é o pior de tudo” (GRATIDÃO). As mesmas sensações experimentadas por Gratidão é relatado por Tristeza, que confidencia,

> Hoje, quando tenho relações sexuais com meu marido, eu choro! Não sei o porquê, é uma coisa que eu não consigo explicar com palavras, só sei que é uma coisa que me consome por dentro, parece que estou revivendo tudo aquilo, só que de outra maneira. A gente fica incompleta (TRISTEZA).

Ao retratar sua vida afetiva, ou seja, seu relacionamento, a entrevistada ilustra seu companheiro, e deixa transparecer que ele é um homem aparentemente feliz. Entretanto, quando ela ilustra a si própria, o tamanho da boca assim como a curvatura, aponta para traços de felicidade reduzida, em relação ao seu parceiro. O coração cortado ao meio reflete as situações não resolvidas, e os sentimentos que carrega consigo como algo que a deixa incompleta, ainda sabendo do amor que sente pela pessoa que está ao seu lado.

Em situação semelhante à Gratidão e Tristeza, Rosa relata que,

> As relações sexuais são para mim algo penoso. Sinceramente. Algo que não me faz falta alguma, que se eu pudesse não faria. Digo que se pudesse, porque quando você tem um relacionamento, ainda que você goste da pessoa você não tem vontade, mas o outro não precisa passar por essa situação junto com você. Infelizmente é uma coisa que eu não tive culpa, aliás, não tenho. Não é que eu não goste da pessoa, é que me dói do começo ao fim. Não uma dor no corpo, mas por causa de uma tristeza, um sentimento que sou apenas um objeto sendo usada, mas agora com meu consentimento (ROSA)

Figura 10: Mapa Tristeza e seu companheiro

Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

As entrevistadas apontam dificuldades em viver uma vida sexual de forma plena, entretanto os atos do abuso sexual não impediram que elas manifestassem suas sexualidades. Suas limitações estão diretamente relacionadas às lembranças, do período dos abusos perpetrados por seus agressores. Corroboramos com Candau (2011, p. 9) de que “Si mémoire est générative de l’identité, dans le sens ou elle participe à sa construction, celle-ci, en retour, façonne des prédispositions qui vont conduire à incorporer certains aspects particuliers du passé" [26]. Em outras palavras, aquilo que passou, não está definitivamente esquecido, é possível ser acessado graças às lembranças (CANDAU, 2011).

Necessário compreender, porém, que as memórias que ajudam a formar a identidade do sujeito, não irão trabalhar num mesmo sentido em todos os seres humanos, submetidas a uma mesma ação. Isso estará diretamente ligada à formação subjetiva de cada Ser, assim como os ambientes ao qual conviveu ao longo da vida. Nesse contexto, trazemos a baila de estudos um quarto relato que evidencia a variação de consequências, fruto de um mesmo processo, quando obtivemos a seguinte narração: “sei que muitas mulheres que foram abusadas não

[26] Se a memória é geradora de identidade, no sentido de que ela participa de sua construção, esta, em volta, molda predisposições que levarão à incorporação de certos aspectos particulares do passado.

gostam de ter relações sexuais, mas para mim foi o oposto. Isso me afetou negativamente" (AGENTE 1). O relato entrevistada demostra uma situação que destoa das três entrevistadas anteriormente, entretanto confirma a negatividade dos abusos sofridos na fase adulta, e nas relações interpessoais.

Nao há um processo único de traumas, ou seja, as crianças e adolescentes podem avançar para um quadro de somatização, no qual tendem a aprensentar mais de um sintoma. Utilizando das pesquisas bibliograficas e pesquisas de campo, concluimos que os traumas resultantes do abuso sexual intrafamiliar exercem influencia nas diversas experiências humanas.

Tabela 5: Traumas Desenvolvidos ao Longo da Vida Infantil a Fase Adulta e as Consequências para o Convívio Social Resultantes Desse Processo

Kendall-Tackett, Williams, Finkelhor (1993) e Cordeiro (2006) apontam os Traumas e Consequência:.
Agressividade, Ansiedade, Dificuldades nos relacionamentos interpessoais, de ligação afetiva e amorosa, Distúrbios alimentares, Distúrbios afetivos (apatia, depressão, desinteresse pelas brincadeiras, crises de choro, sentimento de culpa, vergonha, autodesvalorização, falta de estima), Dificuldades de adaptação, Dificuldades em relação ao sono, Depressão, Queixas somáticas, Comportamento sexual inadequado, Comportamentos retraídos, suicidas ou autolesivos.
Pesquisa de campo: Entrevista com Psicóloga 01 e Vítimas
Fantasias Acerca da Figura Materna; Medo do Agressor; Sentimento de Medo em Relação a Ambientes que Lembram o Lugar dos Abusos (Topofobia); Dificuldades nos Relacionamentos, Sobretudo o Ato Sexual; Revolta; Automutilação; Vergonha; Danos Psicológicos.
Pesquisa de campo: Análise dos Mapas Mentais Realizada pela Psicóloga 02
Ambição; Aspirações Intelectuais; Introspecção, Fuga d Fantasia; Aspectos Regressivos na Maturidade Afetiva; Sentimentos de Debilidade e Impotência; Conflito entre o Controle Emocional e os Impulsos Corporais, Dificuldades Intelectuais e os Impulsos do Corpo Contato Superficial e não Afetivo; Perturbação Sexual, Cerceamento, Dificuldade de Contato; Sentimento de Menos Valia; Infantilidade; Imaturidade; Regressão Neurótica; Agressão; Atrevimento; Exigência; Teimosia, Multiplicidade de Interesses; Agitação; Superficialidade; Distração; Ambivalência Sexual; Esquizotímica; Relutância em Estabelecer Contato com o Ambiente; Retraimento no Intercâmbio Pessoal; Instabilidade Emocional; Sensibilidade; Defensiva, Hiper Defensivo do Perigo Externo; Problema Sexual e Desejo de Contato Sexual; Intranquilidade; Fadiga; Vingança; Extroversão; Ligação ao Passado; Fixação Materna; Timidez; Teimosia e Inquietude; Necessidade Interna de Receber Calor Emocional; Extrema Vulnerabilidade; Falta de Adequação ao Ego.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das obras supracitadas, das entrevistas realizadas com a psicóloga 01 e vítimas, e análise dos mapas mentais feitas pela psicóloga 02.

Fato que as relações afetivas não estão delimitadas somente a vida conjugal, tampouco as relações sexuais. Quando nos propomos a estudar o tema sob a perspectiva da geografia, nos lançamos analisar algo muito além, começando desde as relações de amizade, comportamento em sociedade, desenvolvimento escolar e fatores biológicos. Seriamos falhos se analisássemos somente a estreita

vida conjugal das mulheres, uma vez que podem ou não optar em estabelecer. Diante disto, chegamos a uma situação que é causa de preocupações: a vida de filhos (as) de mulheres vitimadas, desde a vida intrauterina a extrauterina.

O assunto é amplo e não podemos ir á fundo no campo da pesquisa, entretanto com a ajuda da psicanálise, a ciência geográfica é capaz de inserir as considerações do campo da psicologia no presente estudo. Consideramos de suma importância, uma vez que está diretamente ligada a condição humana no qual os seres que compartilham os espaços naturais e geográficos estão inseridos. É inegável que este ponto da pesquisa surgiu de apontamentos através de leituras no qual a pesquisadora havia tido contato, através de estudos, e, portanto, sendo colocado a ponto de confirmação.

Diante disso, questionamos se durante a gestação, a mãe vítima de abuso sexual em alguma fase da vida, principalmente quando criança ou adolescente, poderia indiretamente transmitir algum de seus sentimentos relativos à violência sofrida à criança que ela gestava? Prontamente obtivemos respostas de que “A psicanalise explica que até os sete anos tudo o que nós vivemos ajuda a formar nossa personalidade, e a mãe passa para a criança as impressões sobre o mundo. Se ele é bom ou ruim. Então se por acaso a criança recebe sinais que o mundo é hostil, ela fica em estado de alerta” (PSICÓLOGA), a profissional nos afirma ainda que,

> Durante a gestação a mãe que foi abusada sexualmente quando criança ou adolescente pode transferir seus sentimentos ao filho/a, inconscientemente. A mãe acaba sendo para a criança uma extensão dela, até o primeiro ano de vida a criança pensa que ela e a mãe são uma coisa só. Somente depois é que ela começa a perceber que são pessoas diferentes. (PSICÓLOGA). .

A colocação confirma o agravamento dos quadros comportamentais a partir dos atos do abuso sexual em anos anteriores que atinge outras pessoas, que não tiveram participação no processo, estendendo a formação da criança, os problemas enfrentados pela mãe durante a gestação. Nesse sentido, a violência sofrida pela mãe ou pela mulher, não fica restrita somente em relação a sua pessoa, atingindo outros sujeitos que compartilham os espaços por ela habitados ou de inter-relações pessoais, como uma rede de ações e reações, com ligação a violação da vítima.

4.6 As Correntes que Aprisionam: Vida pós Abuso Sexual – Resiliência!

A vida das meninas e mulheres pós-abuso sexual é um emaranhado de sentimentos, que oscilam conforme as lembranças aparecem, repentinamente, ou quando estimuladas, seja por meio do ambiente físico, dos cheiros, ou de qualquer outro fato que remeta aos atos. A fenomenologia de Gaston Bacheard (1993) nos proporciona o entendimento acerca desses sentimentos, que perpassam anos a anos, como se pudéssemos voltar no tempo, ainda que involuntariamente, e sentir os elementos das experiências. Nesse contexto, podemos afirmar que o fim do abuso sexual, não significa o fim do sofrimento das vítimas, que terão de buscar ajuda profissional, na tentativa de melhorar a qualidade de vida. Diante disso, cabe pontuar a fala da entrevistada do abrigo de menores,

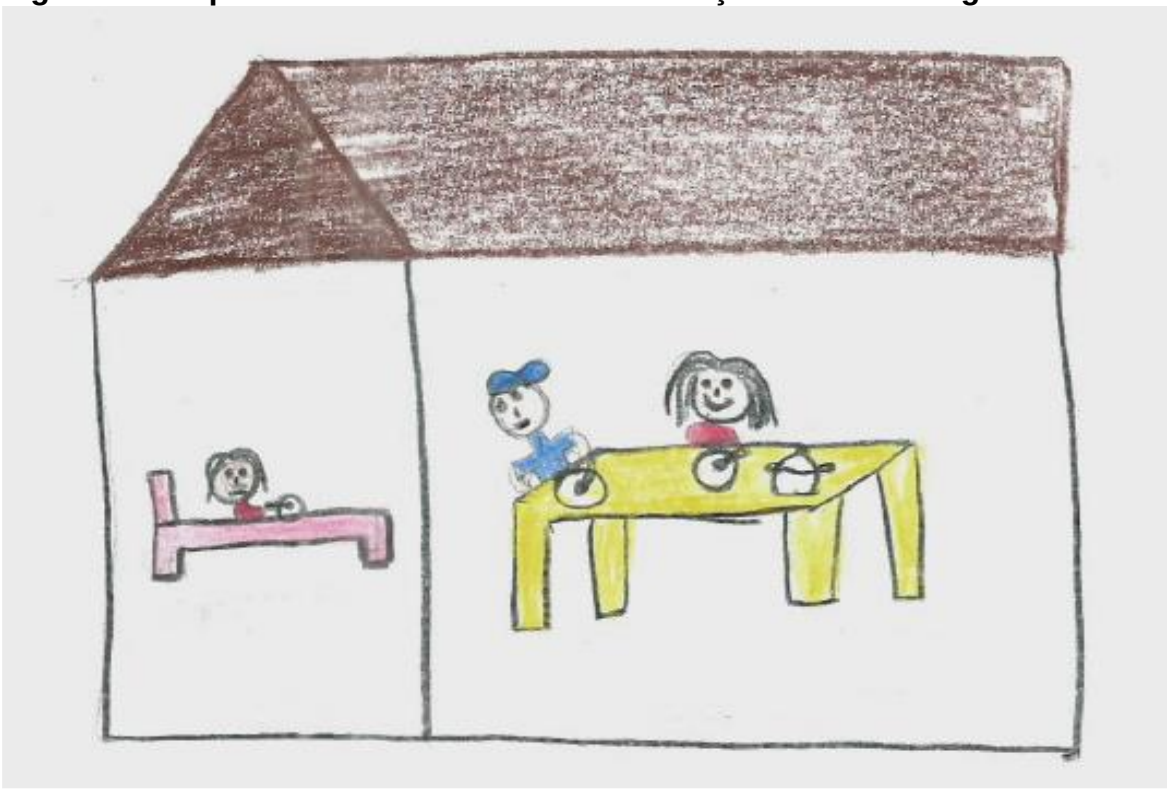
> Chegam crianças aqui pequenininhas, já machucadas. As enfermeiras olham, as cuidadoras olham. É uma tristeza. Teve uma que foi adotada, e a mãe adotiva veio aqui recentemente, e disse que de vez em quando ela põe o dedinho na vagina, remetendo a violência sofrida. Não adiantam, as marcas do abuso irão permanecer com a vítima (PSICÓLOGA).

Os momentos que deveriam ser algo normal de uma rotina de qualquer criança e adolescente passa a ser encarado como uma nova barreira a ser vencida pelas crianças, adolescentes e pelas mulheres. Observamos isto na fala de Tristeza, que se recorda dos momentos da refeição, no qual não se sentia bem em se sentar ao lado de seu agressor. “[...] Ah, ele sempre discutia com minha mãe porque eu não queria almoçar, jantar ou tomar café com eles. Ele falava que ela tinha que me ensinar a comer na mesa, ela até tentava, mas eu não ia. Quando ele estava na mesa, eu comia na sala, no quarto, eu não comia quando ele queria que eu sentasse ali. Isso na minha adolescência” (TRISTEZA). A entrevistada retratou tal momento na figura 11.

A entrevistada representa este momento, que se sentia sozinha, adotando medidas por si só e que causavam discórdia entre o padrasto e sua mãe, sendo a vítima o epicentro dos conflitos. Nos desenhos de Tristeza, já predominância das cores Marrom, que está diretamente ligado ao sentimento de culpa, ligado a masturbação, presa a fase anal. O vermelho, constantemente usado por ela para retratar a cor de sua roupa e de sua mãe, significam força e vigor. O amarelo, que coloriu a mesa, está ligado à violência, a estabilidade, a euforia. A estabilidade a euforia da cor, estão ligadas a ausência do agressor em algumas refeições, onde ela

se sentia a vontade para estar livremente e casa e sentar-se a mesa com sua genitora.

Figura 11: Mapa mental - Tristeza e as lembranças acerca do lugar dos abusos



Fonte: Mapa mental elaborado pela entrevistada, durante a pesquisa – 2019.

As considerações de Tristeza sobre os momentos das refeições, assim como da presença do agressor em seu lugar de convívio diário, nos ajuda a compreender as perspectivas no qual Bachelard (1993) aponta como valorização das imagens humanas. Para o autor “Nada mais absurdo, positivamente falando, do que as valorizações humanas das imagens do ninho. Para o pássaro, o ninho é indiscutivelmente uma cálida e doce morada. É uma casa de vida: continua a envolver o pássaro que sai do ovo” (Id. Ibid., p. 106). Necessário porem analisar que para a depoente o lar nem sempre foi um ninho seguro, entretanto continuou a fazer parte de sua vida, mesmo após sua saída do ambiente.

Para Gratidão, as piores lembranças estão atreladas a alguns atos de abusos sofridos pelo padrasto, entretanto, a depoente demonstra muitas recordações da reação da mãe, em saber dos fatos e se manter em silêncio. Percebemos na depoente que suas lembranças a perturbam, profundamente, tornando-se válida as considerações de Candau (2011) de que a anamnese dos

abusos sexuais na infância, pode interferir o sentimento de identidade. Nesse sentido, o afastamento entre a vítima e sua mãe, motivado pelo crime e pela conivência, moldou seu suas condutas, se distanciando da genitora. A entrevistada relata que,

> O que me marca muito, que carrego comigo e sei que não me faz bem, é o sentimento de falta de amor por parte de minha mãe e as lembranças de alguns abusos (GRATIDÃO)

As lembranças acerca dos atos do abuso sexual, a exemplo dos toques, transforma-se em sevícia para as vítimas, que se prolongam e de certa forma, podem influenciar em seus relacionamentos futuros, e na forma em que a mulher compreende seu próprio corpo e sua sexualidade. Nesse sentido, as considerações de perseverança são de suma importância “A maior lembrança que carrego é dele segurando meus seios. Não gosto muito que meu marido toca meus seios, ele sabe disso e, quando vai tocar, avisa é como se eu me preparasse psicologicamente para isso. Porém se não avisar, me assusto e sinto nojo, repulsa” (PERSEVERANÇA).

Diante dos relatos compreendemos que os atos de violência atingem as mulheres em diferentes contextos, a depender das recordações e da forma como o corpo e as percepções receberam e/ou foram estimulados pela violência sexual. Assim como, o tempo de duração e a intensidade a que foram submetidas, com ênfase ao convívio com o abusador.

CAPÍTULO V: AS VOZES DA PRISÃO E OS DESAFIOS DA JUSTIÇA DIANTE DOS CRIMES DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR

Desenho elaborado por Henrique Augusto dos Santos Mroczkoski, a partir de “Máscaras Animalescas de Aécio Cesar”.

Ele era muito educado e carinhoso perto das pessoas, ninguém desconfiava de nada. Ele era católico, ia à igreja todos os domingos, depois de muitos anos passou a ser crente. Quando ele passou a crente me pediu perdão, porém nunca consegui perdoar ele (Perseverança, 42 anos, dona de casa, abusada pelo Avô aos 10 anos e aos 14 anos de idade).

5.0 O Sistema Penitenciário, O Abusador e a Lei

É importante na pesquisa geográfica o estudo de todos os ambientes permeados pela presença dos seres humanos, principalmente os espaços aonde as atitudes o conduziram a ocupação de outros lugares. Nesse sentido, o sistema prisional no qual os abusadores sexuais são mantidos foi considerado de suma importância para a concretização da pesquisa. Na geografia poucos pesquisadores se debruçam a estudar os grupos invisibilizados, os temas tidos como “tabus”, o que dificulta pesquisas futuras, mas que abrem um grande leque ao qual se tem muito a descobrir.

O presente capítulo visa analisar as percepções de abusadores sexuais, analisando sua condição familiar e social, e a transgressão de direitos que os conduziram ao sistema prisional. Ademais, busca ainda compreender o entendimento subjetivo acerca do fenômeno, e os sentimentos em relação ao cárcere e aos demais detentos. O presidio é para os abusadores o lugar do medo e de lembranças detestáveis, que estimulam sentimentos de aversão ao lugar, no qual os abusadores não compartilham em igualdade, em relação aos demais detentos, como suas vítimas não compartilham do mesmo ambiente em relação aos seus agressores.

Dados sobre o sistema prisional brasileiro, indicando o quantitativo de privados de liberdade, assim como os crimes em que se enquadram, foram colocados à análise, entretanto, em relação ao estado de Rondônia, não foi possível chegar ao número de condenados por abuso sexual de menores, tampouco acerca de sua relação parental com a vítima. Porém, levando em consideração a natureza da pesquisa, e os entrevistados ao longo da construção do estudo, consideramos ter alcançado êxito, uma vez que vai ao encontro de estudos realizados por outros autores, em diferentes tempos, contextos, e espaços geográficos.

As dificuldades de pesquisa na geografia e durante o processo de construção do estudo, foram também sinalizados, objetivando, demonstrar a urgência de novas politicas públicas, tornando o assunto mais propagado e conhecido em meio à sociedade, de onde emana o fenômeno. Acreditamos que nessa via de ação, através da informação, vítimas terão maior liberdade em procurar ajuda, assim como, crianças e adolescentes, estarem informadas acerca do fenômeno, diminuindo o numero de vítimas.

5.1 Sistema Penitenciário Brasileiro e os Crimes De Abuso Sexual

O Levantamento Nacional de informações penitenciárias, que por meio do INFOPEN organiza as informações acerca do sistema penitenciário do Brasil, através de instrumentos de coleta de dados, preenchido por gestores de todos os estabelecimentos prisionais do país, nos conduz ao conhecimento da realidade carcerária brasileira. Nos instrumentos, atualizados de forma constante, os cidadãos tem a oportunidade de conhecer o mundo dos presídios, que por vezes, torna-se obstante, das condições daqueles em liberdade. Nesse sentido, possível analisar não somente a população privada de liberdade, mas o gênero, etnia, e tipologia dos crimes que se têm registros, por condenação.

A população carcerária do Brasil é composta pelos detentos do sistema prisional estadual, das carceragens das delegacias e das custodias no sistema federal. Através do sistema de informações evidenciamos um acréscimo de quase cem por cento na população carcerária entre os anos de 2006 a 2016, no qual os privados de liberdade passaram de 401,2 mil para 726,7 mil, representando um acréscimo de 707% em relação ao inicio da década de 1990, quando a população presidiária era de 90 mil indivíduos. Do quantitativo supracitado, 40% aguardam condenação, e concomitante aos já sentenciados, ocupam total de 368 mil vagas (INFOPEN, 2017).

A chegada dos indivíduos aos sistemas prisionais está ligado à vida extramuros do presídio, o que nos permite sinalizar a formação subjetiva e familiar, assim como a vulnerabilidade do sujeito nas comunidades onde habita. A faixa etária da maior parte dos presidiários varia de 18 a 30 anos de idade, em torno de 55%, e quando expandido até os 34 anos de idade, o quantitativo de apenados sobre para 74%, no qual maioria absoluta dos detentos não possui sequer o ensino fundamental completo. A maior parte das condenações ocorre diante da pratica de crimes contra a pessoa, composto pelo Homicídio simples (art. 121, caput), Homicídio culposo (Art.121, §3°), Homicídio qualificado (Art. 121, § 2°), Aborto (At. 124, 125, 126, 127), Lesão Corporal (Art. 129), Violência doméstica (Art. 129, §9°), sequestro e cárcere privado (Art. 148), outros crimes entre os artigos 122 a 154-A, nesse grupo encontram-se 84. 686 pessoas privadas da liberdade, sendo 82.195 do gênero masculino e 2.491 do gênero feminino (INFOPEN, 2017).

O segundo grupo de maior porcentagem no sistema prisional é composto pelos crimes contra o patrimônio, totalizando 278.809 pessoas privadas de liberdade, no qual 279.818 são do gênero masculino e 7.991 pelo gênero feminino. Nesse grupo, os crimes são caracterizados por furto simples e qualificados (Art. 155), Roubo simples e qualificado (Art. 157), Latrocínio (Art. 157), Extorsão (Art. 158), Extorsão mediante sequestro (Art.159), Apropriação indébita e apropriação indébita previdenciária (Art. 168), Estelionato (Art. 171), Receptação (Art. 180), Receptação qualificada (Art. 180), outros não listados entre os artigos 156 e 179 (Id. Ibid.).

. O terceiro grupo, no qual daremos ênfase, encontram-se os/as detentos e detentas que cometeram crimes contra a dignidade sexual, contabilizando 26.082 pessoas, dos quais 25.777 são do gênero masculino e 305 do gênero feminino. Nesse agrupamento, estão aqueles e aquelas que realizaram Estupro (Art. 213), Atentado violento ao pudor (Art. 214), Estupro de vulnerável (Art. 217-A), Corrupção de menores (Art. 218), Tráfico internacional de pessoas para fim de exploração sexual (Art. 231), Tráfico interno de pessoas para fim de exploração sexual (Art. 231), outros crimes constantes nos artigos 215, 216-A, 218-A, 218-B, 227, 228, 229 e 230 (Id. Ibid.).

Diante disso, obtivemos informações acerca de indivíduos condenados por abuso sexual de menores, enquadrados no Art. 217-A e corrupção de menores, Art. 218, que caracteriza a articulação entre o corpo da/do menor e o mercado do sexo. Nesse sentido, até meados do ano de 2016, no Brasil havia 7.524 indivíduos condenados por crimes, enquadrados nos artigos supracitados, no qual o Art.2017-A o de maior condenação, e o gênero masculino, a maior parte dos condenados. Podemos analisar e compreender tais dados, na tabela 6.

Tabela 6: Condenados por Crimes contra a dignidade sexual

Tipo de crime	Homens	Mulheres	Total
Estrupo de Vulnerável (Art. 217–A)	5.977	95	6.072
Corrupção de Menores (Art. 218)	1.092	90	1.182

Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2017). Adaptado pela autora

No estado de Rondônia o quantitativo de custodiados em todos os regimes de cumprimento de pena e benefícios até a segunda quinzena do mês de maio de

2019 era um total de 13693 detentos. Os dados são obtidos através do INFOPEN da Secretária do Estado de Justiça de Rondônia, e se distribuem entre Regime Fechado (Condenado), Presos Provisórios, Regime Semiaberto (Intramuros), Regime Semiaberto (Monitoramento Eletrônico), Medida de Segurança – Internação, Medida de Segurança-Tratamento Ambulatorial (Hospital), Presos com Monitoramento Eletrônico (Prisão Domiciliar) e regime Aberto (INFOPEN/RO, 2019), conforme quadro 6.

Quadro 8: Regime e Quantitativo de Detentos no Estado de Rondônia

Regime	Número de Presos
Regime Fechado (Condenado)	5541
Presos Provisórios	1835
Regime Semiaberto (Intramuros)	905
Regime Semiaberto (Monitoramento Eletrônico)	1949
Medida de Segurança – Internação	25
Medida de Segurança-Tratamento Ambulatorial (Hospital)	03
Presos com Monitoramento Eletrônico (Prisão Domiciliar)	418
Aberto	3017
Total	**13693**

Fonte: INFOPEN/RO, 2019. Adaptado pela autora.

O sitio eletrônico da Secretária do Estado de Justiça de Rondônia, não nos disponibiliza o quantitativo de detentos por tipo de crime, e dessa forma, não podemos tratar especificamente acerca de condenados por violação dos direitos sexuais, conforme artigos constantes no Código Penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Porém optamos em buscar por informações em albergue localizado em um município do estado de Rondônia, como forma de compreender a natureza do crime, assim como analisar junto aos servidores, informações relativas aos condenados por abuso sexual contra menores de idade.

5.2 Os Criminosos aos Olhos dos Sujeitos das Leis

Visando pesquisar a receptividade dos presos e condenados por crimes de abuso sexual nos presídios, analisar a faixa etária dos abusadores e das vítimas, o gênero das vítimas, o comportamento do abusador perante a justiça após a descoberta do crime e investigar possíveis vítimas que se transformaram em abusadores, optou-se em fazer pesquisas de campo em um albergue, que contou com a participação de 03 agentes penitenciários, servidores públicos da secretaria

de justiça de Rondônia e 02 albergados, que cumprem pena por abuso sexual cometidos contra uma criança (10 anos) e uma adolescente (13 anos), ambas do gênero feminino.

Os agentes penitenciários que participaram da pesquisa possuem longa trajetória dentro da instituição, sendo uma agente com 27 anos de trabalho na secretaria de justiça e dois agentes que possuem 29 anos e 10 anos de serviços prestados na mesma instituição. Consideramos a fala dos entrevistados enriquecedora no estudo, uma vez que suas experiências vividas acerca do comportamento do apenado e outros elementos confirmam as pesquisas em suportes bibliográficos, assim como no informativo do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - INFOPEN. Ademais aqueles que estão diretamente envoltos do fenômeno pesquisado, possuem maiores condições a partir da experiência, para falar acerca do assunto.

Nesse sentido, procuramos identificar a faixa etária dos abusadores, assim como a condição econômica, comportamento e grau de instrução, comum aos abusadores sexuais, ou seja, com maior volume de registros dentro do sistema ao quais os agentes possuem acesso. Prontamente nos foi relatado que,

> A maior parte dos abusadores são homens. Eles representam mais de 90% dos casos que chegam à justiça. Não há uma faixa etária com maior ocorrência, temos desde jovens adolescentes, que não se encontram neste presídio, porque são encaminhados para um lugar especifico, por ser menores de idade, a homens de mais de 60 anos. Eles são pessoas que não possuem nem o ensino médio, poucos concluíram o ensino fundamental. (AGENTE 1, 2, 3).

O fato da maior parte dos abusadores condenados que se encontram no presidio pesquisado, não possuir o ensino fundamental, vai ao encontro dos dados obtidos no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen, no qual a maior parte dos presidiários possui a mesma condição. Diante desse contexto, houve a necessidade de pesquisar o porquê deste grupo, de menor grau de instrução, configurar o comportamento dos abusadores no interior do presídio, bem como analisar a condição de homens de maior poder aquisitivo, perante este tipo de crime. Nessa via de estudo, o agente 3 nos esclareceu que “Acredito que quanto mais poder a pessoa tem, digo em dinheiro, o crime é mais difícil de ser descoberto, ou de chegar à justiça. Eles também possuem maiores condições de calar a vítima ou comprar seu silêncio” (AGENTE 03). As duas colocações feitas pelo servidor nos instigaram duas vias de estudo: calar as vítimas e/ou comprar seu silêncio.

As duas colocações que denotam características completamente diferentes, tanto no que concerne a natureza da ação, quanto, na condição da vítima perante o abusador. Nesse sentido, calar as vítimas estaria condicionado às ameaças, as maiores possibilidades de o agressor repreender a criança ou adolescente, fato este já apontada no decorrer do estudo, através dos suportes bibliográficos. O uso do termo “comprar seu silêncio” é por meio da troca, ou seja, a menina abusada passa a ser presenteada, escolhe algum objeto de seu desejo. O abusador usa seu poder aquisitivo, para violentar a vítima em troca de objetos de desejo da vítima. Entretanto ambas as concepções já haviam sido apontado em estudos realizados por Saffioti (1994).

A pesquisa nos possibilitou confirmar que o gênero de maior vulnerabilidade e constitui a maior parte das vítimas, são meninas, ou seja, gênero feminino, dados estes já mencionados, a partir das pesquisas nos suportes bibliográficos. Por sua vez, os abusadores são pessoas que possuem vínculos afetivos com a vítima, e usa deste meio, da confiança, para abusar sexualmente. Diante disso, a agente 02 nos confirmou que “a maior parte das vítimas são meninas, e os abusadores são os padrastos, pais e avôs. Porém têm crianças que são abusadas pelos tios, vizinhos, irmãos mais velhos. Poucos, raramente, há algum caso de crianças que são vítimas de abusadores sem ser do convívio dela” (AGENTE 02).

A vulnerabilidade do lar, para as vitimas foram questionadas em alguns momentos da pesquisa, e demonstra o perigo que mora no mesmo lugar onde as meninas se encontram, em plena fase de crescimento e formação subjetiva, e que consequentemente nos remete ainda as questões do patriarcado, no qual homens enxergam o corpo da mulher como objeto para satisfação de suas vontades sexuais, ainda que as vítimas não tenham condições alguma de defesa, tampouco compreendam o processo da sexualidade. Tais percepções ajudam a trilhar o caminho da condição do apenado no sistema penitenciário, uma vez que os relatos obtidos fora desses recintos demonstram a má receptividade dos indivíduos, até mesmo, entre outros condenados. Nesse sentido, quando questionados sobre a condição dos presos condenados por abuso sexual, no interior do sistema penitenciário, os agentes veementes afirmaram,

> Não é um convívio fácil, tampouco pacífico. Eles têm que ficar em celas separadas, e em alas separadas também. Muito comum haver brigas entre presos condenados por outros crimes com abusadores sexuais. Os demais

> presos não aceitam esse tipo de crime, porque apesar de estar dentro da cadeia e terem errado, eles pensam em suas mães, filhas, irmãs que estão aqui fora e coloca essas pessoas no lugar da vítima em relação ao abusador. Isso que escutamos quando ocorrem os conflitos devido à presença deles no sistema carcerário (AGENTES 1,2,3).

O terceiro agente continua o discurso, questiona os demais colegas e relata a história de um detento, que após abusar da filha de 03 anos de idade, que diante dos atos veio a óbito, chegou ao presídio e não seguiu as orientações dos agentes penitenciários acera de sua situação, perante aos demais detentos enquanto abusador,

> Vocês lembram aquele pai que abusou da própria filha de três anos? Ele chegou aqui dizendo que a menina o seduziu, e por isso ele cometeu o abuso. Diante da gravidade do fato, a menina veio a óbito. Ele quis dar um de “doidão” e não queria ficar em ala separada. Ainda assim, ele ficou em cela separada, em ala separada, como todos os outros que cometem o mesmo crime. Porém, no primeiro banho de sol que ele poderia sair ele foi e não voltou mais. Ele foi morto pelos demais presos. Imagina um banho de sol com vários presos? Os agentes tentam intervir a tempo, mas é difícil em uma situação dessas, porque não é um preso que agride, são vários que se juntam e formam uma confusão generalizada, só que em desfavor ao abusador (AGENTE 03).

O agente 03 ao narrar à história vivenciada por ele, no interior do sistema carcerário, no qual o pai além de abusar da própria filha, alegava ser ela a culpada por seduzi-lo não foge a regra de outros abusadores, que possuem esse mesmo discurso, perante as crianças como também em relação às pré-adolescentes ou adolescentes. Nesse sentido, nos remete as considerações realizadas por Jana Petrzelová (2013, p. 56) de que “[...] Los abusadores tienden a defenderse y llegan hasta a afirmar que ha sido el niño quien los sedujo, lo cual es una evidente hipocresía puesto, que es el victimario el que tiene un dominio total sobre su víctima, además de tenerla amenazada”. [27]

Da mesma forma, pesquisas realizadas por Saffioti (1994) afirma que o jogo de sedução faz parte de casos de abuso sexual incestuoso, entretanto, por parte do abusador. Nesse processo, comum eles tentarem ludibriar as crianças e adolescentes, de que o segredo deve ser mantido entre os dois, para que a mãe da menina/vítima não sinta ciúmes ao ter conhecimento dos atos. É um processo que envolve muitos elementos, além da sedução, para manter o controle sobre a vítima,

[27] [...] Os abusadores tendem a defender-se e chegam a alegar que a criança foi que os seduziu, o que é uma hipocrisia evidente, que é o vitimizador que. Ele tem controle total sobre sua vítima, além de tê-la ameaçada.

ao qual consideramos ter chegado a uma gama ainda maior de respostas, quando uma agente entrevistada alega,

> Olha, essa é uma fala de todos os abusadores, de que foram seduzidos pela vítima. E outra coisa: você vai entrevistá-los né?! Pois eu já te alerto que eles vão negar. Eles vão dizer que armaram a casinha para eles, que eles não cometeram o crime, que estavam sobre efeito de bebida e não se lembram. Isto é, se eles falarem alguma coisa, porque geralmente eles não comentam nada sobre o assunto (AGENTE 02).

As considerações de Saffioti (1994, p. 449) de que “A violência, todavia, já está contida nos homens em virtude das relações que construíram com as mulheres, graças à assimetria contida na estruturação da sociedade em gênero”, nos fornece condição de afirmar que o álcool ou problemas de ordem econômica, são meios que os abusadores usam para justificar a prática criminosa, assim como de que foram atraídos ou seduzidos pela vítima, o que é impossível diante da idade das meninas que integram as estatísticas. Nesse sentido, objetivando compreender os motivos que conduz o ser humano a prática do crime, é de suma importância dar voz ao abusador, como forma de analisar o dito e o não dito, através da entrevista e da observação participante, para além do sujeito do crime.

5.3 A Voz do Abusador: Família, Subjetividades e o Crime

O mundo dos abusadores sexuais nem de longe é igual ao de suas vítimas, porém é necessário compreender se em algum momento da vida, eles experimentaram do mesmo “mundo vivido” que submeteram suas vítimas, um mundo de medo, violência, angústia, etc. Entretanto, ainda que submetidos às práticas sub-humanas, a condição do passado não pode ser entendida como meio que justifica o ato cometido, entretanto como um importante elemento que contribuiu para moldar sua personalidade. Ademais, que mundo representa a vida desses sujeitos? Quais foram suas percepções quando adentraram no sistema penitenciário? O que consideram acerca de violência sexual contra crianças e adolescentes? São apenas alguns questionamentos que buscamos por respostas.

Na busca por conhecer o lugar habitado pelos abusadores, assim como suas subjetividades, esbarramos nas considerações e Tuan (1971) acerca da geografia como ciência que revela e reflete o homem, no mundo em que vive. Dessa forma, quando nos propomos a analisar o outro, estamos diante de tantos mundos

possíveis de serem descritos, a partir das experiências, percepções e ações. Para tanto, com ajuda da fenomenologia, vista pelo autor como meio que possibilita tal conhecimento, uma vez que a abordagem fenomenológica “[...] describe the world as the world of intentionality and meaning” [28] (TUAN, 1971, p. 181), adentramos no mundo dos abusadores sexuais, tanto o mundo vivido antes destes chegar ao sistema carcerário, quando o mundo vivido no espaço restrito e que delimita a liberdade física da

As entrevistas ocorreram com a participação de dois albergados, condenados pelo crime de abuso sexual contra menores de idade, e serão denominados Albergado 01 E Albergado 02, pela ordem das entrevistas, e cumprem sua pena em um albergue. Por meio de uma cooperativa, criada entre detentos e representantes da justiça, durante o dia realizam serviços de marcenaria, constroem cadeiras, balanços, bancos e banquetas, objetos esses comercializados na região, e rateado os valores entre os albergados. Tais serviços ajudam na redução da sua pena, assim como no complemento de sua renda, e de suas famílias. À noite, eles retornam para o regime fechado, ou seja, para as suas celas para descansar, regressando ao trabalho no dia posterior.

Imagem 8: Artigos Confeccionados Pelos Albergados

Foto: Danúbia Zanotelli Soares (04/06/2019)

[28] “[...] descrever o mundo como o mundo de intencionalidade e sentido”.

Com ajuda de uma agente penitenciaria nos foi apresentado o primeiro entrevistado (Albergado 01), um homem de boa aparência, pintor profissional, de 37 anos de idade. Filho de agricultores, até a idade em que saiu de casa para a zona urbana para estudar e trabalhar realizava serviços no sítio junto aos pais, ao qual define como pessoas trabalhadoras, bem como afirma nunca ter presenciado qualquer situação de violência e consumo de bebida alcoólica, entre o casal ou em relação aos filhos. Entretanto, nos relatou que quando pequeno, sofria maus tratos por parte de um irmão mais velho, que era muito violento e por qualquer motivo, o agredia. Albergado 01 foi condenado a pouco mais de 12 anos de prisão por abusar de uma adolescente de 13 anos de idade, quando questionado sobre o assunto ele relatou,

> Eu estou aqui, mas eu não cometi este crime. É aquela famosa frase: um esperto comeu o milho, e eu paguei o pato. Essa menina tinha uns 13 anos de idade, mas o corpo dela era de moça grande. Ela morava em frente da minha casa, onde eu morava com minha esposa e a filha dela, minha enteada. A gente convivia junto, ela viva dentro da minha casa brincando ou conversando com a filha da minha mulher. Um dia eu estava no sofá e ela chegou e começou a falar para mim que o tio dela abusava dela, na hora eu chamei minha mulher e falei: Vem aqui, vem ouvir o que essa menina está falando! Quando ela terminou de contar, eu disse a ela que ela tinha que ir à delegacia denunciar, ela não quis. Eu até falei que se ela quisesse a gente ia junto com ela, ela saiu correndo. Depois disso eu passei a observar a movimentação na casa dela, o tio dela sempre chegava a casa depois que os pais saiam para trabalhar, encostava a moto na frente, e ficavam horas lá dentro. Depois de algum tempo ele saia e ia embora. Isso acontecia todos os dias. Passou um tempo e a polícia chegou à minha casa, falando que eu tinha sido denunciado por crime de abuso sexual, me conduziram para a delegacia, e aqui estou até hoje, há quase 04 anos (ALBERGADO 01).

Diante de seu relato como inocente, questionamos ao mesmo o posicionamento de sua família e de sua esposa, em relação a sua condenação, prontamente nos relatou “ela acreditou em mim. Ela me conhecia, sabia da nossa rotina, eu não fiz isso. Ela tinha uma filha em casa, que era também minha filha, eu nunca mexi com ela. Meus pais sofreram muito, ainda sofrem na verdade. Eles não me criaram para viver este mundo, muito menos para ser considerado um bandido, e pagar por um crime que não cometi” (ALBERGADO 1). O mundo ao qual o albergado se referiu era o mundo da prisão, que no seu ponto de vista, caracteriza o ser humano como bandido, diferentemente dos sujeitos que habitam fora deste contexto, ainda que pratiquem atos contra as leis e contra os homens.

Levando em consideração que alguns sujeitos que praticam atos de violência contra outros, reproduzem atitudes apreendidas a partir das relações

sociais, definidos por Bourdeau (2012, p. 22) como *atos de reconhecimento*, uma vez que “[...] seus pensamentos e suas percepções estão estruturados em conformidade com as estruturas mesmas, da relação da dominação que lhes é imposta” nos propomos entender se o entrevistado era também produto da dominação. Diante disso, lhe foi questionado se alguma vez na vida presenciou alguém sofrendo violência sexual, ou se foi vítima do crime. Ele surpreendentemente respondeu,

> Olha, eu vou contar uma coisa para você que eu nunca falei pra ninguém. Quando eu tinha uns 12 anos, eu fui trabalhar num sitio de um vizinho nosso. A gente trabalhava no sitio e as vezes fazia diárias para outras pessoas, vizinhos próximos para ter um pouco mais de dinheiro. Então eu fui. Quando era noite, eu acordei com aquele homem tocando meus órgãos genitais, isso me deu um nervoso, uma repugnância, que deu tive vontade matar ele. Ele era um homem negro, de uns 45 a 50 anos de idade, eu dei um empurrão nele porque era a única coisa que eu dava conta de fazer, e sai dali, fui embora ainda à noite. Nunca falei com ninguém, mas só de lembrar eu fico tremendo de nervoso. Eu acho que uma pessoa que comete um crime desses tem alguma doença, ou é um animal. É uma coisa que não dá para descrever. Você toma banho e parece que continua sujo, sabe? Você se esfrega, mas aquilo parece que continua em você (ALBERGADO 01).

A reação do entrevistado deixa transparecer o quanto essas lembranças ainda causam efeitos em sua vida, já que após duas décadas, ele ainda relata se esfregar durante o banho, na tentativa de retirar qualquer resquício do que restou da violência sofrida. Essa percepção é também relatada pelas vitimas de abuso sexual do gênero feminino, como marcas que nunca saram, apesar de cicatrizar, são feridas que se tocadas, infeccionam. As percepções são descritas por Tuan (1980) como sentimentos, a partir do qual formulam suas atitudes, e consequentemente tanto o ato de buscar pela limpeza do corpo, como forma de tirar o mal sofrido como, repetir a mesma conduta, pode estar diretamente ligada às percepções, que culminam nas atitudes.

Utilizamos dos sentimentos de percepções relatadas pelo abusador, para questioná-lo sobre suas considerações acerca deste crime e como ele acreditava que deveria ser tratado um abusador sexual. Sem rodeios ele respondeu “Eu acho que esse crime não deveria nem chegar à justiça. É uma coisa que não tem com você descrever. Mas perante nossa justiça, acho que a lei tem que ser cumprida, se fez que pague pelo que fez. Mas também que seja mais bem apurado, porque eu

não fiz e estou pagando por este crime que eu sofri sem falar no que vai ficar em minha ficha quando eu sair daqui" (ALBERGADO 01).

O segundo entrevistado, denominado no estudo como Albergado 02, tem 39 anos de idade, trabalhava em uma serraria e exercia atividades de massagista profissional, antes de ser preso, há quase quatro anos, por abusar sexualmente de sua enteada, uma criança de 10 anos de idade. O entrevistado afirma ter deixado à profissão de massagista, e não pretende voltar a exercer tal função, justificando a decisão sobre o crime ao qual foi condenado, por evitar manter contato com outras pessoas, de uma forma tão próxima. A estrutura familiar de Albergado 02 é completamente diferente da condição do Albergado 01, ele relata ser de uma família muito humilde, criado com o básico e (re) tirado da mãe antes mesmo de ter sido amamentado pela primeira vez,

> Minha mãe já tinha muitos filhos, e não tinha condições de criar eu. Minha vó por parte de pai falou para ela que este filho ela quem ia criar, e me trouxe embora. Eu não cheguei nem a se amamentado, assim que eu nasci minha vó me pegou e me tirou dela. Então eu sei quem é minha mãe, mas nunca tive contato com ela, não conheço meus irmãos por parte de mãe, somente por parte de pai, que não moram aqui, moram na Bahia (ALBERGADO 02).

A situação familiar de ambos os entrevistados, (re) afirmam que o crime abrange todos os níveis socioeconômicos tanto em relação ao abusador, quanto em relação à vítima. Além de não ter tido contato com sua mãe biológica, ser judiado pela madrasta, o mesmo não tinha uma residência fixa, e transitava entre a casa da avó e do pai. A casa da avó seria um lugar de proteção, onde a violência contra ele não existia, na casa do pai buscava pelo carinho paterno, entretanto, era um lugar de difícil convivência, como relatado em seu discurso,

> Eu fui criado com vô e vó. Quando eu era pequeno eu ficava com meu pai, quando minha madrasta me judiava bastante eu voltava pra casa da minha vó. Eu gostava de ficar com minha vó, mas também queria ficar com meu pai. Essa minha madrasta era moça dentro de casa, e meu pai já tinha engravidado minha mãe, ai ele se engraçou com minha madrasta e eles fugiram para São Paulo, então ele largou minha mãe por causa dessa mulher. Ai quando eu nasci minha vó falou: esse aqui é meu, quem vai criar sou eu! Porque minha mãe era uma mulher solteira, com um monte de filhos, não tinha condição de ficar comigo, eu entendo isso, não guardo mágoa nenhuma da minha mãe (ALBERGADO 02).

Ele reitera mais do que uma vez, a relação entre ele e sua avó paterna, que considera sua mãe. Albergado 02 é um homem alto, de aparência muito sofrida, e

que junto a outros presos, trabalha com serviços de marcenaria para reduzir sua pena. Quando questionado sobre sua condenação, ele relatou,

> A menina tinha uma tia, irmã da minha ex-mulher, e ela queria morar com a gente, mas eu não aceitava ela em casa. Então ela fez a cabeça da menina para falar que eu tinha feito isso com ela. Quando eu vim preso, eu não tinha um advogado, não tinha nada, ninguém que olhasse por mim aqui dentro, como até hoje eu não tenho. Então eu mesmo me julguei, entende? Porque eu conversei com uns agentes de tinha de primeiro ai, e eles viram que eu não devia isso, e falou: olha cara, a juíza está colocando de 29 a 30 anos para você. Eu nunca tinha sido preso na minha vida, eu não sou vagabundo, eu não sou ladrão, eu não sou matador, eu não sou nada. Meu negócio era trabalhar, eu do trabalho para casa e de casa para o trabalho. Então, eu fiquei com medo quando eu cheguei aqui, de um lugar desses aqui. Ai o agente chegou e falou: olha cara, você não tem um advogado, não tem nada eu vou dar uma ajuda para você, você fala pelo menos que passou a mão na menina e foi o que eu fiz. Fui na ideia dele e quando a juíza perguntou eu falei que passei a mão nela. A tia da menina foi depor a favor da menina, ela falava contra mim, mas ao mesmo tempo me defendia. Eu fui o único cunhado que sempre as ajudei em tudo, elas tinham um comércio e eu ajudava a descarnar no açougue, fazia outros serviços que tinha pra fazer. Eu trabalhava na serraria, e quando não estava na serraria eu estava ajudando elas. Eu não sei por que ela fez isso, eu não coloco a culpa na menina, mas na tia dela que fez a cabeça dela. Mas eu não devo este B.O eu estou pagando porque eu mesmo me condenei, entende? Eu fiquei com medo da juíza me colocar um tempo muito alto e falei isto (ALBERGADO 02).

Assim como realizado em relação ao primeiro entrevistado, levando e consideração sua infância e juventude, foi questionado ao Albergado 02 sua relação familiar, se presenciou alguém sendo abusado sexualmente, se foi vitima do crime, submetido a maus tratos ou qualquer outro tipo de violação. Ele então nos relatou que,

> Assim quando eu era criança eu fui maltratado pela minha madrasta. Então hoje eu não guardo mais nada no meu coração, porque eu sou evangélico de verdade, eu busco um Deus poderoso de verdade. Então eu não tenho mais essa mágoa dela. Mas eu fui maltratado por ela, eu apanhei bastante. Uma vez eu quase matei ela com uma lasca de lenha, que eu trouxe do mato e ela queria bater em mim e eu peguei a lasca de lenha e dei nela, só não matei ela por causa do vizinho que apartou (ALBERGADO 02).

Os relatos do entrevistado evidenciam situações conflituosas vividas quando criança, principalmente em relação à madrasta, chegando ao ponto de agressões físicas de ambos os lados. O espaço vivido pelo entrevistado era marcado não somente pela violência física e verbal, assim como pelo pouco contato entre ele e os irmãos, e pela carência e omissão paterna, que diante das situações de agressão não intervinha. Este espaço vivido, que de acordo com Bollnow (2008) de mensuração psíquica nada tem, foi o lugar onde ele teve sua formação subjetiva.

Apesar disso, ele revela não ter feito nenhum tipo de mal a ninguém, senão a ele próprio ao considerar que, apesar de trabalhar, bebia e não tinha uma vida sadia.

No ponto de debates em que ambos os albergados se encontram, no qual o Albegado 01 revela ter sido vítima de abuso sexual quando adolescente, e o Albergado 02 vítima de frequentes atos de violência e de ausência de carinho, propomos a reflexão acerca das considerações de Petrzelová (2013). Podemos ainda fazer um elo, entre as ponderações do autor e de Rousseau (1989), no qual a sociedade é capaz de transformar e moldar o indivíduo. Nesse contexto, Petrzelová (2013) afirma que,

> La gran mayoría de los victimarios carecieron de afecto y de contacto físico y sano por parte de sus progenitores. Muchos de ellos han sido maltratados o también abusados sexualmente en su propia infancia. La desdicha de su propia vida no les permitió un desarrollo adecuado de la personalidad[29] (PETRZELOVÁ, 2013, p. 56).

No intuito de utilizar do conhecimento da psicologia, como ciência que estuda o comportamento humano, e tendo como base os estudos acerca da personalidade dos agressores, e a partir das experiências de campo, vimos a necessidade de questionarmos a postura dos abusadores sexuais, levando em consideração sua formação subjetiva. Nesse sentido, indagamos se as experiências vividas quando crianças são fatores que influenciam na transformação da boa conduta humana, e a submeterem outros as suas lascívias, prontamente nos foi respondido que,

> Não necessariamente. Alguns passaram por isso sim, mas não é por isso que vão virar abusadores sexuais. Eles sabem o que estão fazendo, e sabem que aquilo é errado, não é algo incontrolável. Eles sabem, são adultos. São pessoas que podem decidir. Mas lógico entendo também que tem a necessidade de punição e acompanhamento psicológico desses abusadores (PSICÓLOGA).

O crime de abuso sexual é negado pelo Albergado 2, que define a violação como “É uma coisa que não tem perdão, principalmente se for com uma criança. Com uma pessoa adulta já é difícil, imagina com uma criança que não tem nem como se proteger. Pra mim é um monstro, um bicho, não sei. Só Deus para transformar uma pessoa assim” (ALBERGADO 02). Entretanto, quando questionado sobre a presença dos abusadores sexuais no interior do presídio, ele relata que

[29] [...] A grande maioria dos perpetradores carecia de afeição e contato físico e saudável por parte de seus pais. Muitos deles foram maltratados ou abusados sexualmente em sua própria infância. A infelicidade de sua própria vida não lhes permitiu desenvolver adequadamente a personalidade.

“Olha tem muitos, a maior parte comete contra a enteada ou filha. Muitos falam que fizeram por causa da cachaça, bebem e vão lá e fazem. Eles colocam a culpa na bebida, outros dizem é o inimigo é desse jeito” (ALBERGADO 02).

Assim como o primeiro entrevistado, demonstra repúdio em relação ao crime, e nega em todos os momentos a autoria da violação, questionando ainda o posicionamento da justiça, na apuração dos fatos, constatada através da fala: “como sabe se a menina foi abusada, se não fizeram nenhum exame nela? Acho que isso tinha que ser investigado melhor, para não colocar pessoas inocentes na prisão”.

As concepções do albergado 02 acerca do abuso sexual dão a entender que, ocorre apenas quando há contato físico íntimo, entretanto o mesmo possui conhecimentos de que qualquer ato contra outra pessoa, que viole seus direitos, pode ser caracterizado com abuso, sem que tenha ocorrido contato íntimo. Acreditamos que a perplexidade de ambos os entrevistados, diante de crimes dessa natureza, ocorrem devido a não aceitação de abusadores sexuais pelos demais detentos, no qual descrevem a receptividade dos abusadores no interior do presídio como algo penoso.

5.4 Receptividade e Convivência de Abusadores Sexuais no Interior do Sistema Carcerário: Experiências e Relatos

A receptividade e a convivência dos abusadores sexuais, no interior do sistema carcerário são conhecidas pelos sujeitos que se encontram fora desses espaços, ou por pessoas que não tiveram contato com sujeitos condenados pelo crime, como difícil, no qual os mesmos devem ser mantidos em celas e alas separadas dos demais presos. O crime de abuso sexual é apontado como um crime intolerante até mesmo entre os aprisionados, comum escutarmos histórias de que no presídio os abusadores sexuais são transformados em “mulheres” pelos demais presos, e ser submetidos ao mesmo tipo de crime que o conduziu a prisão. O uso do termo é justificado por ser uma linguagem usual entre os presidiários e comuns em nossa sociedade, para designar a oposição sexual entre homens e mulheres, nas relações sexuais.

Diante desse contexto, na tentativa de conhecer a real situação dos abusadores sexuais no sistema carcerário, ambos os entrevistados foram

questionados e convidados a descrever as percepções acerca dos condenados nos artigos de violência sexual contra menores de idade. Dessa forma, relataram que,

> É o seguinte, logo quando eu cai nesse B.O[30] eu vi outras pessoas sendo muito maltratadas, sendo judiadas, apanhavam. Às vezes, os outros presos que não tinham o nosso B.O pegavam cabos de vassoura e colocavam no cara, faziam o tal do Jack[31]. Era muito sofrimento, só que eu nunca passei por isso. Nunca ganhei um tapa de ninguém, porque em todos os lugares que eu cheguei eu sempre falei a verdade, como as coisas aconteceram. Então, quando a gente fala a verdade as pessoas conhecem, não é porque é vagabundo vai deixar de acreditar, eles sabem quem fez e quem não fez. Mas eu cansei de ver outros apanhando, saindo sangue pelo nariz, pela boca, eles batiam com o cabo da vassoura, principalmente na quadra, na hora do banho de sol. Quando você cai numa cela com pessoas que só tem esse B.O é menos pesado, mas antes quando caia junto com outros, sofria muito (ALBERGADO 02).

> Quando cheguei ao presídio eu senti medo. Medo à gente sente. Eu acho que é do ser humano e quando ele perde o medo ele passa a ver as pessoas como presas, com suas vítimas, como se ele fosse um predador. Porque a pessoa que não tem medo ele não teme mais por sua vida, então as outras pessoas passam a ser nada para ele, então dentro da cadeia, se você acha que o inferno está aqui, não! O inferno é lá dentro, dentro da cadeia a gente vê de tudo. Comigo não aconteceu nada, mas eu vi. Eles deixam a pessoa pelado dentro do banheiro, urinam nela, batem, maltratam. Não os agentes penitenciários, os outros presos (ALBERGADO 01).

De acordo com Tuan (2005) O medo é algo subjetivo, e varia de sujeito para sujeito, assim como as consequências relativas ao sentimento de medo, que podem ser agravados com o ambiente vivido. O medo é segundo os albergados o principal motivo pelo qual muitos presos entram nas facções que existem no interior do presídio, como meio de se proteger e se fortalecer dentro da unidade prisional. Nesse sentido, criam laços de afinidade e passam a constituir uma família, e tem como missão proteger uns aos outros, lutar pela sobrevivência dos irmãos e da facção.

O fato dos abusadores sexuais receber o mesmo tratamento por parte dos demais detentos no interior das celas está ligado a uma lei que impera no sistema carcerário, que se assemelham as condições de criminosos, referenciado por Michel Foucault (1987) na obra *Vigiar e Punir*, antes do século XVIII, entretanto agora, não mais no espaço público e sim no lugar privado. Nesse sentido, a penalidade que deveria regenerar ganham novos delineares, distante da perspectiva politica e social ao qual foi idealizada, constante no código penal nacional. É nesse momento, que

[30] Sigla para Boletim de Ocorrência, usado para registrar a ocorrência de crimes no território brasileiro.
[31] Termo utilizado para caracterizar condenados por crimes de abuso sexual, onde os demais presos realizam a mesma prática pelo condenado, no interior do sistema carcerário.

as facções acabam por exercer o poder no sistema penitenciário, no qual muitos detentos recorrem no intuito de se proteger do que experienciam. Nesse sentido, importante às considerações do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (BRASIL, 2018), que,

> O contexto de violência institucional e desrespeito à dignidade das pessoas privadas de liberdade propicia a organização dos presos como forma de constituir estratégias capazes de promover a autoproteção e resistência frente às violações perpetradas pelo Estado, culminando, inclusive, nos agrupamentos hoje conhecidos como as 'facções'. (BRASIL, 2018, p. 54)

As facções funcionam como um escudo, mas ao mesmo tempo, um elemento que o detento deve honrar enquanto membro. A adesão à facção, o juramento a família bem como à fidelidade em relação aos seus membros, ou melhor, seus irmãos, só podem ser rompidos quando o sujeito entra para a religião, para servir a Deus.

> Desde o momento que você chega à cadeia a própria facção investiga sua vida aqui fora, sua família, eles sabem de tudo sobre você. Desde o momento que você entra para a facção, você tem que defender seus irmãos, e os irmãos são os outros membros da facção. Ali dentro eles te protegem, e quando você sai aqui fora você tem que proteger a família e a família é a facção. Não tem como sair, a menos que você saia para ser um servo de Deus, mas é servir a Deus. A facção é uma família para aqueles que estão ali. Eles fazem um juramento. Eles têm um ritual todas as manhãs: com as mãos sobre a bíblia eles rezam o pai nosso, prometem proteger sua família e fazem o grito da facção, que é tipo uma frase que fala sobre a facção (ALBERGADO 1).

> A maioria entra na facção para se sentir mais seguro lá dentro, outros entram para a se mostrar, para ser o que não é. Às vezes o chefão do comando chega pra eles e faz a mente, e eles querem crescer, ser o bam bam bam e entram nisso ai. A única saída deles depois para eles rasgarem a camisa, é seguir Deus de verdade é entrar na "benção", caso contrário eles morrem. Uma vez que você entra para a facção você só sai assim, mas tem que entrar na benção de verdade, e não usar isso para sair da facção. Vamos supor, por exemplo: eu estou na fação, mas eu quero rasgar a camisa, rasgar a camisa é quando a pessoa quer sair da facção. E digo que vou entrar na benção, mas se eu sai para entrar na benção, e eles me veem em um bar bebendo eles falam: uai, mas aquele cara na tá na benção? Ele rasgou a camisa para entrar na benção. Ai é onde começa a desordem deles que é matar, é perseguir (ALBERGADO 02).

Entretanto, nem todos os que almejam proteção nos presídios ou que anseiam fazer parte das facções, conseguem. O crime de abuso sexual é o único crime que não possibilita o aprisionado entrar em qualquer facção. Este entendimento é necessário, pois nos permite analisar as considerações de sujeitos que mesmo convivendo no mundo do crime, não tolera violações dessa natureza. De

maneira breve, o albergado 02 relatou “quem tem B.O por crimes de abuso sexual e por morte de crianças não entram para a facção. Eles não ligam para casos de uso de drogas, roubo, homicídios, essas coisas” (ALBERGADO 02). O albergado 01 foi ainda mais enfático ao declarar que,

> Eles não toleram os casos dos abusadores sexuais, ponto. Tanto que quando o cara chega aqui e as facções investigam a vida dele aqui fora, ele pode não dizer o artigo dele, mas eles descobrem, justamente porque eles não querem gente que foi capaz de cometer algum mal contra uma criança, junto deles. Se a pessoa foi capaz de fazer mal a própria filha ou filho, ele trai a facção (ALBERGADO 1).

Enquanto a vítima dos abusadores sexuais experimenta medo em relação ao lugar vivido com o abusador no mundo externo ao presídio, os abusadores experimentam essa sensação dentro do sistema prisional. O presidio é para os abusadores sexuais um mundo tão hostil, que a sobrevivência está atrelada às condições psíquicas do sujeito, que o matem em um estado de alerta, por boa parte do tempo. Necessário compreender que o sistema prisional foi construído para aprisionar pessoas que transgredem a lei, um ambiente pouco conhecido por aqueles que habitam fora deste lugar, assim como por aqueles que chegam para cumprir sua pena. Podemos afirmar que se torna uma paisagem do medo (TUAN, 2005) tanto por aqueles que estão livres na sociedade, como por aqueles que vivem o dia a dia no presídio.

> Na verdade cada qual defende o seu mundo. Aqui a gente só que sobreviver ao sistema que existe ali dentro. Aqui fora, quando eu saí do regime fechado, eu percebi como cada um vive o seu mundo e defende os interesses dele, na maioria das vezes as pessoas não param para pensar no outro, como um ser humano no mundo. Olha o mundo político, por exemplo, (ALBERGADO 1).

> O mundo que eu vivi lá dentro é um mundo que eu não desejo nem para o pior inimigo meu. Caso eu tivesse, porque eu não tenho graças a Deus. Quando têm rebeliões os primeiros que eles querem pegar são pessoas que estão nesse B.O, então toda vez que tem rebelião, nós temos que estar afastados, senão eles matam, eles batem, eles furam. Aqui fora, eu consigo ver o quanto eu aprendi lá dentro, eu acho que foi Deus que permitiu eu cair num lugar desse ai, porque eu sei o que é viver hoje, porque eu não vivia. Porque na época que eu vivia no mundo, eu não fazia as coisas que Deus gostaria que eu fizesse, entendeu? Eu fazia coisas que não agradava a Deus, que era beber, dançar, este mundo que eu vivia não era um mundo normal, o mundo normal é hoje (ALBERGADO 02).

As sensações topofóbicas em relação ao lugar, devido às situações as quais os aprisionados estão submetidos, ao ambiente físico e a própria rotina dos presidiários, são elementos que podem tanto colaborar para a transformação do ser

humano em uma pessoa melhor, como forma de não retornar a situação vivida, mas também pode ser decisiva, para a piora na condição do sujeito condenado. A vulnerabilidade da pessoa presa, em relação aos grupos de “facções” que estabelecem as normas e condutas, punem mais do que as regras estabelecidas pelo estado, através das rotinas diárias dos detentos, bem como a falta de assistência e humanização no sistema carcerário. Nesse sentido, ambos os entrevistados (Albergado 01 e Albergado 02) relatam que,

> Quando as pessoas querem sim, quando as pessoas querem mudar ele muda. Mas quando as pessoas não querem mudar eles só pioram, é dali para pior. Eu falo porque eu morei lá dentro, porque quase três anos, eu morei. Então a gente vê muitas coisas que são certas e erradas (ALBERGADO 02).

> O presídio não ressocializa, ele faz o bandido que é bandido ficar pior, e aquele que não é, pode virar bandido. Às vezes a pessoa roubou um celular, cai aqui dentro e já se envolve com facções, como há ressocialização? Enquanto chegam 100 bandidos aqui, nascem e se formam mais 100 nas comunidades, infelizmente é assim (ALBERGADO 1).

Consideramos que a existência das facções se cria no espaço de ausência do estado, que independente da condição humana, se livre ou privado da liberdade, deve agir no intuito de proteger e ressocializar o sujeito, e, sobretudo revela a existência dispares de poder, resultando em percepções que justificam a necessidade de esquecer o lugar, um dia compartilhado. Na memória o ser humano revive suas experiências através das lembranças, o que já mencionado em relação às vítimas de abuso sexual, agora no contexto do abusador. Nesse sentido, quando questionados sobre as lembranças e a o que querem esquecer, prontamente relaram,

> La dentro tudo. QUERO ESQUECER DE TUDO. Quero fazer de conta que aquilo lá para mim não existiu nunca. É muito horrível, a começar pelo alimento, não é um alimento bom, já cansei de pegar a marmita e a carne escorrendo sangue, como você come uma comida assim? Arroz duro, feijão duro. A comida é péssima. Ai vem às outras coisas (ALBERGADO 02).

> Eu quero esquecer de tudo, mas principalmente do sofrimento da minha família. À família com a gente lá dentro, nós não ficamos presos sozinhos. Sempre que tem alguma rebelião, alguma coisa eles ficam com muito medo aqui fora, até que a gente consegue mandar um “bereu” [32] até eles, ou consegue um “chinelo” [33] para falar com eles e explicar que está tudo bem, que na cela que a gente está estamos seguros, para não ficarem preocupados. Mas a família fica presa junto com a gente (ALBERGADO 1).

[32] Bilhete usado para a comunicação entre os presos e/ou seus familiares.
[33] Gíria comum entre os aprisionados para caracterizar o aparelho celular.

Virar a página e agir como se não houvesse estado no ambiente topofóbico do presidio certamente será difícil para os entrevistados, assim como colocar-se novamente no mercado de trabalho, diante da condenação constante em seu nome. Assim como as vítimas de abuso sexual carregam as marcas dos abusos ao longo da vida, para os abusadores não poderia ser diferente. Porém, no caso dos abusadores, os resquícios são resultantes de uma escolha, o que não condiz em relação às meninas, adolescentes e mulheres, que em nenhuma hipótese, optaram em ter seu corpo violado.

Quadro 9: Singularidades do Abusador

Saffioti (1994) e Jana Petrzelová (2013)
Não há como estabelecer as singularidades dos abusadores sexuais, nem levando em consideração sua aparência física, pertencimento ao status social, e tampouco suas condutas. Possuem comportamento normal: trabalham, frequentam igrejas, áreas de lazer. Usam de sua imagem para praticar o crime. Entretanto, há aqueles que são violentos, fazem uso de bebidas alcoólicas e do poder que exerce no seio familiar para cometer os abusos. É uma pessoa sexualmente madura que sabe discernir e tem a capacidade de entender que seu comportamento como abusador sexual é contra a lei e contra os direitos das crianças. Aparentemente, está integrado a uma vida conjugal e social bastante aceitável. O que significa que o assédio sexual é parte de uma construção voluntária e consciente, de acordo com uma lógica de referência explícita ou implícita.
Pesquisas com agentes penitenciários
No sistema prisional há menores de idade acusados na tipologia do fenômeno em estudo, a homens de mais de 60 anos. Na maioria absoluta dos registros, tais sujeitos não possuem nem o ensino médio e poucos concluíram o ensino fundamental. Entretanto, a menor participação de homens bem instruídos ou de melhor condição econômica se deve também a sua capacidade de ocultar o crime, seja intelectual quanto financeira. Ademais poucos afirmam a pratica do crime, ainda que condenados.
Pesquisas com abusadores
Ambos de origem humilde, e bem articulados, possuem instrução profissional e antes de estar na casa do albergado, desenvolviam atividades remuneradas. Relataram suas histórias de vida, entrada no sistema prisional e experiências no presidio com requinte de detalhes. Ambos possuem problemas familiares e sofreram algum tipo de violência durante a infância e juventude. Ademais, durante as pesquisas foram bem educados, utilizando o pronome de tratamento “senhora” para com a pesquisadora, e pedindo desculpas por cada palavra que achavam pesado ser ouvido por uma mulher.
Pesquisas com as Vítimas
Evidenciaram que os abusadores mantinham comportamento adequado ao meio em que viviam, que horavam as contas, não tinham inimizades. Frequentavam a igreja e demonstrava ser uma pessoa amorosa; eram educados, carinhosos e sórdidos.

Fonte: elaborado pela autora a partir dos autores supracitados e das pesquisas de campo.

5.5 O Sigilo da Justiça e dos Órgãos Governamentais Diante da Natureza da Pesquisa

Durante a construção da pesquisa, evidenciamos por diversas vezes as percepções de pessoas que trabalham nos órgãos de atendimento as vítimas de abuso sexual, assim como profissionais autônomos que as recebem para

atendimento, e daqueles que exercem funções nos setores públicos da justiça sobre as dificuldades em lidar com o fenômeno. Os dados evidenciam para uma série de rupturas desde a formação familiar tanto das vítimas quanto dos agressores, como também do poder público, por não conseguir realizar os procedimentos necessários visando estabelecimento de políticas públicas, ações preventivas e corretivas, acerca do problema.

Nesse sentido, para a psicóloga do abrigo de menores, que contribuiu com o estudo, resta um sentimento de impunidade tanto para agressores, como para a família, o que propicia a ocorrência de novos casos. A profissional relata que,

> A meu ver há falta de punição para o agressor e inclusive aos pais que colocam os filhos em situação de vulnerabilidade. Por exemplo, quando um dos responsáveis fica com a criança e/ou adolescente em ambientes impróprios, ou como é muito comum, quando a mãe faz programas e levam os clientes para dentro da própria casa, expondo a menor aos riscos. Não só do gênero feminino, mas do gênero masculino também. Se houvesse punição não teríamos tantos casos de abuso sexual, principalmente dentro do próprio lar (PSICÓLOGA).

A fala da entrevista alerta sobre a conduta da legislação vigente no país e do próprio estado, que não consegue efetivar sua obrigação de garantir a segurança dos indivíduos. Entretanto, os próprios órgãos responsáveis pelo atendimento ao menor, colaboram para que os problemas tenham menos visibilidade do que a realidade existente na sociedade, uma vez que os procedimentos de acolhida são realizados de forma superficial, e resulta no recebimento de crianças vítimas de abuso sexual, encaminhadas por outros motivos, o que consequentemente mascaram as violações sofridas por crianças e adolescentes. Solidificamos o exposto, através de relatos obtidos, a exemplo,

> A maioria dos casos que chegam até o abrigo eles já teve experiência de abuso sexual, ainda que o motivo do encaminhamento para a casa seja outro, como negligencia, maus tratos. Além disso, quando algumas famílias saem da delegacia com encaminhamento para o CREAS algumas delas não chegam até o órgão, outras preferem nem denunciar devido o fato de ter todo um processo judicial. Então as coisas se perdem pelo meio do caminho. No abrigo, com o tempo, no convívio com as adolescentes e crianças descobrimos que elas foram vítimas (PSICÓLOGA).

Diante da trama de famílias incestuosas, ou até mesmo do que revela os casos de abuso sexual, nos resta uma indagação: O encaminhamento ao CREAS não poderia ser feito em companhia com agentes de segurança pública, evitando extravio do caso e de pessoas no decorrer do percurso? Os órgãos de assistência

social não poderiam ter contato direto como o poder judiciário, no intuito de diminuir os transtornos e aperfeiçoar o tempo entre denúncia, atendimento a vítima e punição ao agressor? Os objetivos do poder público são de fato ter acesso aos casos, manter registros coesos que demonstrem a realidade, pra então elaborar estratégias de combate ao problema?

Necessário considerar a fala das vítimas e abuso sexual, que confirmam a necessidade urgente em reestruturar as politicas voltadas para o assunto, atingindo diretamente crianças e adolescentes que encontram em fase de formação humana, em espaços de ensino. Há um tabu envolto das instituições de ensino que dificultam debater o assunto com os discentes, no qual muitas famílias consideram que falar sobre o tema, é adentrar no espaço privativo e particular do lar, assim como, expor os educandos a assuntos de cunho sexual. Entretanto, com a ajuda do poder público tais paradigmas poderiam ser quebrados, e o assunto ser obrigatório nas unidades de ensino, diante dos casos alarmantes existentes.

Gratidão acredita que “esse tema deveria ser mais falado. Que os resultados colhidos pudessem ser feitos trabalhos em escolas, para alertar as crianças e pais sobre os perigos” (GRATIDÃO). Através de trabalhos realizados em escolas há ações preventivas por meio de informação disposta aos educandos, assim como assistência a possíveis vítimas, que não encontram no espaço doméstico lugar adequado para pedir socorro, o que consequentemente faz com que a violência se perpetue, e os traumas resultantes do processo acompanhe a vítima ao longo de sua vida escolar, podendo interferir no processo de aprendizagem, nas relações com demais educandos, entre outros contextos.

Da mesma forma, Perseverança considera que tal assunto “deveria ser mais abordado, os pais falar mais com os filhos dar a eles liberdades para falar sobre o assunto. Meus pais eram muito fechados nunca falava em sexo, nem quando adolescente e nem depois de adulta este e um erro muito grave, pois se meus pais fossem mais abertos eu teria contado para eles não teria carregado isso por muitos anos” (PERSEVERANÇA). A fala da entrevistada mostra a necessidade de politicas em conjunto, caso o intuito da sociedade seja banir o fenômeno da experiência de muitos humanos, e reduzir riscos de vítimas entre os entes que acreditamos estar seguros.

5. 6 Desafios Da Pesquisa Na Geografia

A geografia propõe a quebra de paradigmas e na presente pesquisa compreendemos a preocupação e os apontamentos de Karl Popper (1980), Thomas Kuhn (2011) ,Edgar Morin (2008), entre outros importantes autores, que apesar de não ter base geográfica, influenciaram na construção científica da geografia, e principalmente, alertaram para a necessidade de se fazer ciência. Este início é importante, pois resumo o teor do presente estudo, em adentrar no campo das subjetividades humanas e nos caminhos pouco trilhados na perspectiva geográfica, concedendo voz aos sujeitos da pesquisa, proporcionando o fenômeno falar por si, em oposição as nossas concepções subjetivas.

Concordamos com Charaudeau (2010, p. 28) no qual apontava que "Nenhuma disciplina, excluindo o momento de seu procedimento de análise, pode ficar fechada em sua ortodoxia. Ela precisa estar disposta a abrir-se a uma dupla interrogação, interna e externa ao seu campo disciplinar", e nos lançamos no campo das pesquisas certo da necessidade de utilizar dos diversos conhecimentos científicos, com ênfase nas ciências sociais, antropologia, filosofia, psicologia, para concretizar o estudo. Nesse sentido, acreditamos ter atingido os apontamentos realizados pelos autores supracitados, em suas obras, como também compreendermos a magnitude e importância de suas e nossas experiências.

Entretanto, devemos registrar os desafios da pesquisa na geografia, diante das situações vividas, assim como enaltecer a boa vontade daqueles que não mediram esforços na busca pelas respostas que surgiam no percurso da construção científica. Em muitos momentos, nossos percalços tiveram início quando os entrevistados não se sentiam seguros para expor o problema, tampouco, ser referenciados no corpo do texto, entendendo que seu discurso através de suas experiências, poderiam se tornar elementos contra si mesmos, e portanto negado ao estudo. As ponderações, o silêncio frente a alguns questionamentos, a falta de tempo na agenda para atender ao pesquisador, e a minimização dos problemas que permeiam os espaços que deveriam dar lugar ao diálogo aberto, sem restrições, mostra a necessidade de (re) pensarmos o papel das entidades e do entendimento em relação à academia no contato com o assunto.

As pesquisas, por vezes eram iniciadas com a afirmação: não quero meu nome na pesquisa. Ou ainda: não diga a instituição ou local onde você obteve as

informações. Não compreendemos a falta de acesso às informações que deveriam ser abertamente realizadas a quem tem interesse, ou melhor, colocadas à disposição da sociedade, uma vez que o problema advém das relações humanas estabelecidas entre sujeitos, que em condições desiguais de gênero e poder, compartilham os espaços geográficos. Sobretudo, o temor dos entrevistados nos causa curiosidade, uma vez que as informações confidenciais assim como documentos, em que somente os profissionais têm acesso, em nenhum momento foram requeridas.

Os números relativos às vítimas de abuso sexual são de difícil conhecimento, e os registros equivalem a uma porcentagem muito abaixo da realidade, resultante do silêncio de muitas famílias que optam em resolver os problemas entre si, do extravio de casos após as denúncias, e pelos muitos registros que ocorrerem em segredo de justiça, no qual os processos são denominados por uma combinação numérica, no qual somente delegados ou juízes tem acesso ao processo. Assim, a quantidade que entram nos registros, nas delegacias de investigações ou outros órgãos, não condizem com a realidade.

A psicóloga do abrigo de menores considera que “em certos momentos acredito que não há interesse sobre o assunto. É receber aqui, realizar os procedimentos possíveis, e tentar o quanto antes concluir o caso, porque há muitas brechas durante o processo de recebimento dos casos, e no tratamento com as vítimas” (PSICÓLOGA). Compreendemos a necessidade da criação de uma rede, alimentada por todos os órgãos, de maneira que a população tenha acesso as informações não confidenciais, a exemplo da faixa etária e gênero das vítimas e abusadores, assim como relação e parentesco, lugar dos abusos, situação socioeconômica, grau de instrução, entre outros.

As poucas pesquisas acerca do fenômeno constituiu outro percalço na concretização do estudo, sobretudo, na ciência geográfica, entretanto que evidencia a necessidade de propagar o uso de assuntos relativos aos produtos das relações humanas, mais comum do que se tem conhecimento. Pesquisas acerca da sexualidade, das desigualdades de gênero, vêm aos poucos ganhando visibilidade, graças ao olhar atento, daqueles que conseguem estabelecer direta conexão com a geografia, e mais que isso, apresentar os resultados a sociedade e a população pesquisada, objetivando dar ênfase à importância de estudos de tal cunho, movidos ainda pela interpretação de que a geografia está em toda parte.

De acordo com Ornat (2008, p. 310) “As discussões sobre gênero, sexualidade e espacialidade podem ser um interessante caminho para que levantemos nossos olhos de nosso pequeno mundo, para este grande, rico e complexo mundo”. Acreditamos poder levar nosso mundo para uma escala ainda maior de conhecimentos, além dos espaços que ocupamos, nesse sentido, ainda assim estaremos saindo de nosso mundo, possibilitando a troca de experiências e o conhecimento de outros mundos.

Salutar as considerações de Joseli Maria Silva (2009, p. 14) ao enfatizar que a geografia “[...] se faz pelas nossas pesquisas cotidianas, que elegem determinados temas e operam com certos conceitos e procedimentos metodológicos para responder aos questionamentos que são considerados dignos e relevantes de serem realizados”. A geografia de gênero deve caminhar para a subsersividade, no intuito de desvendar os caminhos pouco permeados, mas, sobretudo como forma de derrubar a invisibilidade das questões sociais e humanas, que se respaldam no discurso cultural. Em nome da cultura, direitos humanos não equivalem na mesma proporção para todos, de onde emanam os problemas de desigualdades entre os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coisificação da infância e/ou adolescência devido atos de abuso sexual, estimulam o aparecimento de problemas de ordem psicológicos e físicos nas vitimas submetidas ao processo, assim como, por longos períodos pode privá-las de desenvolvimento subjetivo satisfatório, bem como afetar as relações interpessoais estabelecidos em sociedade. Em todos os contextos, o comportamento da vítima está diretamente ligado à condição desta em relação à violação dos corpos, ainda que anos após os abusos sofridos.

A presente pesquisa científica representa um importante suporte de pesquisa, assim como um percurso epistemológico que deu voz a vítimas e agressores, percorrendo caminhos ainda pouco pesquisado, principalmente na ciência geográfica, ao qual consideramos de suma importância, devido o estudo das relações humanas no espaço geográfico. Nesse sentido, importante mencionar as contribuições do campo da geografia humana, que não anula qualquer fenômeno do meio natural, em que ele ocorre, mas utiliza do mesmo para a análise na perspectiva geográfica.

A definição das categorias de análise: lugar, território e gênero, nos deu condição de entender autores que se debruçaram em estudar diferentes fenômenos em locais e contextos distintos, e a partir de suas obras, nos possibilitou a construção da presente pesquisa. Ademais, constatamos que o fenômeno em estudo não se restringe a uma única porção territorial do hemisfério terrestre, assim como, uma pratica que se perpetua por anos ao longo do tempo. As relações de poder estabelecidos sobre mulheres, que define, tipifica, anula, e impõe padrões a serem seguidos, reafirmam o entendimento do gênero feminino, como ser secundário, ainda que este represente metade da população mundial.

Podemos considerar ainda que por muito tempo a produção científica do gênero feminino foi invisibilizada, assim como a desigualdade existente entre os gêneros feminino e masculino, da produção do gênero masculino, heterossexual. Poucos autores denunciavam praticas abusivas praticadas contra o gênero feminino. Nesse sentido, afirmamos que a violência de gênero ocorre em todos os espaços, alternando em maior ou menor grau, assim como salientamos as conquistas de feministas acerca das produções bibliográficas acerca do ambiente vivido pelas mesmas.

Ao longo da pesquisa afirmamos que o gênero feminino constitui a maior parte das vitimas de abusadores sexuais, principalmente crianças, que devido a pouca idade, muitas vezes não conseguem expressar as condutas dos abusadores através da fala e/ou dos gestos para outras pessoas, o que propicia a perpetuação dos atos criminosos por anos e anos. Além disso, através dos suportes bibliográficos e por meio de pesquisas em dissertações, teses e sítios eletrônicos, concluímos que na adolescência a maior parte das vítimas é também do gênero feminino, possuindo cada vez menor participação do gênero masculino, após os 10 após os dez anos idade.

Os abusadores sexuais na maioria absoluta dos casos são do gênero masculino, e possuem contanto direto com a vítima. Isso faz com que os mesmos criem laços de afetividade e confiança em relação à vítima, o que posteriormente contribui para a perpetração dos atos de abuso sexual. Ademais, na maioria dos casos os abusadores são aqueles que deveriam proteger a menina/adolescente das más ações presentes nas relações sociais existentes na sociedade, sendo o pai, padrasto, avô, tio, irmão, e demais pessoas da confiança e do vinculo afetivo da vítima. Tal fato demonstra a vulnerabilidade do lar, assim como desmistifica concepções de que os casos de abuso sexual são praticados em vias públicas e por pessoas estranhas.

Diante disso, constatamos também a vulnerabilidade do Lar, assim como o lugar onde a maioria absoluta dos casos de abuso sexual contra crianças ocorre, e grande parte onde as adolescentes têm seus corpos coisificados. O ambiente do lar é restrito a poucas pessoas, o que propicia a prática criminosa, bem como dá condições para que o abusador tenha total controle sobre as vítimas, que além dos atos de abuso sexual, tendem a sofrer violência psicológica e violência física. Em todos os contextos, os atos de abuso sexual contribuem para o aparecimento de problemas psicológicos nas vítimas, que lidam com o problema de maneira subjetiva.

Dentre os problemas identificados ao longo do debate entre os autores, e da construção do estudo, bem como a partir das pesquisas de campo, verificamos que o medo em relação ao ambiente vivido pela vitima e pelo abusador, é o principal elemento, descrito pelas entrevistadas. Além disso, os sentimentos de dúvidas, omissão e revolta, em relação à mãe foi também identificado no discurso de duas entrevistadas, devido a conduta de omissão da genitora, frente a situação de sub-

humanísmo ao qual as vitimas eram submetidas. A lei do silêncio que impera em muitos lares onde a violência sexual é uma realidade, prolonga o sofrimento das vitimas, contribui para o aumento ou intensificação de problemas resultantes do fenômeno, e permite que abusadores continuem a conviver em meio à sociedade, e a fazer outras vítimas, contribuindo para a falsa ideia de impunidade perante o sistema penitenciário.

Abusadores sexuais ao adentrarem no sistema carcerário, experimentam um mundo de medo, insegurança e violência, por parte de outros detentos que não toleram crimes de tal natureza, possível de se confirmar nos suportes bibliográficos utilizados ao longo do estudo, e principalmente a partir do relato dos abusadores sexuais, obtidos ao longo da pesquisa de campo. Afirmamos que a chegada do abusador no sistema prisional representa, para o sujeito, o mesmo mundo que ele proporciona a sua vítima, ou as suas vítimas.

Os problemas resultantes dos abusos sexuais, ao longo do desenvolvimento da criança e adolescente, podem interferir nas relações interpessoais da vítima, em todas as fases humanas subjetivas, sobretudo na fase adulta, quando a vítima pode apresentar dificuldades em estabelecer relações pautadas na confiança, levando em consideração as rupturas de anos anteriores. Nesse sentido, podemos afirmar que a violência sexual causa danos que extrapolam o período de ocorrência, e não se limitam apenas a vítima, bem como aqueles que com ela (com) vivem.

Consideramos importante apontar a urgência de políticas públicas visando inibir a prática criminosa, que de fato sejam efetivas e se estenda a todos os recintos. É necessário que o tema seja falado abertamente, que as informações sejam levadas até as crianças e adolescentes, no intuito de informá-los acerca dos atos de abuso sexual, denúncias e, sobretudo, acolher aqueles e/ou aquelas submetidos ao crime. Neste sentido, os programas governamentais existentes são ainda ineficazes, uma vez que como evidenciado ao longo das pesquisas de campo, muitos casos não são denunciados, e tantos outros se perdem pelo meio do caminho, o que consequentemente colabora para a sensação de impunidade do abusador e aprisionamento da vítima.

Os números acerca dos casos de violência sexual são de difícil obtenção, e isso mascara a realidade da prática criminosa em nosso país, pessoas que trabalham nos órgãos do sistema judiciário e diretamente com acolhimento de menores vítimas de abuso sexual, afirmam que os registros são em torno de trinta

por cento em relação à realidade. Há grande dificuldade na obtenção destes dados, o que poderia ser resolvido com a criação de uma rede de informações, alimentada pelos órgãos que recebem as denúncias, e por aqueles que ao lidar com as crianças e adolescentes, tem conhecimento do crime. Esta rede pode ser acessada por qualquer cidadão que se interesse pelo fenômeno, assim como por famílias, pesquisadores e pesquisadoras, unidades de ensino, entre outros, objetivando a criação de programas e ações contra o abuso sexual.

Pesquisar o tema é no mínimo desafiador, porém necessário e urgente. Assim, a pesquisa é um convite para que mais estudiosos e estudiosas adentrem no espaço obscuro das relações familiares, e percorram os caminhos que tantas vezes são invisíveis, vivenciados por brasileiras e brasileiros que deveriam desfrutar do desenvolvimento subjetivo saudável, mas que no decorrer do percurso, tornam-se objetos de satisfação sexual. Importante levar as informações as academias científicas, debatendo o fenômeno e colaborando para efetivação das políticas públicas em prol dos direitos humanos, concomitante as leis que amparam as crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A Evolução do Pensamento Geográfico** e a Fenomenologia. Sociedade & Natureza, Uberlândia, v.11, n. 21-22, p. 67-87, Jan./Dez. 1999.

ALBANO, Manuel; SILVA, Marta. In: Violência Doméstica: Implicações Sociológicas, Psicológicas e Jurídicas do Fenômeno. Manual Pluridisciplinar. Coordenação Científica: GUERRA, Paulo; GAGO, Lucília. Disponível em: http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/outros/Violencia-Domestica-CEJ_p02_rev2c-EBOOK_ver_final.pdf. Acesso em 14 de Janeiro de 2019.

ALVES, Flamarion D. **Considerações sobre métodos e técnicas em geografia** humana. Dialogus, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 227-241, 2008

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Crianças vitimizadas: A Síndrome Do Pequeno Poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

_____. **Mania de bater** – a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Iglu, 2001. 373 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERNARDES, Genilda D'Arc. In: **Pesquisa Qualitativa: aplicações em Geografia**. (Org.) Vera Lúcia Salazar Pessôa, Aldomar Arnaldo Rückert Julio Cesar de Lima Ramires. – Porto Alegre: Imprensa Livre, 2017. 568p.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba. Editora da UFPR. 2008.

BRASIL. Lei N° 8.069 de 13 de Julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em 21 de abr. de 2019.

_____. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em 03 d jun. de 2019.

_____. **Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017.** Secretaria de Vigilância em Saúdes/ Ministério da Saúde. Volume 49, Nº 27, Jun. 2018.

BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Trad.: Renato Aguiar. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008;

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, A (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.

BUZAN, Tony. **Mapas Mentais**. Tradução de Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CANDAU, Joël**. Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CARVALHO, Maria da Conceição Vicente de. **Santos e Geografia Humana Do Litoral Paulista.** Tese de doutorado, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da universidade de são Paulo, 1944. Transcrito in: ARAUJO FILHO, J. R. "a expansão urbana de Santos". São Paulo Edusp, 1965.

CASTRO, Margareth de. **Sobre Paul Claval: impressões e registros geográficos**. In: É geografia, é Paul Claval. (Org.) Maria Geralda de Almeida, Tadeu Alencar Arrais. – Goiânia: FUNAPE, 2013. 176 p.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 205-316.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira **"Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013"**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Orientadora: Profª Drª Joseli Maria Silva, Ponta Grossa, 2015. 138f.

_____. Tamires Regina Aguiar de Oliveira. Gênero e prática científica: uma análise da produção acadêmica da geografia brasileira a partir dos periódicos On Line. In: **Anais**.. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: Várias autoras, Perspectivas Antropológicas da Mulher, nº 4, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985, pp.25-62.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

COLOMBARA, Mónica. **Cómo las mujeres vivimos la ciudad"?.** Univ. Nac. De Lomas de Zamora, R. Argentina, 1996, p. 1 a 6.

CORDEIRO, Flávia de Araújo. **Aprendendo a prevenir: orientações para o combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes** - Brasília: Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e da Juventude, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: Geografia: Conceitos e Temas. (Org.) CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORREA, Carolina Zundt. **Objeto de estudo da geografia: uma análise do conceito segundo os professores da rede pública de ensino de Londrina-PR**. Dissertação apresentada para banca de defesa do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014.

CORRÊA, Rúbian Coutinho. (Org.). **O enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher: uma construção coletiva**. Conselho Nacional de Procuradores-Gerais, 2011.

COSTA, Lúcia Cortes da. **Gênero: uma questão feminina?** Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. Núcleo de Pesquisa em Desigualdade e Exclusão no Espaço Local-NUPES. Disponível em www.uepg.br/nupes/genero.htm. Acesso em 30 de mai. de 2019.

DARDEL, Eric. 1899-1967. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, perspectiva 2011.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a Geografia**. In: Michel Foucault, Microfísica del Poder. Madrid: Edissa Santiago Estevez, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; Petrópolis, Vozes, **1987**. 288p

FREITAS, Edinaldo Bezerra de. **Fala de Índio, história do Brasil: O desafio da Etno-História indígena**. História Oral, São Paulo, n. 7, p. 181-197, jun. 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo : Global, 2003. 375p.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GIOMETTI, Ana Lúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território**. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, p. 33-40, 2012.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: Uma revisão**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

HUME, David. **Tratado De La Naturaleza Humana**. Editora Nacional, Madrid (España). 871 p.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 2ª ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

INFOPEN/RO. Secretária do Estado de Justiça de Rondônia. **Quantitativo de Custodiados por Regime de Cumprimento de Pena e Benefícios**. Disponível em: http://www.rondonia.ro.gov.br/sejus/institucional/infopen/infopen-2019/. Acesso em 17 de jun. de 2019.

KENDALL-TACKETT, Kathleen A; WILLIAMS, Linda Meyer; FINKELHOR, David. **Impact of Sexual Abuse on Children: A Review and Synthesis of Recent Empirical Studies.** Psychological Bulletin, Vol. 113, N. 1, p. 164-180**,** 1993.

KOZEL, Salete. **Mapas Mentais: Dialogismo E Representações.** Curitiba: APPRIS, 2018, 271p.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 10ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LAN, Diana. **Género y territorio: la violencia doméstica en espacios de vulnerabilidad y exclusión social . notas a partir de un caso en Argentina**. In: (Org.): Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

LEFÉBVRE, Henri. **La produccion del espacio**. Título original: La production de l'espace **(1974)**. Madrid: Capitn Swing Libros, 2013.

_____. **Espacio y Política: El derecho a la ciudad**, II. Barcelona: Rigsa, 197ó. 80 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas elementares do parentesco; tra**dução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982. 518p

_____. **A família indesejada**. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 291-350.

LYOTARD, Jean François. **La Fenomenologia.** Buenos Aires: EUDEBA Fundada por la Universidad de Buenos Aires, 1973.

_____. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MARTIN, Maria Izabel Devos. **Violência sexual contra a criança e o adolescente: Desconstruindo mitos, Construindo práticas no cotidiano escolar.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2007.

MASSEY, Doreen B. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

_____. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações.** GEOgraphia, revista da pós graduação em geografia da UFF. Ano 6, n. 12. Niterói/RJ, UFF/EGG, 2004.

_____. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008, 312 p.

_____. **A mente geográfica**. Niterói: Revista Geographia, vol. 19, n. 40, p. 36 - 40 2017.

_____.. **Superando a visão romântica sobre o lugar**. Entrevista revista Unissinos. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515130-superando-avisao-romantica-sobre-o-lugar-entrevista-com-a-geografa-doreen-barbara-massey. Acesso: em 20 de Jul. de 2019.

MATOS, Patrícia Francisca de; PESSÔA, Vera Lúcia S. **Observação e entrevista:** construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, Júlio César de L.; PESSÔA, Vera Lúcia S. (Org.). Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 279 – 291.

LYRA, Ana Paula de Aquino Pereira **Geografia E Sexualidade: O Espaço E Lugar De Meninas Amazônidas No Contexto Da Violência Sexual Intrafamiliar**. Porto Velho: Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Rondônia, 2015.

MCDOWELL, Linda. **Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999. 284 p.

MDH. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018, 377p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Lo visible y lo invisible**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Violência e Saúde**: Temas em saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MINKOWSKI, Eugene. **Lived Times: Phenomenological and Psychopathological Studies**. Evanston, Northwestern University Press,1993.

MORAES, Gabino Ribeiro. **A Pesquisa Quali/Quantitativa Em Geografia**: Múltiplos Métodos Para O Caso De Timor-Leste. In: Pesquisa qualitativa: aplicações em

Geografia. (Org.) Vera Lúcia Salazar Pessôa, Aldomar Arnaldo Rückert Julio Cesar de Lima Ramires,– Porto Alegre: Imprensa Livre, 2017.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008.

MOTTA, Marlene François. Espaço Vivido\ Espaço Pensado: o lugar e o caminho. Porto Alegre – RS, 2003. p. 7-152.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **Geografia e Gênero em assentamentos rurais**. IN: SILVA, Maria Joseli; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro. Espaço, Gênero e Poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. Florianópolis: Estudos Feministas, p. 229-245, janeiro-abril/2008.

ORNAT, Marcio Jose. **Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista**. Terr@ Plural, v. 2, n.2, p. 309 322, 2008.

PACCA, Jesuína L. A.; VILLANI, Alberto. **Categorias de Análise nas Pesquisas Sobre Conceitos Alternativos**. São Paulo: Revista de Ensino de Física, Vol. 12, p. 123-138, 1990.

PETRZELOVÁ, Jana. **El Abuso Sexual De Menores y El Silencio Que Los Rodea**. Madrid: Plaza y Valdés, 2013. 171 p.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215-252.

POPPER Karl R. **Conjecturas e refutações: o progresso do conhecimento científico.** Brasília: Editora da UnB. 1980.

RAMOS, Hugo Roberto Duarte; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar. **Encontros e desencontros das informações: o caminho metodológico da pesquisa**. In: Pesquisa qualitativa: aplicações em Geografia. (Org.) Vera Lúcia Salazar Pessôa, Aldomar Arnaldo Rückert Julio Cesar de Lima Ramires,– Porto Alegre: Imprensa Livre, 2017.

RANGEL, Patrícia Calmon. **Abuso sexual intrafamiliar recorrente**. Curitiba: Editora Juruá, 2001

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecilia França. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

REIS, Maíra Lopes. **Estudos de gênero na geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. Espaço e cultura, UERJ, RJ, N. 38, p. 11-34, JUL./DEZ. DE 2015.

RELPH, Edward: **Place and placelessness**. Londres: Pion, 1976.

_____. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Geografia. Rio Claro, v. 4, n. 7, Abr. 1979.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Os sons do silêncio: interpelações feministas De coloniais à história da historiografia.** Hist. Historiogr. v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, p. 104-140 - DOI: 10.15848/hh.v0i28.1414.

ROSSINI, Rosa Ester. **Superando a discriminação: mulher e trabalho na modernidade tecnológica no Brasil**. In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). Populações: (Con) vivência e (In) tolerância. São Paulo: Editora da USP, 2004, p. 245 - 257.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Editora Universidade de Brasília – Brasília/DF; Editora Ática – São Paulo/SP – 1989.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987, 124 p.

_____. **Violência de gênero no Brasil atual**. Estudos Feministas, ano 2, 444, 2° semestre 94, p. 443- 461, 1994.

_____. **Síndrome do Pequeno Poder**. In: Crianças Vitimizadas: Síndrome do pequeno poder. (org.) AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. São Paulo: Iglu, 2001. 373 p.

_____ **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: EDUSP, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667. Acesso em 11 de Janeiro de 2019.

SILVA, Joseli Maria. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de historia regional. Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

_____. **Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades**. (Org.): Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

SILVA, Josiane Alves. **O processo de revitimização de crianças que vivenciam a violência sexual**. Boletim Científico ESMPU. Brasília, N. 47, p. 11-52 – jan./jun. 2016.

SILVA, Julio César Félix da. **Categorias Analíticas Da Geografia: Caminhos Para Leitura Do Espaço Geográfico**. Revista Diálogos – N.° 14, P. 237-250, 2015.

SPÓSITO, Eliseu S. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature**. The Canadian Geographer, v. 15, n. 3, p. 181-192, 1971.

_____. **Space and Place: The Persceptive of Experience**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1977.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Paisagem do Medo**. Traduzido por: Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.